

AUTORES & LIVROS

SUPLEMENTO LITERÁRIO DE "A MANHÃ"
14/12/941 publicado semanalmente, sob a direção de Múcio Leão (Da Academia Brasileira de Letras) Num. 18

NOTÍCIA SOBRE SALVADOR DE MENDONÇA

No dia 5 do corrente, transcorreu a data da morte de Salvador de Mendonça. Falleceu ele em 1913, aos 72 anos de idade.

Em 21 de julho do ano que está correndo, passou o primeiro século, sobre o seu nascimento. Atores e Livros consagraram, hoje, suas páginas, a esse escritor, que não chegou a ter popularidade em seu país, mas que, por muitas faces, pode ser considerado um modelo e, às vezes, um precioso e esplêndido modelo.

Salvador de Mendonça deixou o seu nome impresso em vários domínios da inteligência em nossa terra. Ele foi jornalista, foi homem de letras, foi diplomata. E foi, sobretudo, essa raridade e primacial, um cidadão exemplar.

Em todos os traços de sua vida vemos o ardente amor com que ele amou o seu país. Jornalista experientado em fulgurantes campanhas no Rio e em São Paulo, ele marcou época com a sua atuação. Sua atividade a frente do "Ipiranga", em São Paulo, no decênio de 60, assinalou o início da propaganda republicana no Brasil. Vindo para o Rio, mais tarde, fundou com Quintino Bocaiuva o jornal "A República". Foram esses dois que redigiram o famoso documento histórico, conhecido como "Manifesto de 70". Esse sentimento ardente de republicano, Salvador de Mendonça o acentuou em muitos outros traços de sua esplêndida e nobre vida. Estava em Washington, acreditado como nosso ministro em missão especial, quando veio a proclamação da República. Tomou a defesa do regime implantado pelo marechal Deodoro. E foi a ele, todos os conhecedores do assunto o reconhecerem, que a República deveu o seu fácil e pronto reconhecimento pelos Estados Unidos. Ainda grande foi o serviço que lhe deveu a República, quando, em 1893, explodiu a revolta da Armada. Salvador tornou a evitar que os Estados Unidos reconhecessem os direitos de beligerantes aos revoltosos — o que teria, sem dúvida, complicado a situação florianista, não se podendo saber a que novas consequências teria chegado a luta. Esse grande amigo da República foi, em 1894, escolhido injustamente pela República, pois acabou exonerado do seu cargo, e só a muito custo, conseguiu ver restituída essa injustiça. Hoje o Brasil reconhece os excepcionais serviços que deve a Salvador de Mendonça. E já foi inaugurado um belo monumento em sua honra, na cidade fluminense de Itaboraí, terra em que ele nasceu.

Como homem de letras, como poeta e como romancista, Salvador de Mendonça revelou o mesmo e nunca adormeceu

amor pelo Brasil. Como poeta, ele soube, inspirar-se sempre nas tradições e nas lendas brasileiras. Seus poemas evocam episódios e coisas, figuras do velho Brasil. E Alberto de Oliveira classificou o livro das "Lendas da Serra e da Baixada", que ele imaginou publicar e nunca publicou, como sendo o mais brasileiro dos livros ainda escritos no Brasil. Como romancista, o único romance que ele escreveu, "Marábia", é uma página deliciosa, de vivacidade, de cor local, ambiente brasileiro e, nela, como que respiramos a atmosfera de nossas selvas e de nossas cidadezinhas do interior.

Tendo ido para os Estados Unidos, em 1875, como nosso consul em Nova York, Salvador foi, anos depois, nosso ministro em Washington. Ali esteve durante quase vinte anos. E a grande situação que desfrutou nos Estados Unidos é conhecida de todos. Oliveira Lima, por exemplo, em uma das páginas de suas "Memórias", recorda em traços vivos o imenso prestígio de que nos meios mundanos americanos e na alta política do país gozou o ministro brasileiro. Salvador de Mendonça foi amigo de homens como os presidentes Mac Kinley e Harrison, e como os secretários de Estado Blaine e Gresham, com os quais privou, na mais afetuosas das intimidades. Casado com Mary Redman, uma poetisa e escritora de raro talento, ele soube fazer de seu lar um dos recantos mais queridos à alta sociedade de Washington.

TRAÇOS DA VIDA DE SALVADOR DE MENDONÇA

Salvador de Menezes Drummond Furtado de Mendonça nasceu a 21 de julho de 1841, na então vila, hoje cidade de Itaboraí, na província fluminense. Era filho do comendador Salvador Furtado de Mendonça, que pertencia à família dos Furtados de Mendonça, dos Açores e de Portugal, e de D. Amália de Menezes Drummond, descendente dos Drummonds da Escócia. D. Amália era filha do coronel João Hilário de Menezes Drummond, autor de um "Dicionário de Nome Próprio". Esse coronel João Hilário foi homem de varonis virtudes de chefe e dele dizia Rodrigues Torres que governava Itaboraí, "com o seu bengalião de capitão-mór e a sua extrema bondade de coração". Foi de sua própria mãe que Salvador recebeu os rudimentos de sua educação, iniciando-se no conhecimento das línguas, da música e do desenho. Em Itaboraí frequentou uma escola pública, que funcionava do lado do prédio em que estava instalada "A Civilização", o jornal de João Hilário e de seu irmão José Augusto Torres de Menezes. Aos 12 anos, vai para a Corte, continuar, no Colégio

Marinho, a instrução iniciada em Itaboraí. Tem como colega, então, Sizenando Nabuco. Os dois anos seguintes — os de 53 e 54 — estudará no Colégio Curúcio, na rua do Lavradio. São seus colegas de estudo José Pereira Guimarães, mais tarde almirante, Manuel Rodrigues de Azevedo e Caetano Campos, mais tarde médicos; e Antônio Rodrigues de Azevedo, mais tarde magistrado. São seus mestres ali Castro Lopes Adolfo Daux, Ferreira Pinto, Carlos Frederico de Lima e Silva, Antônio Mariano da Silva Pontes e Joaquim José Lampreia Camello Mimosa. Sobre todos esses alunos, sobre todos esses mestres, sobrepairava, porém, o nome do Barão de Taubaté, que foi diretor do estabelecimento, e que findou por lhe dar o seu nome.

Salvador de Mendonça foi distintíssimo aluno. Ao terminar os preparatórios, aos 17 anos, o Barão de Taubaté levou-o à presença de Pedro II, como um prêmio aos seus esforços de estudante. E' ao finalizar o curso de preparatórios, em 1858, que Salvador de Mendonça faz a primeira tentativa nas letras: compõe para o teatro uma adaptação de "O Zóbo", de Alexandre Herculano, trabalho de 132 páginas manuscritas. Submetido ao Conservatório Dramático Brasileiro, foi aprovado pelo parecer do censor J. J. do Rosário, e referendado por Nascimento Silva.

Nunca, porém, foi representado. E' a esse tempo, ou pouco antes, que Salvador de Mendonça faz amizade com Machado de Assis. Num discurso pronunciado na Academia um ano antes de morrer, ele lembrou esses dias da adolescência, e o seu convívio diário com o autor de "Bras Cubas", que era caixeiro da Paula Brilo; com Manuel de Almeida, o autor das "Memórias de um Sargento de Milícias"; com Henriques Cezar Muzio, e com José Antônio, autor das "Lembranças", e com Casimiro de Abreu. Às vezes juntavam-se a esse grupo de amigos adolescentes outros escritores, já velhos e consagrados: Joaquim Manuel de Macedo, que Salvador havia de escolher para seu patrono na Academia; Gonçalves Dias, "com o seu corno fanático, aspecto melancólico e olhar genial"; Araújo Porto Alegre, "com seu físico de urso e a perene jovialidade da saúde da alma e do corpo".

Em 1859, vai Salvador de Mendonça para S. Paulo, e ali se matricula na Faculdade de Direito. São seus colegas de turma Campos Sales e Prudente de Moraes. Sua "república" é no alto da serra Tabatinguera. Mora com Teófilo Ottoni Filho, Sizenando Nabuco e Antônio de Padua Fleuri. No mesmo ano inicia a sua colaboração na "Revista Mensal do Ensaio Filosófico Paulistano". Ali publica a poesia "Singairu", "lenda das margens do Pirai,

(Continua na página seguinte)



"Salvador de Mendonça"

SUMÁRIO

- PAGINA 377:
— Notícia sobre Salvador de Mendonça
— Sumário
- PAGINA 378:
— Salvador de Mendonça e o secretário Blaine. Um episódio da história do Pan-Americanismo.
— Reminiscência de Pedro II, de Salvador de Mendonça
- PAGINA 379:
— A contribuição de Salvador de Mendonça no Manifesto de 70.
— Correspondência de escritores. Carta de Salvador de Mendonça a Afonso Celso.
— O último porto, três sonetos de Salvador de Mendonça
- PAGINA 380:
— Salvador de Mendonça e a República Brasileira, de Carlos Sussekind de Mendonça
— Salvador de Mendonça visto por Humberto de Campos
— O tempo antigo e o tempo de hoje, de Salvador de Mendonça
- PAGINA 381:
— As Frelas de Calce (Lendas da Serra e da Baixada), poema de Salvador de Mendonça
- PAGINA 382:
— O sr. Salvador de Mendonça, de José Veríssimo
— Salvador de Mendonça e o regime republicano, Carta a Campos Sales
- PAGINA 383:
— Correspondência de escritores. Carta de Salvador a Lucio de Mendonça
— Visita à casa da infância, de Salvador de Mendonça
- PAGINA 384:
— João Caboclo (Lendas da Serra e da Baixada), poema de Salvador de Mendonça
- PAGINA 385:
— Sonetos de Amor (treze sonetos inéditos), de Salvador de Mendonça
- PAGINAS 386, 387 e 391:
— Correspondência de Salvador de Mendonça com Machado de Assis
- PAGINAS 388 e 389:
— O esforçado diplomata de Império e da República, de Múcio Leão
- PAGINA 390:
— O folheto Regeneração. O primeiro dinheiro ganho, de Salvador de Mendonça
— Uma preciosidade do arquivo de Salvador de Mendonça. Um officio do governo da Venezuela. Correspondência de escritores. Carta de Silvio Romero a Salvador de Mendonça
— Salvador de Mendonça, nas palavras de Bernardino de Campos
- PAGINA 392:
— A passagem de Itaboraí, de Salvador de Mendonça
— Em Itaboraí, a cidade natal de Salvador de Mendonça (documentação fotográfica)
— Salvador de Mendonça e a política. De uma carta endereçada a Campos Sales
- PAGINA 393:
— Bibliografia de Salvador de Mendonça (Organizada de acordo com as notas de Carlos Sussekind de Mendonça, por M. L.)
- PAGINA 394:
— Salvador de Mendonça na Academia. Seu combate à candidatura de Lauro Muller (Discurso)
- PAGINA 395:
— A projetada História da Regeneração, por Salvador de Mendonça
— Mames Tuleiras, seis sonetos de Salvador de Mendonça
- PAGINA 396:
— Correspondência de escritores. Carta de Salvador de Mendonça a Feliciano Pena
— O Adeus da Academia. Palavras de Oliveira Lima no túmulo de Salvador de Mendonça
— Saldanha Marinho, de Salvador de Mendonça
— Correspondência de escritores. Duas cartas de Rui Barbosa a Salvador de Mendonça
- PAGINA 397:
— Versos a Lucio, três sonetos de Salvador de Mendonça
— Salvador de Mendonça apreciado por Carlos de Laet
- PAGINA 398:
— A vida e de cabeça baixa, de Alvaro Moreyra
— Sobre Baudelaire, de D. Milana
- PAGINA 399:
— A mais suave, poema de Henriqueta Lisboa, com ilustração de Trinas Fox
— Velhos jardins mineiros, de Afonso Arinos de Melo Franco
- PAGINA 400:
— Fuga, de Sara Souza, com ilustração de Santa Rosa
— Efemérides da Academia
— Xavier Marques na intimidade, de Antonio de Campos
— José de Alencar monarquista

NOTÍCIA SOBRE SALVADOR DE MENDONÇA E O SECRETÁRIO BLAINE

(Continuação da página anterior)

1867". Antônio Joaquim de Macedo Soares, a quem essa poesia era dedicada, faz questão de editá-la em folheto. E esse folheto saiu na Tipografia de Melo e Matos, no mesmo ano de 1869.

Em 1860, colabora no "Caleidoscópio", publicação do Instituto Acadêmico Paulistano; na "Revista Popular", que a Livraria Garnier edita na corte. E funda com Teófilo Ottoni Filho um jornal — "A Legenda".

No "Caleidoscópio", em colaboração com Luis de Bivar e Belfort Duarte, publica Salvador de Mendonça, nessa época, uma comédia-drama, em 5 atos e 7 quadros — o "Romance de um moço rico", imitação de Emery. Essa peça foi aprovada pelo Conservatório Dramático Brasileiro em 5 de janeiro de 1860.

Na "Revista Popular" ele se estreia em nova atividade: a de crítico literário. Publica então as "Duas palavras sobre um grande livro", que é um estudo de "Flores Silvestres", de Bittencourt Sampaio.

Na "Legenda" vai-se iniciando nos assuntos de crítica social e política, e forjando as armas com que há de ser, mais tarde, um denodado e pujante jornalista. Em fins de 1869 morrem seus pais. Salvador tem apenas 19 anos e vê-se chefe de uma família de oito irmãos. Deixa São Paulo, interrompe o curso, e vem morar no Rio. Entra para a redação do "Diário do Rio de Janeiro", de Saldanha Marinho, onde torna a encontrar velhos amigos, como Machado de Assis e Henrique Oscar Muzzio, e onde faz amizade com Quintino Bocaiuva, Pinheiro Guimarães e outros. Faz-se também professor de História Natural, Geografia e Retórica. Em 1861 casa-se com D. Amélia Clemência Lúcia Luisa de Lemos, filha do dr. Maximiliano Antônio de Lemos, advogado e neto do barão do Rio Verde, João Antônio de Lemos. Com o novo estado, suas responsabilidades aumentam. Salvador faz-se professor de Latim, e multiplica-se em atividades. Inicia, igualmente, o trabalho em outros jornais: no "Jornal do Comércio" faz a crítica teatral; no "Correio Mercantil" faz a "Semana Literária".

Simultaneamente, vai criando sua obra de teatro. Em 1861 escreve "A Herança", que nunca será levada à cena em português, sendo-o, porém, em inglês, num teatro de Nova York, com o título de "Money", em 1868. É da mesma época sua tragédia lírica "Joana de Flandres", que serviu de libreto para a ópera de Carlos Gomes. Em 1864, entrou Salvador de Mendonça para a redação da "Atualidade", o jornal de Luis Barbosa e Flávio Farnese. E em suas colunas que ele publica os perfis que depois tirará em folhetos — a série do "Dilettantismo" — em que há estudos de Isabel Alba, Mariano Padilha e Ladislau Miller.

Em 1865, é ele encarregado pelo Marquês de Olinda de reger a cadeira de Corografia e História do Brasil, no Imperial Colégio Pedro II, em substituição a Joaquim Manuel de Macedo, que temporariamente tem que se afastar de sua cátedra. A indicação fora feita pelo próprio catedrático. A turma e de bacharelados, e Salvador tem ali como alunos Rodrigues Alves, Joaquim Nabuco, Vieira Fazenda, Moreira Pinto, Moncorvo, Jaguaribe, Luis Belin, e outros. Sua colaboração em jornais continua ativa, e é sobretudo de assuntos de crítica literária. É nessa fase o aparecimento da "Regeneração", que ele publica com o pseudônimo de "Demófilo", e também o são os "Apontamentos biográficos para a história da campanha do Uruguai e do Paraguai", desde 1864, trabalho escrito em colaboração com Vitor Dias e o Padre Antônio Alves Guedes

Vaz. Em 1867, regressa Salvador de Mendonça a São Paulo, para concluir o curso de Direito. E' então que assume o cargo de diretor de "O Ipiranga", órgão do Centro Liberal de S. Paulo. Com essa função, acumula a de secretário de Saldanha Marinho, no governo da província. Bacharel em 1869, recebe Salvador o oferecimento de uma cadeira de deputado geral, que, por intermédio de Martim Francisco, lhe faz o Centro Liberal de S. Paulo. Ele não a aceita, e se transfere para o Rio. Com Saldanha Marinho vai trabalhar como advogado.

1870 vê a fundação do Clube Republicano, organização devida a Saldanha Marinho, Salvador de Mendonça e Quintino Bocaiuva. E' então redigida a peça histórica, hoje conhecida com o nome de "Manifesto de 70", cujo capítulo "A verdade democrática", é da autoria de Salvador de Mendonça. Com a organização definitiva do Partido Republicano, Salvador é um dos membros do diretório. São seus companheiros Saldanha Marinho, Quintino Bocaiuva, Lafayette Rodrigues Pereira e Aristides Lobo. No ano de 1870, aparece a "República", em cuja redação se congregam Quintino Bocaiuva, Salvador, Miguel Vieira Ferreira, Aristides Lobo, Flávio Farnese, Lafayette, Pedro Soares de Meireles.

A esse tempo — 1872 — e tendo-se afastado da "República", a grande atividade de Salvador de Mendonça consiste em traduzir obras do francês. Gautier, Musset, Feuillet, Arsène Houssaye, Paul Féval, Jules Sandeau, são autores cujas obras ele traduz para a Casa Garnier. Traduzira igualmente Vitor Hugo e Julio Verne. Em 1874 regressa ao jornalismo, indo trabalhar no "Globo" com Quintino Bocaiuva.

A data de 1875 tem na vida do escritor uma significação particular: é então que ele publica "Marabá", o seu primeiro e único romance, para o qual José de Alencar teve palavras de tão justo encômio. No mesmo ano, fica viúvo. Em 23 de junho de 1875, é nomeado Consul Privativo do Império, em Baltimore. Logo depois, porém, vagando o consulado de Nova York, é ele nomeado para esse cargo. A 3 de maio de 1876 é promovido a Consul Geral do Brasil nos Estados Unidos. No mesmo ano, representa o Brasil na Exposição do Centenário de Filadélfia. Em 1877, casa-se com Maria Redman, moça de brilhante família norte-americana.

De 1878 a 1883, redige para "O Cruzeiro", do Rio, as "Cartas Americanas". De 1880 a 1881 redige para o "Diário da Bahia" as "Cartas dos Estados Unidos".

Em 1896 é agraciado com a Ordem da Rosa.

Em 6 de julho de 1889, Salvador é nomeado Enviado Extraordinário e ministro Plenipotenciário em Missão Especial nos Estados Unidos e Delegado do Brasil à 1.ª Conferência Internacional Americana. Achava-se nesse posto, e tinha como chefe Lafayette Rodrigues Pereira, quando foi proclamada a República no Brasil. Salvador pôs em campo, então, toda a sua influência junto aos políticos e diplomatas norte-americanos — e especialmente junto ao seu grande amigo Blaine — para obter do governo de Harrison o reconhecimento da República Brasileira. Em memorável carta enviada a Flint, que era um dos delegados dos Estados Unidos à 1.ª Conferência Pan-Americana, o secretário Blaine proclama o quanto deveu o reconhecimento da República Brasileira a Salvador de Mendonça.

Salvador se faz, na 1.ª Conferência Pan-Americana, um denodado campeão do arbitramento obrigatório e da abolição do Direito de Conquista.

Em 12 de abril de 1890, é exo-

nerado, a pedido, do Consul Geral do Brasil em Nova York. Tem promessa de ir para Roma, como ministro, na legação que está em vésperas de ser criada. Não obtem, contudo, a nomeação, e continua nos Estados Unidos, como ministro em missão especial. Em 18 de dezembro de 1890, é exonerado do cargo de ministro em missão especial, por se achar finda a mesma. No mesmo dia é nomeado Enviado Extraordinário e ministro Plenipotenciário de 1.ª classe, em Washington.

No ano seguinte, em Nova York, opera-se do glaucoma, que desde algum tempo lhe reduzira e quase inutilizara a vista.

Em 1893, durante a revolta, Salvador trabalha ativamente nos Estados Unidos, para impedir que o governo do país reconheça aos revolucionários brasileiros o direito de beligerância.

Na fundação da Academia Brasileira de Letras, em 1896, é Salvador de Mendonça um dos nomes escolhidos para constituir o cenáculo. Cria ali a cadeira n. 20, que tem como patrono Joaquim Manuel de Macedo.

Por ato de 3 de março de 1898, foi Salvador de Mendonça removido da legação do Brasil em Washington para a de Lisboa, indo da de Lisboa para a de Washington Assist. Brasil. Por ocasião, de sua saída dos Estados Unidos, não só nas palavras do presidente Mac Kinley, mas também nos artigos de todos os jornais americanos, pôde o diplomata brasileiro ver o quanto era apreciado o seu espírito de "amigo da América", de "grande pan-americano". E Oliveira Lima soube bem explicar a situação de que ele gozava na grande União: "Salvador tinha, nos Estados Unidos, um prestígio que nenhum outro obteve. E isso é fácil de explicar. Salvador era um dos homens mais inteligentes que eu conheci, a men-...idade mais formosa que já me foi dado admirar no Brasil, emmeradamente cultivada, de uma prontíssima receptividade e em nada empanada pela vaidade que turvava a tradição de outros espíritos. Ele conhecia admiravelmente os Estados Unidos, porque penetrara o caráter nacional com o instrumento agudo da sua simpatia. Anos de residência em Nova York, quando essa metrópole ainda não dissolvera a cultura literária e artística num excessivo cosmopolitismo; o casamento com americana; seu natural bondoso, que o despiu de preconceitos — eram outras tantas circunstâncias que o levavam a querer sinceramente o país onde viveu um quarto de século, e que queria ver associado ao seu..."

Em 12 de setembro de 1898, o Senado, em sessão secreta, resolve não aprovar a remoção de Salvador de Mendonça para Lisboa. A 15, o "bacharel" Salvador de Mendonça é exonerado desse cargo...

Em 10 de setembro de 1903, por ato do presidente Rodrigues Alves, é ele considerado em disponibilidade desde 1898, e continua fazendo parte do quadro diplomático, entre os funcionários de sua categoria.

Nesse mesmo ano de 1903 — um pouco antes, em julho — recebe Oliveira Lima, na Academia Brasileira de Letras.

Em 1908, Salvador fica cego. Encarrega-se, então, da tradução de uma série de Manuais práticos, sobre assuntos de agricultura e zootecnia, que vai ditando às filhas. Traduz ainda uns romances do inglês, redige para o "Imparcial" e o "Século", artigos de reminiscências pessoais ou de crítica à orientação internacional do Brasil, e publica versos na "Revista da Academia". Em sua chácara, cultiva rosas, única e verdadeira consolação de sua cegueira. Morre a 5 de dezembro de 1913.

Um episódio da história do Pan-Americanismo

Costumava o secretário Blaine avisar-me, todas as manhãs, pelo telefone, da hora em que sairia de casa para que o encontrasse a meio caminho e de passeio combinássemos acerca dos assuntos da conferência.

Assim ocorreu a 18 de abril.

No andar térreo da casa em que morava Blaine, na praça Lafayette, as salas da frente e do fundo constituíam os dois lugares de trabalho do chefe do gabinete do presidente Harrison.

Na sala da frente recebia a todos os que ali o procuravam — à do fundo só eram admitidos os que gozavam da sua intimidade.

Costumava receber-me sempre no "sanitório"; mas, nesse dia, mandaram-me entrar para a sala da frente, onde já achei Blaine sentado à mesa de trabalho entre as duas janelas que davam para a rua, e que apenas se ergueu para estender-me a mão e designar-me uma poltrona do lado de fora da mesa, à sua direita.

Tinha aspecto desusadamente carregado.

Desconfiaria da tarefa de que me havia incumbido a maioria da Conferência?

Ergue-se o que havia: disse-lhe, com firmeza, que quinze votos latino-americanos estavam dispostos a fazer questão de que saísse da Conferência nesse dia a eliminação da conquista e que essa maioria me encarregara de comunicar-lhe esse propósito.

Desejavamos, apenas, tornar mais completo o arbitramento obrigatório e garantir de modo solene a integridade, a soberania e a independência de todas as nações do nosso continente.

Abolida a conquista, cessariam as suspeitas de visinhos contra visinhos, e principalmente contra a sua grande e poderosa nação.

Acrescentei que, para não agravar mais a nossa discordância de vistas, a maioria não apresentaria a emenda mandando de novo juntar ao projeto de arbitramento o artigo relativo à conquista, mas com a condição de que do projeto de arbitramento ele não mandaria retirar a assinatura da sua delegação.

Nesta hipótese ficaríamos todos com o arbitramento obrigatório, menos os Estados Unidos, até então o verdadeiro portabandeira dos princípios liberais em nosso continente, com a eliminação da conquista.

Erguendo-se, de súbito, o secretário Blaine, estendendo pa-

ra frente as mãos abertas sobre o pano da mesa coberto de caixas de papel, tinteiros, prazos, livros, etc. — fez-lhe tudo ao chão no meio da sala e à minha frente.

— "Pode dizer à maioria que vou mandar, hoje, retirar do projeto de arbitramento a assinatura da delegação dos Estados Unidos" — disse em tom irritado.

Conservei-me sentado e calmo, diante daquela erupção. Conhecia o gênio travesso do secretário. Olhou para mim, pa-receu-me ver-lhe no rosto um sorriso quase imperceptível. Tocou uma campainha elétrica e ordenou ao criado que apanhasse os objetos caídos.



Salvador de Mendonça, quando ministro empenhado, renuncia no Rio

Reminiscência de Pedro II

SALVADOR DE MENDONÇA

Francisco Otaviano e eu ouvimos, uma noite, um concerto de música de câmara, dado pelo Clube Mozart, ou pelo Filarmônico, não sei bem, no edifício do Conservatório de Música, hoje Instituto Nacional. A noite era fria. No intervalo da primeira para a segunda parte do concerto, Otaviano convidou-me a que fôssemos tomar fresco na sala próxima em que havia um toldo de pedra, aberta para fora. Ali, e almirante Tomadará, que não pudera permanecer no salão, aproveitava o seu dispêndio.

Fomos ter com ele, e, enquanto conversávamos, os três, o imperador, que nos vira sair, veio ter conosco. Depois de perguntar ao almirante se nam vindo da Europa, Otaviano o que achava do concerto e especialmente de um quarteto executado por artistas notabilíssimos que nos tinham vindo da Europa. Otaviano gostara do quarteto e todos nós o apreciáramos. Depois, o soberano dirigiu-se a mim, que, a esse tempo, estava em plena redação da "República". — "Por que não aparece? Não é tenho visto há muito tempo. Já o mandei convidar para as nossas palestras literárias. Apareça". Procurei escusar-me com os minhas lições a explicando a correr as minhas ocupações de imprensa. — Sim, tenho-o lido. O que o senhor escreve não é incompatível com as nossas palestras literárias. Sr. Otaviano, leve-o consigo para a semana". Fiz uma quase promessa, mas não fui. Por ele, cujo nobre espírito reconhecia, teria ido. Mas evitei a ocasião e convite por amor da língua dos modernistas, que estimariam ter no bom tema como a frequentar um republicano militante as palestras do Paço, embora apenas literárias.



Salvador de Mendonça, quando consul geral do Brasil em Nova York

A CONTRIBUIÇÃO DE SALVADOR DE MENDONÇA NO MANIFESTO DE 70

No Manifesto de 1870, o cartista intitulado "A Verdade Democrática" é de autoria de Salvador de Mendonça. Aqui o apresentamos:

—Posa de parte o vício insanável de origem da carta de 1824, nosso pelo príncipe do Brasil constituído sem constituição, e pejam os que vale a monarquia temperada ou monarquia constitucional representativa.

Este sistema misto é uma utopia porque é utopia ligar de modo sólido e perdurável dois elementos heterogêneos, dois poderes diversos em sua origem, princípios e irreconciliáveis: a monarquia hereditária e a soberania nacional, o poder pela graça de Deus e o poder pela vontade coletiva, livre e soberana de todos os cidadãos.

O consórcio dos dois princípios é tão absurdo quanto repugnante a seu equilíbrio.

Ainda quando, como sonham os doutores da monarquia temperada, nenhum dos dois poderes preponderasse sobre o outro, para que caminhando paralelamente, mutuamente se equilibrassem e fiscalizassem, a consequência a tirar é que seriam iguais.

Orá, admitir a igualdade do poder divino ao humano, é de difícil compreensão.

Mas admitir, com o art. 12 da carta de 1824, que todos os poderes são delegações da nação, e aceitar o sistema misto como um sistema racional e exequível, é ultrapassar as raízes do absurdo, porque é fazer preponderar o poder humano sobre o poder divino.

A questão é clara e simples.

Quo o príncipe, instrumento e órgão das leis providenciais, pela sua origem e predestinação, deve governar os demais homens, com os predicados essenciais da inviolabilidade, da herediticidade, sem contraste e sem fiscalização, porque o seu poder emana da onipotência infinitamente justa e infinitamente boa; ou a Divindade nada tem que ver na vida do Estado, que é uma comunhão de parte e estranha a todos interesses espirituais, e então a vontade dos governados é o único poder supremo e o supremo arbítrio dos governos.

Quando a teocracia asiática tinha um ungido do senhor, ou as hordas da média idade aclamavam um rei, carregando-o

triumfalmente depois de uma vitória, esse reconhecimento sobre o direito da força era lógico; quando, pelo mesmo princípio, a monarquia se unia às comunas para derrocar o feudalismo, o despotismo monárquico era lógico também; mas, depois da emancipação dos povos e da consagração da força do direito, o que é lógico é o desaparecimento de todo princípio caduco.

A transição entre a verdade triunfante e o erro vencido, entre as conquistas da civilização e os frutos do obscurantismo a que é inadmissível.

Atar ao carro do Estado dois locomotores que se dirigem para sentidos opostos, é procurar — ou a imobilidade, se as forças propulsoras são iguais, — ou a destruição de uma delas, se a outra lhe é superior.

E assim que as teorias dos sonhadores que defendem o sistema misto caem na prática.

Para que um governo seja representativo todos os poderes devem ser delegados da nação, e não podendo haver um direito contra outro direito, segundo a expressão de Bossuet, a monarquia temperada é uma ficção sem realidade.

A soberania nacional só pode existir, só pode ser reconhecida e praticada em uma nação cujo parlamento, eleito pela participação de todos os cidadãos, tenha a suprema direção e pronuncie a última palavra nos negócios públicos.

Desde que existe em qualquer constituição um elemento de coação no princípio da liberdade democrática, a soberania nacional está violada, é uma coisa irrita e nula, incapaz dos saltos feitos da moderna fórmula de governo — o governo de todos por todos.

Outra condição indispensável à soberania nacional é ser inalienável e não poder delegar mais do que o seu exercício. A prática do direito e não o direito em si é o objeto do mandato.

Destá verdade resulta que, quando o povo cede uma parte da sua soberania, não constitui um senhor, mais um servidor, isto é, um funcionário.

Orá, a consequência é que o funcionário tem de ser revocável, móvel, eletivo, criando a fórmula complementar dos Estados modernos — a mobilidade

nas pessoas e a perpetuidade nas funções — contra a qual se levantam, nos sistemas como o que nos rege, os princípios da herediticidade, da inviolabilidade, da irresponsabilidade.

Associar uma à outra, duas opiniões ciosas de suas prerrogativas, com interesses manifestamente contrários, e, na frase de Gambeta, semear o germe de eternos conflitos, procurar neutralização das forças vivas da nação em um duelo insensato, e aguardar irremediavelmente um dos dois resultados: ou que a liberdade de voto e a universalidade do direito sucumbam às satisfações e aos desejos de um só, ou que o poder de um só desapareça diante da maioria do direito popular.

Ainda mais, a soberania nacional não pode sequer estipular sobre a sua própria alienação. Porque é a reunião, a coleção das vontades de um povo. E como as peripetias se sucedem, e se substituem, fora iniquo que o contrato de hoje obrigasse de ante-mão a vontade da geração futura, dispondo do que lhe não pertence e instituindo uma tutela perene que seria a primeira negação da própria soberania nacional.

A manifestação da vontade da nação de hoje pode não ser a manifestação da vontade da nação de amanhã, e daí resulta que, ante a vontade da democracia, as constituições não devem ser velhos marcos da senda política da nacionalidade, assentados como a consagração e o símbolo de princípios imutáveis. As necessidades e os interesses de cada época têm de lhe imprimir o cunho de sua individualidade.

Se houver, pois, sinceridade ao proclamar a soberania nacional, cumprirá reconhecer sem reservas que tudo quanto ainda hoje pretende revestir-se de caráter permanente hereditário no poder está evadido de vício da eternidade, e que o elemento monárquico não tem coexistência possível com o elemento democrático.

E assim que o princípio dinástico e a vitaliciedade do Senado são duas violações flagrantes da soberania nacional e constituem o principal defeito da carta de 1824.



Salvador de Mendonça, num retrato de Orsino Belém

O ÚLTIMO PORTO

BARCA DOS SONHOS, MINHA COMPANHEIRA
DOS DIAS DE TORMENTA E DE BONANÇA,
EM SEU SEIO O MAR CALMO TE BALANÇA;
VAMOS LONJE VOGAR, BARCA VELEIRA.

ATRAZ FICA O PASSADO EM NOSSA ESTEIRA,
VAI-NOS À PROA O LUME DA ESPERANÇA,
DO PASSADO A SAUDADE NOS ALCANÇA
MAS A ESPERANÇA COMO VAI LIGEIRA!

NA VASTA SOLIDÃO DO MAR, ENQUANTO
REMEMORO A EXISTÊNCIA DOLOROSA,
SURGEM DIAS DE GOZO PURO E SANTO.

CRESCE A LUZ DA ESPERANÇA RADIOSA,
VAMOS DORMIR DOS ASTROS SOB O MANTO,
BARCA DOS SONHOS, PETALA DE ROSA.

BARCA DOS SONHOS, PETALA DE ROSA,
VAMOS DORMIR DAS ONDAS NOS ARMINHOS,
E POR BAIXO DE NÓS MONSTROS MARINHOS
CORTAM DO ABISMO A SENDA TENEBROSA.

AO LONGE, EM NEGRA LINHA TEMEROSA,
OUTROS MONSTROS DE FERRO AMPLOS CAMINHOS
FECHAM NOS MARES AMPLOS, E SOZINHOS
DITAM A LEI DA FORÇA IMPERIOSA.

DÁ-ME A COTA DE MALHA, O MEU MONTANTE,
O RIJO ELMO ENCANTADO DE MAMBRINO
E O MEU LEAL E HERÓICO ROCINANTE.

SE MONSTROS COMBATER E' MEU DESTINO,
TENHO P'RA LUTA O BRAÇO MEU POSSANTE
PARA A VITÓRIA UM PROTETOR DIVINO.

DESTA VITÓRIA O PROTETOR DIVINO
VEM DO ORIENTE COMO A LUZ DO DIA,
E DO SOL AO FULGOR QUE SE IRRADIA
ENTÃO O MUNDO REDIMIDO UM HINO.

OUVES ACASO ESSE TANGER DE SINO,
QUE VEM DE LONGE, ALEM DA PENEDIA?
E' O TRISTE TOCAR DA AVE-MARIA
NA VELHA TORRE QUE ME VIU MENINO.

VES COMO O SOL SE ESCONDE NO POENTE
E DOURA APENAS O PERFIL DA SERRA,
BARCA DOS SONHOS A VAGAR SILENTE?

APROA A COSTA QUE MEU LAR ENCERRA,
POIS QUERO AGORA REPOUSAR CONTENTE
NO SEIO AMADO E BOM DA MINHA TERRA.

Junho de 1912

SALVADOR DE MENDONÇA

Correspondência de escritores

CARTA DE SALVADOR DE MENDONÇA, A AFONSO CELSO

Venho trazer-lhe o pêsame sincero, meu e dos meus, pela perda irremediável que todos sofremos. — V. excia., como filho amantíssimo e herdeiro de seu nome ilustre — eu, como velho admirador, que tantas provas de afeição e confiança dele recebi — e a Pátria, que vê do céu, desapareceu um dos seus maiores filhos.

Fomos, em minha família, cinco irmãos, todos vencedores das tribulações do grande inóculo, desde a Francisco, a Mendonça de S. Gonçalo de Sapucaí, seu Inapertente no sul de Minas nas campanhas liberais, até o nosso Ivo, a quem, pouco antes de morrer, ouvi que um dos seus filhos lhe trouxera a República fora a queda do visconde de Ouro Preto.

A meu ver, agora o princípio monárquico, nada com a 15 de novembro: a própria pessoa do imperante ficou de pé, em toda

a majestade da dignidade humana.

Em um dia de Outubro de 1889, o conselheiro Lafayette e eu visitávamos Mount Vernon, a mesca da Democracia. O vento do outono arrastava os despojos da vegetação e do solo sagrado parecia erguerem-se vozes de oráculo, como as que se ouviam na floresta de Dodona. Lafayette colhia as folhas de um carvalho que nascera e vigorava junto ao túmulo do "mais feliz dos heróis", e que deviam guardar vestígios do sangue do dragão. — "São para o Afonso", disse ele. Se ele se trouxe, deve v. excia. pô-las no almejo de seu pai, pois ele pertence à raça dos fundadores do regime da liberdade representativa na América, cujos progenitores foram, nos Estados Unidos, Washington, Hamilton e Jefferson, e, no Brasil, José Bonifácio, o da Independência, o padre Frijó, o Regente, e Bernardino de Vasconcelos, cuja luz

alumiou o Segundo Império até o advento das vitórias liberais. Ao lado de Teófilo Ottoni, Francisco Otaviano, Saldanha Marinho e Zacarias de Góis, Nabuco de Araujo e Saraiva, ele foi sempre o balizador da vanguarda.

Sem as conquistas liberais, a propaganda e a evolução da idéia republicana, não seriam possíveis, e, sem essa evolução, a República teria sido mera abstração.

Destarte, o que chegou a parecer uma queda, foi, na verdade, uma ascensão.

De mais, o sr. D. Pedro II, que desejava que a República o deixasse na terra natal, ainda que como simples mestre-escola, criou, eficientemente, no Brasil, a escola do patriotismo estoico e da altiva dignidade dos vencidos, de que ele próprio foi exemplo vivo e seu nobre pai o maior discípulo.

SALVADOR DE MENDONÇA E A REPÚBLICA BRASILEIRA — Carlos Sussekind de Mendonça

Salvador de Mendonça visto por Humberto de Campos

A 15 de novembro, proclamada a República no Brasil.

Quatro dias depois, a 19, Quintino Bocayna, a quem toca a pasta dos Negócios Estrangeiros, do Governo Provisório, renova os poderes da Missão Especial.

Lafayette renuncia imediatamente.

Amoral Valente hesita. Embora monarquista, não se sente obrigado a idêntica atitude. Por outro lado, sem qualquer conhecimento da propaganda republicana, fica desorientado para perceber o alcance do acontecimento. Admite a possibilidade de se tratar de um simples levante de quartéis, sem maiores consequências. Tanto que, interrogado por Blaine, o chanceler americano, sobre a possibilidade do reconhecimento imediato do novo regime pelos Estados Unidos, foge a assumir qualquer compromisso. E cogita de telegrafiar a um parente, o barão de Camille, ordenando-lhe transmittir para Londres as condições que tem depositadas no Brasil.

COMO PROCEDE SALVADOR

Já Salvador, não. Republicano de primeira água, o afastamento da actividade política nunca o alheiou da marcha dos acontecimentos. É possível que se desgastasse da maneira por que vingara a ideia a cuja propaganda tanto fêra. Tinha preferido a evolução à revolução. E isso quase o levou a acompanhar Lafayette. "A verdade — disse ele — é que nutria a mesma crença republicana que sempre nutri, no primeiro momento estivo para retirar-me à vida privada, por não acreditar na eficácia do professo empregado para a mudança do regime político. Preferi a feita no Parlamento, como a desejava o conselheiro Saraiva, quando para isso estivesse o Brasil preparado, e fosse o voto da maioria da Nação. Entretanto, posto de parte todo o interesse pessoal, acreditando sinceramente que a República viera para ficar e aceitando desde logo tempo o lema de Franklin que "só dentro da água se aprende a nadar", entendi não poder negar o meu concurso às novas instituições, que durante toda a minha vida de imprensa procurara doutrinar com profunda sinceridade".

E tratou logo de agir. De agir pelo Brasil, não por seus interesses. De agir pelo reconhecimento imediato da República, que isso se lhe afigurava a providência mais urgente a ser tomada em benefício do prestígio do país no estrangeiro. De agir pelo esclarecimento de que o que se passava em sua terra não era um episódio isolado de quartéis, mas uma resultante de trinta anos de doutrinação consistente.

"A AMÉRICA TODA RE PUBLICANA"

Logo em princípios de dezembro de 1890, no language que a União Comercial Hispano-Americana de Nova York oferece aos delegados à conferência, manda a América toda republicana.

A gratidão pessoal que tem por Pedro II, e que nunca mais o deixará, está presente nesse brinde.

Suplanta-a, porém, a convicção de que o acontecimento se tornara inevitável.

"A transformação do Império Brasileiro na República dos Estados Unidos do Brasil não é mero acidente da vida dos partidos políticos, produto inesperado de um pronunciamento militar: é o resultado lógico da evolução histórica do progresso de uma nacionalidade na estrada ascendente da liberdade e da civilização.

"Nas horas mortas da manhã de 17 de novembro, quando o velho monarca deixou o palácio antigo com toda a família e dirigiu-se para o lugar do embarque, voltou os olhos para a cidade e chorou. O círculo de montanhas negras da formosa baía do Rio de Janeiro, fechando-lhe o horizonte, devia ter aspecto fúnebre e as suas últimas lágrimas na terra brasileira deviam ter ajeado a derradeira noção do sangue dos mártires da República, que seus ascendentes, desde Maria I até seu próprio pai, tinham derramado. Calés-baixo, o velho imperador desceu os degraus do cais como um rei egípcio que seguisse por seus próprios pés as escadas que o levavam ao túmulo, antes do julgamento formal dos seus vassallos.

"Era chegado o momento em que a evolução política, iniciada havia quase um século, se completava.

"E quando o último monarca americano passou diante da Torre de Belém, no Tejo, de onde há quatro séculos saía Pedro Álvares Cabral, sob a bandeira do rei alfortunado, para a vanguarda em que veio a descobrir a terra do Cruzeiro, encerrou-se um ciclo histórico com essas portas de bronze, que nenhum esforço humano poderia jamais reabrir.

"A República do Brasil está feita e ninguém a poderá desfazer".

O RECONHECIMENTO DA REPÚBLICA PELOS ESTADOS UNIDOS

O que fez Salvador para que o reconhecimento da República pelos Estados Unidos acelerasse o pronunciamento, até então vacilante, dos demais Governos estrangeiros, é assunto que já não deixa mais lugar a dúvidas.

"No dia 19 de novembro — escreveu ele — depois de haver conferenciado com o secretário Blaine, telegrafei a Quintino Bocayna, comunicando-lhe que podia obter do Governo de Washington reconhecimento formal da República. No dia seguinte, Quintino respondeu-me que esse reconhecimento já tinha sido feito. (Quintino acreditava, e acreditava bem, que o fato de Blaine haver solicitado, por intermédio do ministro norte-americano, do Rio de Janeiro a renovação dos poderes da Missão Especial, já importava num reconhecimento implícito do novo Governo de fato. Além disso, parece que o ministro, sr. Roberto Adams, declarara mesmo a Quintino que o seu Governo reconhecia o Governo brasileiro).

"Entretanto — prossegue Salvador — dias depois, declarou-me o secretário Blaine que o ministro Adams excedera as instru-

ções que lhe mandara — que a palavra poderosa do senador John Sherman, um dos chefes mais ilustres do partido republicano da grande união, tivera arreiterado o primeiro entusiasmo com que fora recebida a notícia da proclamação da República — e que o presidente Harrison não o acompanhava no desejo que nutria de reconhecer formalmente o Governo Provisório.

De fato, a visita do imperador do Brasil aos Estados Unidos, em 1876, deixara impressão tão favorável no ánimo do povo norte-americano que qualquer ato precipitado do Gabinete de Washington seria mal visto e o mais prudente era esperar a manifestação da opinião nacional no Brasil.

Comuniquei ao Governo essa resolução.

Pelos fins do mês de janeiro, recebi do barão de Itajubá, uma carta na qual me informava de que nenhuma potência europeia reconheceria a República brasileira antes que os Estados Unidos o fizessem.

Entendi dever empregar todo o esforço, a fim de alcançar o reconhecimento de que dependia o das potências europeias.

Efectivamente, depois de uma conferência com três dos delegados norte-americanos à 1.ª Conferência Panamericana — Charles Flint, Thomas Jefferson, Coolidge e Andrew Carnegie — aos quais mostrei a conveniência de serem os Estados Unidos os padrinhos do nosso batismo político, evitando que alguma nação europeia lhes tomasse a dianteira, no dia 29 de janeiro procurei-me pela manhã o sr. Coolidge e disse-lhe que o secretário Blaine desejava falar-me, sem demora.

Procurei-o logo e, depois de poucas palavras, nas quais se me declarou convencido do acerto das minhas observações aos srs. Flint, Coolidge e Carnegie, acrescentou estar resolvido a reconhecer imediatamente o novo regime do Brasil".

O que fez Salvador para que Blaine chegasse a essa resolução foi por ele minuciosamente exposto ao Governo brasileiro nos officios reservados sob ns: 1 e 2 de 14 de janeiro e de 6 de fevereiro de 1890, que enviou ao Ministério das Relações Exteriores e que é possível que ainda figurem nos arquivos atuais do Itamarati.

Mais vale, todavia, que se ouça, a respeito, o próprio Blaine. Em carta endereçada a Flint, a 29 de janeiro de 1890, disse Blaine:

"Os telegramas da imprensa já vos terão informado do nosso reconhecimento dos Estados Unidos do Brasil. Sentimo-nos muito orgulhosos em dar as boas vindas a tamanho país no seio da família de Repúblicas. Vós e o dr. Mendonça, estou certo, tendes razão quanto à estabilidade do presente Governo e depois de considerar os pontos que me apresentastes na nossa última entrevista, mandei pedir ao dr. Mendonça que viesse prontamente à minha casa, o que ele fez. Depois de fazer uma revisão dos fatos com o dr. Mendonça, e atendendo aos seus persuasivos argumentos, a e e e e. "Todo o negócio correu com

Uma tarde retirava-me eu da redacção quando cruzei, na escada, com um anão de rosto erguido e olhos vidrados, que subiu, com a mão esquerda sobre o ombro de um moço, e tateando com a direita a moldura do balaustrade.

Aquella fisionomia, de estatuária grega, era-me familiar.

Eu tinha visto, já, em alguma parte, aquelle rosto pálido, ornado de quella barba cuidadosa, quase alva, cortada em ponte.

Em que busto de Homero ou de Edipo me haveriam mostrado aquelle olhos apopados?

Em que mármore de Lisipo eu teria descoberto aquelle branda sorriso de Sócrates, em que se misturavam, completando-se, doçura e severidade?

Voltei sobre os meus passos e contemplei o anão.

Era Salvador de Mendonça, que, glorioso e ego, lo levar é leve, naquella dia, as suas reminiscências.

Nada me parecia tanto a fragilidade humana como a presença dolorosa de um cego.

A contemplação de Homero ou de Melon enche-me de pavor.

Diante deles, apontando-os, eu vejo a Natureza, que me diz: "Homem fútil, verme triste da terra, vê, agora, o que és tu! O planeta, ares, é teu. E' teu e que te rodeia. Inventas aparelhos atrevidos para sondar a mistério dos mundos. Sobes às nuvens. Certos os montes, Desces ao fundo do mar. Entretanto, vê: basta que te te sobre os olhos um grão de areia para que te sintas solitário no universo!"

Se o Homem nasceu, realmente, para a contemplação e o posse da Natureza, por que ela não o fez como os pedras preciosas, que refletem o sol por todas as faces? Por que Ela, tão prodígio, só concedeu a alma, para espô-lo e namorá-lo, as delicadas janelas dos olhos?

A Natureza dirá, talvez: "Homem, se, vindo-me tão pouco, tanto me dejes e affliges, que seria de mim se teus olhos tivessem na terra e lamorão do teu coração?"

Salvador soube, porém, consolar-se da sua cegueira: vivia de recordações e de rosas.

Dentro de sua treva, ele criou um mundo novo: plantou um jardim, adotou, ao lado dos filhos, uma família de roseiras, e fez de um a de outros, na glória da sua velhice, o consolo da sua cegueira.

O crepúsculo desta nobre vida, emorecendo num rosol, tem o da dura religião de um grande quadro popão. Cego e velho, este Anacoreta honesto abandonou o orgio tumultuosa do mundo e os rosos o recolheram. (Do discurso de posse na Academia Brasileira).

O tempo antigo e o tempo de hoje - Salvador de Mendonça

No meu tempo de colegial, terminadas as primeiras letras, a sintaxe de Dantas; as prolegómenos, de Eutropio a Tullio, as poetas, de Fedro a Horácio, tudo pelas obras grandes. Em seguida, durante mais quatro anos, o estudo das matemáticas elementares, principalmente a da geometria de Euclides e a da lógica de Gennense, era tudo isto em latim. Depois de adquirida o espirito da criança com o estudo da literatura deca na a forte e conquistadora, da geometria e da lógica, estava de posse, por assim dizer, do quadro e do compasso, com que levantasse os sólidos alicéres da sua educação.

Em três anos mais completava-se esse edificio com o estudo das linguas vivas, da geografia e da história, da filosofia e da retórica. — "Observe o h" a digra "rhetórica", sr. estudant", dizia o sábio Joaquim Cardoso da Silva.

"Hoje, parece que nada disso é preciso. Um bacharel moderno não sabe mais que Platão. Não a barba de Platão rogava a reat, e o saber moderno move-se a vapor. E' só tomar passagem a Vahumbadilha, nos caminhos do fôpa para a praa, pensando a voltar a viagem. Outros compõem da praa para a fôpa, reatando da pressa. Mas, afinal, chegam todos juntos ao ponto de destino, inclusive os que ficaram a tido nos camarotes a meia via. E, depois do desembarque, tudo está previsto e providenciado. Temos as agências "book", cat tudo facilitam; engajam de intença rêmidos de hospedim compramos os bilhetes de vtro a que devemos assistir... de excursões aos lugares que devemos visitar...

Salvador de Mendonça, de fato, a conservaram com orgulho. O Brasil nunca deu provas muito convincentes de conhecer e apreciar a no seu devido reconhecimento.

Em todo caso, José Carlos Rodrigues, lendo-a, no mesmo dia em que Salvador a exhibiu a Quintino, Campos Sales, Ruy Barbosa e Cabo Frio — disse nas "Várias", do "Jornal do Comércio", que "o reconhecimento da República" — não só pelos Estados Unidos, mas por todas as outras Nações que os seguiram e que só esperavam pelo seu precedente — era devido, inteira e exclusivamente, a Salvador.

Salvador de
Mendonça

Dezembro de 1918.

O sr. Salvador de Mendonça — José Veríssimo



O pai de Salvador de Mendonça, comendador Salvador Furtado de Mendonça.

SALVADOR DE MENDONÇA E O REGIMEM REPUBLICANO

CARTA A CAMPOS SALES

"Brazilian Legation,
New York, 2 de julho de 1895.

Meu caro Campos Sales,

Depois de minha última carta e da promessa que me fez o Chief Justice Fuller de dar-me um parecer acerca da suspensão de garantias sob o estado do sítio, fiz por mais de uma vez diligência para obter tal parecer; mas os trabalhos da Corte Suprema, desde então até à chegada das férias de verão, foram tantos e tão acumulados que o Chief Justice Fuller não teve realmente tempo de elaborá-lo e terminou por prometer-me-o durante estas férias. Efectivamente só o estudo da questão — se a *income tax* era ou não constitucional, occupou mais de um mês das sessões do Supremo Tribunal de Justiça. Quando receber o importante parecer do sr. Fuller, remettei-o-lhe a v.

A um advogado notável, muito entendido em questões internacionais o sr. Ivins, escrevi com muita instância, pedindo-lhe que me desse parecer sobre a mesma questão. Este, infelizmente, por motivo de moléstia, teve de interromper o trabalho, que aliás, espera concluir assim que lho permitir o seu estado de saúde.

Vê pois v. que não estevesse nas minhas mãos mandar-lhe com a presteza desejada os dados que v. me pediu. Obra especial sobre o assunto não existe; o que ha de mais aproveitável é o volume 4º de Wallace, *United States Supreme*

Court Reports, ao tratar do caso *Milligan*. Em uma caixa de livros que o Lucio encomendou, e que seguiu pelo vapor "Bel-lana" saído no dia 15 de junho, mandei para v. esse tomo de Wallace, que o Lucio lhe entregará. Ele lhe mostrara também outras obras de consulta em que se trata da questão, embora passageiramente. Para a Biblioteca do Senado mandei também pelo mesmo vapor varias obras de direito constitucional, encomendadas pelo vice-presidente da Republica: nelle ha de v. encontrar também a doutrina aqui corrente.

As noticias que o telegrama nos tem dado ha uma semana falam-nos da morte do Saldanha e da do Figueira. Não posso encobrir a vós que repeto ambas as mortes oportunas. O Saldanha já devia ter se aucto-ri-ando no dia 13 de março do anno passado. Quanto ao Peixoto, a coberto hoje de qualquer ambição de poder que os amigos lhe pudessem suggerir, morre com todo o brilho do sustentador da Republica e folgo por vê-lo assim, livre do perigo de manchar um nome que vai ficar na Historia, apesar do sentimentalismo de certa gente que parece supor que uma grande Republica pode repousar sobre os fundamentos de um Imperio acidoado com trouxas de flos de ovos. Um jornal da terra, notando a proximidade das duas mortes, disse que o Figueira ainda foi atrás do Saldanha para ter o prazer de agarrá-lo. Veja vós, se o humorismo lanque não tem seu sal!

De v. amigo velho e sincero admirador

Salvador de Mendonça

luso-indio-negroide, em uma futura nacionalidade germano-latino-americano, que sera por ventura, a sua fórmula definitiva; como assim penso, não tenho as apreensões do meu eminente confrade e amigo.

O seu livro não é só interessante sob o aspecto da Historia diplomatica, repão também da historia e até da crônica da nossa vida politica, dos nossos homens públicos do Imperio e da Republica, com informações e observações curiosas de tudo.

E' livro para ser lido por quantos tem algum amor a coisa publica ou a simples curiosidade das coisas nacionais, nelle tratadas com competência e por estio, o que não é aqui vulgar em livros desta natureza. E' que o sr. Salvador de Mendonça é esta coisa, também muito menos vulgar do que se pensa, um escritor, isto é, alguém com idéias e com a ciência de se expressar com clareza e elegantemente, sem rebuscas pseudo estili- cas.

Setuagenário e cego, mas ainda vigoroso de espirito e de expressão, dá-nos o sr. Salvador de Mendonça raro e belo exemplo de uma energia que não quer enmoecer de uma atividade que não quer cansar. Há mais de quarenta annos que labuta em letras, fazendo alternada ou simultaneamente jornalismo politico e literário, teatro, critica, romance, economia politica, estetica, historia, além de diplomacia. Foi companheiro ou amigo dos principais vultos das nossas duas primeiras gerações românticas, habituado da famosa livraria do bom Paula Brito, por onde todos eles mais ou menos passaram. Conheceram os nossos mais eminentes republicanos, e também muitos, e dos mais conspícuos, da America e Europa. Foi ainda entendido colecionador de arte e erudito bibliófilo e bibliógrafo. Em suma, viveu muito mais do que de comum vivem os homens que chegam á sua idade e até os que a excedem.

Essa vida, já longa e tão cheia, está ele, para lido e gaudir nosso rememorar no uma forma encantadora de naturalidade em artigos que os leitores do "Imparcial" tem apreciado gortosamente. Não lhe abateram o animo robusto, nem o numero de annos, nem a atroz desgraça, nem os infallíveis desgostos de que se entre-meiou a vida. Mediante o concurso carinhoso de uma familia exemplar, onde a Antigone se deparam rivais que lhe não cediam em tocante piedade filial, após longos annos de actividade consular e diplomatica, dos melhores effeitos para o Brasil, e de alta vida social e mundana, em que aliás o estudo e as letras nunca foram abandonados, voltou com a primeira assiduidade a elas, e como um heroico desafio á iniquidade da sorte que o feriu, fez-se também agricultor, culti-vador de espécies novas, e, por ultimo, cultor das mais belas rosas que hoje se encontram no Rio de Janeiro. Nobre e peregrino exemplo daquella força da alma, que os romanos, entendidos nela, chamavam virtude, é esta exquiescente e tocante conformidade, quase alegre resignação, com o tremendo infortúnio.

O sr. Salvador de Mendonça

é um, e se não me enganar o derradeiro sobrevivente da propaganda republicana anterior á formação do partido, em 1870. Deste foi um dos chefes, e o principal redactor do seu organo na imprensa.

Romântico em literatura e em politica, quando o principal mestre do vosso republicanismo em o assombroso ideólogo Victor Hugo — cujo "Noventa e Três" ele traduziu e prefaciou — o sr. Salvador de Mendonça conservou, através das vicissitudes e amarguras da vida, as suas abençoadas fluídos de moço. Estas sobreviveram no seu ultimo livro, agora editado pela Livraria Garnier: "A situação internacional do Brasil". Com a experiencia e o saber do homem feito nos negócios publicos, tem mais este livro o idealismo do antanho, a frescura de impressões, o calor de sentimento, a sinceridade e até ingenuidade de emoções e o vigor de expressão do jornalista ardoroso e fervoroso propagandista de perto de meio século atrás. Apenas, e não seria humano que assim não fosse, se lhe notará aqui e ali o natural azedume das injustiças sofridas, dos serviços desconhecidos, da confiança traída. Desculpam-se-lhe, porém, estes impetos de desalago considerando-lhe a intima justiça e a perfeita sinceridade. Sou o primeiro a reconhecê-lo; quisesa, todavia, que o autor tivesse conservado em todo o seu livro a mesma nobre serenidade do melhor dele. O mérito essencial deste não está no seu feito de reivindicação em que ele afinal importa, não em ser um precioso depoimento para a historia da nossa diplomacia e mormente das nossas relações com os Estados Unidos, tanto nos últimos annos do Imperio como sob a Republica. Esta historia, a verdade, a presunção ou a bafulação a tem ultimamente bastante falsificado. Certo, o sr. Salvador de Mendonça é parte na contenda, mas os que houverem de fazer-lhe o processo, não os escritores officiaes ou officiaes, que o iniciaram sem se lhes dar da própria suspeição, mas futuros historiadores de verdade, esses terão de ouvir o sr. Salvador de Mendonça, de inquiri-lo, de veri-

car-lhe as asserções, de confrontá-lo com outras testemunhas, de buscar documentos, que lhe corroborem ou demintam o depoimento. Alguns desses documentos já os apresenta o sr. Salvador de Mendonça. Como as suas declarações são convincentes e trazem o cunho de verdades, e ele é homem verídico, podemos desde já crê-lo sob palavra, embora o processo historico tenha sempre de fazer-se. Eu por mim acredito que este lhe resultara favoravel e que a nossa historia diplomatica, qual foi nos últimos tempos feita no Itamaraty soffrera retificações essenciaes.

Veio republicano, idealista, sentimental, o sr. Salvador de Mendonça enche-se de apreensões e tristezas ante o que chama os "perigos internos e externos da republica". Esta Republica que está muito longe de ser a que ele sonhou, esquecido de que, salvo nas lendas ou historias da carochinha, os sonhos nunca jamais se realizam, maxime os sonhos politicos, porque a politica é de si mesma coisa vil e sordida, material e rasteira, incompativel com os por vezes encantadores e generosos enganos do sonho. Mas que querem? Os homens da geração republicana do sr. Salvador de Mendonça, e também os apazos do meu tempo, que eramos todos republicanos, e que tinhamos por mestres antes poetas que sociologos, que juravamos por Hugo e Castelar, que adorávamos os versos bombásticos de Castro Alves.

República!... Vão ousado Do homem feito condor! todos nós nos permitimos sonhar a nossa utopia republicana. Em que deu ela? Nisso que aí está. "Os únicos brasileiros satisfeitos", escreve acertadamente o sr. Salvador de Mendonça, são os que no pano verde da roleta nacional (metaphora muito exata e pertinente) fizeram fortuna do dia para a noite, assaltando as repartições do Estado para obterem as gordas concessões que os tornaram "ricos desenhados e contentes".

Com effeito, mais talvez que a visão profunda, a enorme falsificação, a deslavada sofisticção dos principios republicanos, compendizados na Constituição e dos quais muitos já vinham do Imperio, tem de mentido e resfeto o ideal daquelle sonho a immoralidade que sem contestação ou atenuação possível, nos asseberba e domina em a nossa vida politica. E o pior é que o povo — o povo! deixem-nos usar desta safada figura de retorica — parece não se lhe dar disso ou conformar-se com isso.

O perigo interno é esta immoralidade, esta corrupção generalizada. Dela decorre o resto.

O perigo externo é, segundo o sr. Salvador de Mendonça, a apropriação por estrangeiros simplesmente gananciosos das nossas terras, e o seu consequente dominio de grandes propriedades territoriaes, grandes senhores industriaes, grandes chefes de economia nacional, em nosso país. A nossa fraqueza, principalmente resultante da nossa proverbial indifferença e despreocupação da causa publica lhes favorecerá a preponderancia nos nossos mesmos negócios politicos.

Neste caso sinto estar em desacordo com o nosso illustre patriota. Talvez porque são diferentes os nossos conceitos da nação brasileira, eu me não arrecio daquella predominância. Num certo sentido menos patriota que o sr. Salvador de Mendonça, noutro o seu mais do que ele pois acredito que a nossa patria tem já condições (muitas, aliás, de ordem puramente fisica) para assimilar e absorver o estrangeiro e nacionalizá-lo. A nós cabe aumentar e reforçar essas condições. Como também creio que nada podera impedir a transformação de nossa actual fórmula nacional,



Salvador de Mendonça, entre os irmãos, numa fotografia de 1874. Sentados: á esquerda, Salvador; á direita, Francisco. De pé, da esquerda para a direita, Lucio, Cândido e João.

CORRESPONDÊNCIA DE ESCRITORES

CARTA A LUCIO DE MENDONÇA

New York, 31 de
Outubro de 1875

Meu Lucio,

alguém chegou a 23 do mês passado com um relatório, e muito melhor do que o de antes. Como sabe de Rio, posso escrever a diff. e mais pelo retrato que te mandei.

Entre instantaneamente Consul Geral, expõe que me tornem effective o cargo. Então eis duas as condições, porventura ainda em tempo de te apresentar em féria.

Não calculas que ainda tenho de te ir aqui amanhã, depois que sou conhecido a nossa assembleia que é o tal. Não quero ganhar e muito a pagar. Vou dar de já entregando-te os teu relatórios, para, em teu de matter e pago a a estopa, com um tal de cedendo a assim.

Libertado, não te cases, rapaz; porque isto não estragaria os planos, e não te para te um futuro como só te posso deixar, e te um grande trabalho e direito de pender a muito.

Vale a pena abrir os olhos ante horizontes largos, e não o que é a dignificação do homem; pois ainda pode dar melhor ideia da humanidade, do que os teus olhos que a aguçam, e não um certo de vida nacional.

Depois, estares affectado de paixão, me-quinhas, estardade muito e mais calmo, ainda melhor seria tua, porque te dás a entender, e não as lutas e dissabores.

Além do meu retrato, encontrarei também aqui uma folha seca: trouxe-a para ti de Washington; tens a ha de ser de uma coroa que achis pendurada no meio da espada do grande cidadão, um retrato que fica as portas do Capitólio, com esta inscrição: "O primeiro a fazer e o primeiro a morrer". Passava eu por ali com a Sr. de nosso ministro, quando ella disse me

que quasi todos os domingos a esculam, porém ali uma coisa nova. Era a cabana de um offitador, a ha em que o col de sa-ram o quiborio da grande succumbente da capital, ainda mal disposta. Semelhante, mas não a tornada instável, e mais patética: eis que me parecia faltar a esta tua "escuridão".

Além disso, aqui aprendo a esculir, e aqui os historiadores, que foi mais em tempo que aqui sou encontrado.

Escrevo-me, e mandei a tua, um pouco de tua vida. Onde podes passar as tuas férias? Há um o teu itinerário, para que eu possa dar-te planilhas em minutos contínuos.

Atte: te eternamente

Teu de coração

Salvador?

P. S. 10 de 960 — abaco de macho de carta. Que prazer veio elle dar-me! Comuns a deus mil leguas em uma parte da minha propria

alma! E como te lembra bem em todos quanto me ensina!

Não acediste ao passo justifica-me, perante ti: tanto vale tu de justificar-me, perante mim mesmo; e deves que tenha sido minha consciência calada, na tua desmancha. O que te convier foi antes um desabafo por eu não estar satisfeito por um velho, a quem não me dá a deus responder, tu me ensinavas e eu não sou.

Então, muito que te lembro, dando bem com a gente da "Província", e de ti muito com a tua bruta. Não lembravas a tua bruta Carlos.

Alguns teus artigos offerecem deus do seu destino comular; pedem a gente te e grande um avistamento. Comuns a tua vida, que é também minha, e deves, pois não fazes nenhum plano de futuro em que não entres.

Além disso, aqui aprendo a esculir, e aqui os historiadores, que foi mais em tempo que aqui sou encontrado.

Atte: te eternamente

Teu de coração

SALVADOR

P. S. 10 de 960 — Abaco de macho de carta. Que prazer veio elle

dar-me! Conversa a duas mil leguas com uma parte da nossa propria alma! E como te reconheço bem em tudo quanto me ensina!

Não acediste ao passo justifica-me, perante ti: tanto vale tu de justificar-me, perante mim mesmo; e deves que tenha sido minha consciência calada, na tua desmancha. O que te convier foi antes um desabafo por eu não estar satisfeito por um velho, a quem não me dá a deus responder, tu me ensinavas e eu não sou.

Então, muito que te lembro, dando bem com a gente da "Província", e de ti muito com a tua bruta. Não lembravas a tua bruta Carlos.



Primeira esposa de Salvador de Mendonça, d. Amelia Clementina Lucia Luita de Lemos de Mendonça



Mary Renman, esposa americana de brilhante renome, segunda esposa de Salvador de Mendonça

Visita á casa da infância — SALVADOR DE MENDONÇA

Abri a cancela do campo. Dentro estava a casa, e, na porta, um estranho. Disse-lhe que ali fora criado. Deixou-me, carinhoso, percorre-la, sala por sala, quarto por quarto. Perguntei-lhe pela capela da varanda, e admirou-se de que eu lhe designasse a porta. Abriu-a. Ali estavam o altar, os nichos, os ornatos esculpidos: os santos haviam desaparecido, as decorações, os louros. Caíram-na toda de branco, como o interior de um túmulo em que tivessem sepultado a minha fé. Tornei a ver a fonte, murmurando as mesmas queixas antigas, a sombra do laranjal, sob os mesmos pilares brancos, sob o mesmo telhado coberto de musgo. Indaguei dos conhecidos de outros tempos: o alto jacatirão caíra de velho, e cedera o passo a outro, que me não tinha ainda visto; mas a grama copada enfeitara-se com as suas melhores flores cor de ouro para acolher-me à sombra, como no tempo em que a procurava, causada das excurções em busca das azeitonas do campo, de desejo de apagar o embracido do rosto antes de tornar para o unto da avózinha...

Teu

SALVADOR

New York, 31 de Outubro de 1875.

Alguém chegou a 23 do mês passado com um relatório, e muito melhor do que o de antes. Como sabe de Rio, posso escrever a diff. e mais pelo retrato que te mandei.

Entre instantaneamente Consul Geral, expõe que me tornem effective o cargo. Então eis duas as condições, porventura ainda em tempo de te apresentar em féria.

Não calculas que ainda tenho de te ir aqui amanhã, depois que sou conhecido a nossa assembleia que é o tal. Não quero ganhar e muito a pagar. Vou dar de já entregando-te os teu relatórios, para, em teu de matter e pago a a estopa, com um tal de cedendo a assim.

Libertado, não te cases, rapaz; porque isto não estragaria os planos, e não te para te um futuro como só te posso deixar, e te um grande trabalho e direito de pender a muito.

Vale a pena abrir os olhos ante horizontes largos, e não o que é a dignificação do homem; pois ainda pode dar melhor ideia da humanidade, do que os teus olhos que a aguçam, e não um certo de vida nacional.

Depois, estares affectado de paixão, me-quinhas, estardade muito e mais calmo, ainda melhor seria tua, porque te dás a entender, e não as lutas e dissabores.

SONETOS DE AMOR

À MARIA

(INÉDITOS)

I

Vou-me pra longes terras, doce amiga,
E nem posso, sequer, dizer-te adeus.
Tornar-te amica as mãos e nesses teus
Olhos, em que meu ser todo se abriga,

Deixar gravada a sombra que te siga
E levar tua luz nos olhos meus!
Sempre as frases minhas não quer Deus
Quem neste momento té-las diga.

Mas que importam palavras, se mostrando
Fala minha alma ter aqui ficado
De qualma na candeia prisão,

É só o corpo inerte que alastando
Se vai, pois qual do bardo enamorado
"A teu pé fica morto o coração?"

II

Foi diante de estranhos, numa sala,
Que apertamos a mão na despedida,
E dos indiferentes não sabia
Fica sempre a agonia que se cala,

Conforme a cortesia admitida,
Deixei tua mão para beijá-la:
Na garganta ficou-me presa a fala
E, nos teus olhos, presa, à minha vida.

Inerte, tolerei que a lacerante
Mão da morte meu peito ali alisasse
Antes do que mostrar minha paixão.

As rosas te fugiram do semblante
Sem que da minha a tua mão fugisse
Nessa hora de muda confissão.

III

Quando nos vimos pela vez primeira
Meu coração estrequeceu de medo.
Por mim, por ti, ó bela feticheira,
Capaz de adivinhar meu segredo.

Nada soubeste. Por dois anos fomos
Companheiros felizes de jornada.
Leste, de alívio amor, tomos e tomos,
Ouviste, mas do meu não leste nada.

E foi assim melhor. Branca e singela
Flor do Renascimento, satisfeita
Viste menina e vejo-te donzela.

Cinge-te a coma doiro o ano estreito
Das nações de Lotto e Della Bella,
Virgem, que aceso altar tens em meu peito.

IV

Sim, foi melhor. No gozo de uma hora
Quantos anos e séculos futuros
Do santo amor que as almas revigora
Ambos alugaríamos impuros.

Agora, flor de luz e de beleza,
Casta como o jasmim da madrugada,
Alva como o acordar da natureza,
Podes volver dos anjos a morada.

Vem, repousa a meu lado, na silêncio
Paz da noite estrelada, só murmura
Perdo de nós a límpida corrente.

Dorme em sossego, sobre a fonte pura
Num beijo selarei eterno, ardente
Amor, meu doce calix de amargura!

V

Criança laura, meus cabelos brancos
Neve de inverno em tua primavera
Talvez dissessem mudamente francos
O que jamais a voz dizer pudera.

Sã, latido dos ventos e do raio,
Sui o tronco esgalhado da montanha,
E se ainda flores tu me vês em maio
É a mão da tormenta que as apanha.

Segue tranqüilo a perfumada senda
Do vale de inocência e inocidade
Que o sol na-ciente ao longe te desvenda.

Acorda e vai, a fria claridade
Da manhã de meus braços te despenda
Sonho gentil! prenúncio da saudade.

VI

Se tu sorrias, como a natureza
Sorria toda, como os passarinhos
Cantavam, como a beira dos caminhos
Vinham mirrar-te as flores da devesa.

Se tu choravas, como o vale inteiro
As florestas, os montes se cobriam
De névoa triste, como se carpiam
A fonte, o rio, as ramas do salgueiro.

Luz e sombra dançavam de tua alma,
Encerrada na forma peregrina,
Pira de amor e de martírio palma.

Mulher e deusa, teu olhar fascina
Como um abismo, tua fronte calva
Revela a paz da habitação divina.

VII

Amar-te sem que o saibas, ver-te, ouvir-te,
Desenholosa, incógnita; acompanhar-te,
Qual segue a sombra ao corpo a toda parte
Sem ter a consciência de seguir-te;

Viver só deste amor de contemplar-te,
Risonho ou triste, se sorris ou choras,
Em muda adoração, horas e horas,
Achar a vida curta para amar-te;

Baixar confuso os olhos, se tuoras
A meu olhar, e ver a sós contigo
Apagar-te o rubor meigo sorriso;

Eis meu destino. E tu até ignoras
Que calvo de amor, a mão bendito
Que mudou-me a paixão em paraíso!

VIII

Não te disse adeus, não. Tua imagem,
Se tu te foste, não se foi contigo
Vejo por toda parte o rosto amigo
Em meu deserto vivida miragem.

Guardados, qual no mármore divino
A deusa grega, estão o teu semblante
E a forma do corpo radiante
De mudalva no cofre cristalino.

O som de tua voz, teu claro riso,
A luz de teu olhar de corsa e diva
Perlo de mim agora ouço e diviso.

Não te partiste toda, compassiva
Ficou para criar-me um paraíso
De teu adeus a lágrima furtiva.

IX

Uma tarde, na fonte debruçados,
Vi no fundo do céu azul e puro,
Como visão de um quadro de futuro,
Nossas almas e corpos enlaçados.

A tarde era de outono, no poente
A luz era de ouro, realçada
Pela cor do pintal, entrecortada
Dumas chispas de fogo e lava ardente.

O vale nessa hora de magia
Desdobrava a teus pés a purpura
Alombra da folhagem que caía.

Virá depois da noite a madrugada
Luz dentro vinda? Teu olhar segue
O levantar da estrela vespertina.

X

Avezinha do céu, que estranhos climas
Vieste percorrer! Por que por este
Vale escuro trocaste as claras cinzas,
Dos páramos de luz em que nasceste?

Acaso viste que na terra havia
Quem tua luz cegara e só de vê-la
De amor sem esperança se morria,
E a mim baixaste, minha lua estrela?

Ave de amor puríssima, sublime
Lágrima santa, que dos céus vertida
Aluminaste meu destino escuro!

Se vieste buscar-me, ela redime
Esta minh'alma dos grilhões da vida
E voamos ao nosso lar futuro!

XI

Ave Maria! hora da saudade,
Em que nossos amores ressuscitam,
E errantes lucidas palpítam,
Pela do dia morta claridade.

Das chaminés levantam-se a fumaça
Nalheia à beira-mar, ao arvoredor
Traz a brisa da tarde seu segredo
E o velho mar a ilha verde abraça.

Na vastidão azul as velas correm,
Como em minha memória umas lembranças
Misto de dor e candeia alegria.

Os sons do campainário ao longe morrem,
E tua imagem fala de esperanças
Na hora da saudade, ao fim do dia.

XII

Naquela tarde amena em que subimos
A escarpada encosta junto ao mar
A ver o por do sol, e em que vimos
Tu mudalva e eu o céu em teu olhar.

Lembras-te? Dourado e púrpura vestido,
Sepultou-se no mar o rei do dia,
E o borbotão de luz foi sucedido
Pela da noite mística magia.

Esposa enamorada, a lua nova
Seguiu o rei co'a lâmpada argentina,
E no céu as estrelas cintilaram.

Assim quando eu morrer a fria covas
Terá meu corpo, mas a luz divina
Refugiá nos olhos que a guardaram!

XIII

Que vale vivo afeto, monstro ardente
Que o corpo nos devora? Saciado
Deixa murcha no leito profanado
A rosa que em botão colheu fremente.

O fogo deste amor plácido e puro
Que dimana de ti suavemente
Está em teu olhar tão inocente
Que outro céu na terra não procure.

Com a tormenta o céu fica severo
Ruge, brancos, fúzila e, pavoroso,
Esmaga o verno humano tão pequeno.

Mas teu olhar as portas do futuro
Abre de par em par e, venturoso,
Subo transfigurado no ar sereno!

Dezembro de 1898.

Amigos durante cinquenta
anos, Machado de Assis e Salva-
dor de Meidonega mantiveram
uma longa e afetuosa corres-
pondência. Aqui encontrará o
leitor algumas das cartas tro-
cadas por eles — cartas me-
diculares, pela discreção, a fim-
re, o tom simples e sincero
do afeto, a total ausência de
malícia de cada um para com
o outro ou para com as outras
pessoas.

E/d (1875)

Meu caro Salvador. — Procurei-te ontem sem ter a fortuna de encontrá-lo; mas valeu aqui no papel o que eu te queria dizer, e é que, se depois de publicado o discurso do Du-mas (1), não fizeres empenho em conservar o original, o mandes a este — Teu do C. — M. A.

(1) Alexandre Dumas Filho, recebido na Academia Francesa em 11 de fevereiro de 1875. Foi eleito em 29 de janeiro de 1874, na vaga de Lebrun (Pierre-Antoine). Recebeu-o o conde d'Haussonville (Joseph-Othéon-Bernard de Cléon).

New York, 30 de out., 1875

Meu machado. — Quero apenas pedir-te notícias tuas e dizer-te que estou aqui, serão tão talmente bom de saúde. Aqui cheguei a 23 de setembro, já melhor e se o Governo nomear-me definitivamente Comandante Geral, cargo que já estou exercendo interinamente desde 28 do passado, é fora de dúvida que ficarei como um peregrino e como um peregrino norte-americano; que são coradíssimos de minha polpa. — Espero que desta vez se lembrem de te mandarem até cá: vejo que admirariam aqui muita coisa. Por mais que conheçamos esta terra, dos livros, das impressões dos amigos, da imprensa, dos seus homens de estranha reserva, aqui ao estrangeiro boa dose de pasmo para as novidades. É um país que suas cidades inteiras de palácios de tijolo, de pedra e de mármore. E serão os donos alguns filhos? Qual! Gente de massa grossa e coração fino, movendo-se como agitados por contínua febre, dizendo que se movem por que o país é frio, e possuído o raro dote de amontoar milhões. Queres ver? Um fabricante de pianos, o Chickering, que já possuía um grande estabelecimento à rua 14, mandou construir um palácio para sua fábrica, para os seus armazéns e para uma sala de concerto, onde os seus instrumentos sejam exibidos. Pois bem! não alguma coisa assiria te poderia dar ideia da mole assombrosa que é tal construção. Não creio que mais arrojado edifício se levante em ponto algum do globo. Chickering de manhinha ainda empunha a mangueira da sua bomba e lava a frente da casa da rua 14 com as máquinas milionárias. No entanto, não sabendo mais, Chickering se apenas, na escala, dos fabricantes de pianos, o terceiro dos Estados Unidos, e está longe de ser aqui considerado muito rico. — Se do privado passarmos ao coletivo, vemos por exemplo erguerem-se cinco monstros com o nome de palácios para a Exposição do Centenário. Palácio da Agricultura, palácio da Horticultura, palácio das Máquinas, palácio Central, palácio da Comemoração. O Central tem 365 pés de largo e 1.875 de comprimento. Se estiveres de passagem, vem um dia das dimensões do nosso belo edifício da Agricultura e faz a comparação.

ção. — E para coroar tudo isto, meu Machado, há aqui as mais formosas e amáveis moças do mundo, está visto, excetuadas as brasileiras. Vale a pena vir ver; faze por isso. — Escreve no — Teu do coração — Salvador.

P. S. — Outra observação: o inglês, nuns lábios que há aqui, parece suavíssimo italiano. E' tão perigoso que só lhe dou ouvidos porque preciso estudar a lingua.

Rio, 24 de dez. 1875

Meu caro Salvador. — Recibi a tua carta e o teu retrato, o que quer dizer que te recibi todo em corpo e alma. A alma não mudou: é a mesma que daqui se foi. Mas e corpo! Estás outro. Meu Salvador: renasceu-te a vida com a mudança, se é que não contribuíram principalmente para isso os tais lábios, "cillo inglés parece italiano". Dou-te os parabéns pela saúde, pelos lábios e pelo exercicio do consúlio. Aqui creem todos que terás a nomeação definitiva. O Otaviano (2), se bem me lembra, falou-me também nessimido. O que preciso é que os amigos que podem influir não se deixem ficar parados.—Muito me contas desse país. Li-te com água na boca. Pudessem vir ver tudo isso! Infelizmente a vontade é maior do que as esperanças. Infinitamente maiores do que a possibilidade. Não espero nem tanto nomeação do governo, porque naturalmente os nomes estarão escolhidos (3). Mais tarde: é possível, talvez. — Remeto-te um exemplar das minhas "Americanas". Publica-quei-as há poucos dias, e creio que agradaram algum tanto. Vê-lá o que isso vale: se tiveres tempo, escreve-me as tuas impressões. Não remeto exemplar ao nosso Rodrigues (4), porque o Garnier costuma fazê-lo directamente, segundo me consta.

Por aqui não há novidade importante. Calor e masmacela, duas coisas que talvez não tenham por lá em tamanha dose. Ai, ao menos, anda-se depressa, conforme dizes na tua carta, e na correspondência que li no "Globo". Não podes negar, porque o estilo é teu. Vejo que mal chegaste ai, logo arrendeste o uso da terra, de andar e trabalhar muito. Uma correspondência e infinitas cartas particula- res! Já eras trabalhador antes de lá ir. Imagino o que ficasás sendo. Olha, o Rodrigues é bom mestre, e o "Novo Mundo" um grande exemplo.

Adeus, meu Salvador; muitos beijos em teus pequenos, futuros "yankées", e um abraço apertado do teu *Machado de Assis* — que te pede novas letras e te envia muitas saudações.

— Adeus.

(2) Francisco Otaviano. — (3) Para a exposição de Fildelfia. — (4) José Carlos Rodrigues, então homiziado nos Estados Unidos, diretor da revista "Novo-Mundo".

New York, 7 de março de 1876.

Meu querido Machado de Assis. — Não me acusar por não responder agora a tua carta do 24 de dezembro, deixando de fazê-lo pelo paquete de fevereiro, quando me tiveres lido. Nem preciso dizer-te quanto se encheu minha alma de santa e boa amizade, lendo-te, ouvindo-te. — Falas no meu almejado consúlio definitivo, e até hoje não sei quando me darão. Falas-me do teu desejo de vir a esta terra admirável, e compreendo-o, Falas-me das tuas

"Americanas": que todas li com sumo delecte, e de que encontráras novas no "Novo Mundo" do mês de março, e delas te direi alguma coisa adiante, quando te falar também da minha Americana. Palas do meu andar e trabalhar e escrever, e adole-narei que tenho feito mais do que calças, pois estou com um volume acerca dos "coolies" quasi pronto, e um romance quasi terminado também. — Do romance tratarei. Se é único, porém, a quem confio o segredo no Brasil, e tenho para isso as minhas razões: saio o novo do Bient Giana (5) a quem pe-dirá a mesma confidência que a ti peço, a ninguém mais transmittas. — Versa a histó-ria acerca dos "lábios cujo in-glês parece italiano". — Foi a Boston ver umas manufaturas, e de lá ao Maine, accidentalmen-te, a pequena cidade de Augus-ta. Convidaram-me à noite pa-ra ver uma família, que era a encarnação dos antigos purita-nos da Nova Inglaterra, e nes-sa casa encontrei uma moça, formosa como se não pinta. Illustrada como se não supõe que o seja uma moça cheia de espirito e vivacidade "yankee", que é duas vezes a vivacidade e o espirito francês, e conversel com ela em péssimo inglês, que a fez rir vinte vezes, cerca de quatro horas. Ao despedirmo-nos a moça disse-me que, se eu não sequisse muito cedo via-gem, iria visitá-la na manhã seguinte, e é escusado diz-ter que esperei no outro dia por ela em casa do amigo ou conhecido que me hospedou. Com efeito, ás 5 horas mandou-me o reu-carão de visita e desci a vê-la. Disse-me que se interessava por mim excepcionalmente (foi o adverbio): que dentro em pou-cos dias estaria em New York, em casa de uma irmã casada, cuja residência me deu, e que propunha-se a enstipar-me o inglês. Aceitei a proposta, guar-dei o cartão, despedimo-nos, e eu, contente, eu extasiado, e meli-me no trem de ferro sem en-ender bem tudo aquilo, mas em misérrimo estado, meu que-rido amigo: no estado agudo de uma paixão violenta, de que não me julgava capaz. — Em New York a primeira coisa que fiz foi perguntar pela família, e qual não foi minha alegria sa-bendo que Mary Redman era a mais esperanças escriptoria nois-te-americana, autora de dois volumes de poesias e colabora-dora estiva de uma excelente revista aquil irmã de John Redman, o fogoso e indomável jornalista do Oeste, que exatamen-te agora, na campanha dos democratas contra a corrupção do governo de Garnt, faz a mais brilhante figura na imprensa em S. Louis: filha de uma famí-lia há muitos anos illustre nas letras, e cuja mãe, falecida há cinco anos, deu sempre o tom à boa e severa sociedade de Boston. — Vi que se não trata-va de um capricho gigante, e que essa moça lá influir poderosamente no meu futuro. Cin-co dias depois recebi della uma carta, convidando-me a vê-la: fui à casa da irmã, mais velha do que ela oito anos, que man-dou por um carro seu para ir-mos ao Parque. Fomos os dois com a liberdade que aqui tem as moças: disse-me que me da-ria todo o tempo que eu quises-se para leccionar-me; pergun-tei-lhe animosamente porque tomava tal interesse por mim, e no meio de cem carrações que a essa hora corriam os boni-tos mais frequentados desse ponto de reunião da boa socie-dade new-yorkesa, disse-me que se interessava por mim porque nenhum homem despertára nela os sentimentos que eu des-pertára, e "que ela supunha amor". Costou de mim, porque nunca vi um homem tão triste como eu na noite em (que) conversámos em Augusta: por-que falei-lhe com entusiasmo

de minha mulher que perdesse, e de minhas filhas que deixara no Brasil; porque olhei para ela com uns olhos que ela nunca tinha visto, ainda em uma corsa que criou e teve em casa 12 anos; porque em suma achou-me "excepcional". Prometemos estudar-nos e conhecer-nos de perto; comecei no dia seguinte a minha aula de inglês, e com tal progresso (bem sabes que ia nisso o meu amor-próprio) que em janeiro já ela se não ria tanto da minha pronúncia, e em já lhe podia dizer mais e melhor do que ao Mr. Maine. Durante dois meses fomos várias vezes ao teatro sós, como aqui fazem todos os namorados, ao Parque, e até ao Niagara. — Mary tem 26 anos com essa primeira flor de mocidade que não conhecemos no nosso clima abradador; é alta, esbelta, nem cara nem morena, olhos azues e cabelos castanhos quasi negros; rosto oval e harmonioso, com as mais finas e corretas sobranceiras que já vi, nãrta irrepreensível, e um pequeno buço que a torna mais morena do que clara. Tem umas mãos que nunca me deixaram atender bem à lição. Mary teve até agora nem adoradores ao redor de sua beleza, de seu talento e de seu caráter. Quanto a este lora insuficiente um livro para pintor-to; é a perfeita mulher americana, educada em uma casa de puritanos, trabalhando todos os dias apesar de possuir suficiente dinheiro, e encarando um homem em face com a dignidade de um "gentleman". Escreveu durante três anos para uma revista alemã aqui, sob um pseudônimo; os seus versos ingleses são formosíssimos: lê Virvilio e Horácio como a sua Bíblia; aprendeu desenhos com a mãe, e faz aquarelas admiráveis; canta com uma voz viriada e doce como nunca ouvi. Quando conversa nunca levanta a voz além de um diapaço que estou crente ser o do coro angelico nos céus. — D'ante disto, meu Machado, o único partido é succumbir com glória; casome. — No dia 15 de janeiro, pedi-a oficialmente a si própria, como é costume da terra, e ela deu-me a sua mão, communicando depois a passo ao pai e aos irmãos, que estão todos satisfeitos com a escolha. Aqui o *engagement* que corresponde aos nossos p'regos³ é costume ser publicado; e lá, porém, deseja que de nada se saiba por ora, pois só nos devemos casar em abril, e nem a pessoa de minha família communica agora coisa alguma: quinze dias antes do alto o publicaremos. Pelos olhos de inveja que me deitam os f'ões da 5ª Avenida, ao ver-nos em toda a parte juntos, imagino que o casamento do consul do Brasil vai aqui ser falado; aqui apenas sabem dele o Rodrig'ues, que muito o aprova, e o nosso ministro sr. Carvalho Borges, que nos tem visto juntos várias vezes e não custou a adivinhar. — Não podes ter idéia da minha felicidade: Mary é essencialmente doméstica; tem a educação americana para usar dela em benefício do nosso futuro, e do futuro de minhas filhas, que está ansiosa por ver chegar do Brasil; pelos extremos com que trata o Mário, avalla o que vai ser para os meus anjinhos. Ao vê-la dizer-me que tem a certeza de dominar ao próprio marido; mas o que é real é que mais suave e meiga criatura não deparai ainda. Vou diariamente buscar-lá e saíme a comprar mil coizas para o arranjo de nossa futura casa; era preciso ver, para acreditar, as mil *infirmitades* desse caráter na aparência varonil; procura adivinhar-me a vontade e já me declarou que abdicou de querer. Define a mulher perfeita na América do Norte como "um cidadão ativo, atrevido, e com

ação maior que a sua a dispen-
se de tratar da causa de todos
para tratar de si e de sua na-
ção? o seu ideal? é ter mu-
ltos filhos e educá-los todos com
utilidade para a pátria; du-
rante a guerra civil tinham
trabalhado mais do que Mary nos
clubes de Boston contra os es-
cravocratas: ela mesma deu mu-
to que tinha tanto ardor no seu
discurso e na sua obra, não se-
ria a de todas as reboadoras do No-
te, como tem hoje no Norte
por mim, e ao dizer-lhe a sua co-
mo uma colegial, que não seja
da Imaculada Conceição de Ba-
talogo, ou do Sagrado Coração
de Mariem, aqui — Boston —
agora, posto que ainda le-
venha dito tudo: — Há na na-
menzinha de maior tope, ca-
paz de fazer cara a estas co-
sas? Desafio-o a aparecer
— Conhece-me com alguma expe-
riência do mundo, sabia por
muita luta na adversidade; pois
meu Machado, o único tempo-
heróico era capitular com in-
dadas as honras da guerra, e tu
o que fiz, Mary é realmente um
ente excepcional: uma mulher
assim como uma Minerva em
capacete e lança, partindo no
nosso encontro de Agueda des-
perta a armadura, ficou a in-
beberia — e a mulher bem mu-
lher, bem anjo — Não me
aches piadas: não o sou. Es-
toja o mesmo homem, rudi-
ta, apaixonado, mas é um
prudente: esta mesma tempera-
é que, sem que eu o soubesse,
ganhou a batalha, que eu não
tinha no primeiro momento
plena consciência de estar per-
dida. A verdade é que achei
amor da minha idade vir a mim
porque Mary foi até pouco tem-
po mais o cadáver do que mu-
lher, mas exatamente porque
agora traz todo o carvão e
negueira de sua alma, mas se
abre ao amor, para acender
minha, que se julgava em tem-
po de fechar-se para o céu e
fugir — Sabes que ela tem
excelentes pontos nas mãos, re-
bendo-as como novas, os con-
versar junto da lareira? Pois to-
ma-os. E entende de cozinha né
é uma delícia: ainda ontem pre-
paramos em casa da família e fi-
gurei uma omelette, da minha
composição e feitura. Vão lá
poder com uma rapariga des-
tas! Pois não? — Então
traduzido no meu inglês alguns
versos teus que exatamente
quando uma vez veio buscar-
me à casa: traduzi-te talvez
o soneto de Blest Gama "Por que
te amo ? De ambos gostou, e
que aqui para nós não era mu-
to difícil, primeiro porque os
versos eram bons, depois por-
que escolhi os que mais coloca-
dini com a situação e o audi-
tório. — Ficas, pois, de posse
de quanto tenho de melhor para
a terra; a nova do meu amor
e do meu casamento. No pre-
Quintino, que aliás havia de
apreciar este pequeno romance
"yankee", não há que falar, pois
é jornalista e podia dar uma
língua nos tipos: — A sua
coração para ti. — Abara-
vez afinal que decidis a não
apressadamente, e que de-
pois de esperar algum tem-
po mais. Porém se tal não
não tens razão: primeiro por-
que tudo ponderar com a
eja do coração virto e a
família, depois porque já não
necês o ia à americana, mas
quis ver suplantados os
brasileiros, e desta vez
ficou admirado da pressa lá
"yankee". Nem todos os
e trópeos. — Se não for
Exoecção. Iria buscar muitas
filhas com Mary: mas não
do ano quero mostrar-lhe
o Brasil, que ela aliás en-
bem pelas livros, e pelo
cinema que escolheu para
com recreio de muita
pagação daqui; pois, meu
chado, se esta é a terra dos
bonitas, ainda mais é a
homens bonitos. Mas são
nitos, enérgicos, ativos, por-



Mendonça com Machado de Assis

quer rapariga lhes dá água pela barba, nem tem coragem de defender a bandeira do sexo forte, nem sabem ter olho de coisa e render-se a tempo, ou fingir que se rendem, quando a vitória é certa. Lamento-os. — E lamento também a li, que certamente me leste até aqui. Preciso escrever-te tudo isto e mais ainda, porque só tenho desabafado em inglês um amor todo original brasileiro. — Quando em abril ou maio, ao chegar a notícia, os amigos ficaram admirados, dizem-lhes que "era coisa velha", ao menos velha para quem vive a americana, com jornais de meia em meia hora, e a cidade acordada 24 horas por dia, para não perder tempo. — Abraça-te com um abraço bem apertado — Teu Salvador de Mendonça.

(5) Guilherme Blest Gana, escritor, diplomata chileno, talvez então ministro do Chile junto ao Governo do Brasil.

Rio, 15 de abril de 1876.

Não, meu querido Salvador, ainda que eu te mandasse agora uma carta de trinta ou quarenta folhas, não te daria ideia da surpresa que me causou a tua carta de 7 do mês passado: a maior e a mais agradável das surpresas. Quando a abri, e cometi as doze laudas da tua letra, cerrada e miúda, fiquei extremamente lisonjeado, e creio que causei afetuosa inveja aos que estão ao pé de mim, o Quintino (6) e o João de Almeida. Mas logo que comeci a lê-la, senti uma doce desilusão; só o amor é tão eloquente, só ele podia inspirar tanta coisa ao mais sério das rapazes e ao mais jovial dos consules. — Faltava a carta, não só porque eram letras tuas, mas também porque dificilmente podia ver melhor retrato de uma jovem americana. Tudo ali é característico e original. Nos amamos e casamos aqui no Brasil, como se ama e se casam na Europa; nesse país parece que estas coisas são uma espécie de compromisso entre o romanesco e o patriarcal. Acrescenta os dotes individuais de Miss Mary Redman — talvez a esta hora Mrs. Mendonça. Casar assim, e com tal noiva, é simplesmente viver, em mais ampla aceção da palavra. — Sabes se sou teu amigo; receberás daqui de longe o mais apertado abraço. Se feliz, meu Salvador, porque o mereces pelo coração, pelo talento e pelo caráter. Tua esposa já adivinha teus dotes; há de apreciá-los, e reconhecer que se te dá a felicidade, recebê-la-á do mesmo modo e em igual porção. Nada dizes a ninguém do que me revelas em tua carta. O Blest Gana, segundo me disseram no Hotel dos Estrangeiros, está fora, na roça. Agradeço-te a confiança; mas devo dizer que la calindo em rasgar o envelope. Foi o caso: estava no "Globo", lendo o que me ditas acerca de "um livro sobre 'coffees' e um romance", repeti estas palavras ao Quintino, João de Almeida e Taunay (7). Admiramos-te todos do teu gênio laborioso, e eu continuei a ler a carta para mim. Quando vi de que romance me falavas, limitei-me a dizer que efetivamente escrevias um romance, mas que não convinha anunciá-lo por ora. Meu receio era o que o Quintino noticiasse gravemente no dia seguinte que as letras pátrias iam receber um novo mimo, etc., etc. Imagina o efeito que te produziria semelhante notícia no "Globo". De maneira que, por ora, ao eu sei do caso, e não o revelarei antes de revelado por cartas ou jornais. — Miss Mary namorou-

se de teus olhos de corça. Quando li isto, reconheci que nunca me enganara a respeito dos tais olhos; tu mesmo não sabes talvez o que eles valem. Agora o que é preciso é que ela não fique todo o tempo embebida neles, e pois que a natureza lhe concedeu talento, deve-nos os frutos dele, que serão ainda mais belos, com a influência do colaborador que a fortuna lhe deparou. Dize-lhe isto, acrescentando que o escreve o mais infimo dos poetas e o mais entusiasta da glória literária. — Não vi o "Novo Mundo" do mês de março; mas affiançame que nada vem lá a respeito das "Americanas". Vrá no de abril provavelmente; desde já te agradeço a atenção. — Mais um abraço, Salvador, e meus parabéns; abraça o Mário também. O céu te de todas as venturas, que as merces. Quando eu me lembro que, enquanto cogitava nos "lábios em que o inglês parece italiano", te deliravas simplesmente um plano de casamento, não calo em mim! E agora respondo a um trecho da tua carta. Não há que justificar a pressa. Os melhores amores nascem de um minuto. Deveras, seguisse a boa regra: fozto "yankee" entre "yankees". — Adeus meu Salvador. Meus respeitos à sra. consulesa e mais um abraço para ti. — Teu do Coração — Machado de Assis.

(7) Quintino Bocayuva, um dos redatores do "Globo". (7) Alfredo Taunay, depois visconde de Taunay.

Rio 13 de novembro de 1876.

Meu caro Salvador, — Mal tenho tempo para agradecer-te muito do coração o belo artigo que escreveste no "Novo Mundo", a propósito das "Americanas". Está como tudo o que é teu: muita reflexão e forma esplêndida. Cá ficará entre as minhas jóias literárias. — Val por este vapor um exemplar da "Helena", romance que publiquei no "Globo". Dizem aqui que dos meus livros é o menos mau; não sei, lá verás. — Faço o que posso e quando posso. — E tu? Eu dir-te-lhe muita coisa mais, a não ser a urgência. Escrevo esta carta, à hora de sair da Secretaria, para ir lê-la ao João de Almeida. Prometo desde já ser muito mais extenso no primeiro vapor. Entretanto, agradeço-te as fotografias que daí me remeteste; são de excelente efeito. — Meus respeitos a tua esposa, lembranças a teus filhos, e para ti o coração do — Teu Machado de Assis.

Rio, 8 de outubro 77.

Meu caro Salvador, — Escrevo-te, à pressa, à última hora, e por isso me dispensarás se te não digo uma série de coisas que há sempre que dizer entre bons amigos que se não falam há muito. Antes de tudo, estimo a tua saúde e a de tua senhora e filhos. — Vai aparecer no 1º do ano de 78 um novo jornal, "O Cruzeiro", fundado com capitais de alguns comerciantes, uns brasileiros e outros portugueses. O diretor será o dr. Henrique Correia Moreira, teu colega, que deves conhecer. — Inzumbi-me este de te propor o seguinte: — 1º. Escreveres duas correspondências mensais. — 2º. Remetteres citações dos gêneros que interessam ao Brasil, principalmente banha, farinha de trigo, querosene e café, e mais notícias do câmbio sobre Londres, Paris, etc., e sobre o outro. — 3º. Obteres anúncios de casas industriais e ou-

tras. — Como remuneração: — Pelas correspondências, 50 dolares mensais. — Pelos anúncios, uma percentagem de 30 %. — Podes aceitar isso? No caso afirmativo, convém remeter a primeira carta de maneira que possa ser publicada em janeiro. Caso não te convenha, o dr. Moreira, pede que vejas se o nosso amigo Rodrigues, do "Novo Mundo", pode aceitar o encargo, e em falta deste alguma outro brasileiro idôneo. — Os industriais que quiserem mandar os anúncios poderão também remeter, se lhes convier, os "cliques" e gravuras. Quanto ao preço dos anúncios, não está ainda marcado, mas regulará o do "Jornal do Comércio", ou ainda alguma coisa menos. — Esta carta vai por via de Europa. No primeiro paquete escreverei outra, para remediar o extravio desta, se houver. — Desculpa-me a pressa, e escreve ao — Teu do Coração — Machado de Assis.

Rio, 2 de março 1878.

Meu caro Salvador, — Minha primeira carta, depois de tua partida, é uma apresentação. Há de ser-te entregue pelo sr. João Artur Pereira de Andrade, que, por motivo de saúde, vai a esses Estados passar algum tempo. — A ninguém, melhor do que a ti, poderia apresentar este nosso distinto e inteligente patriótico. Ele te apreciara, como eu e todos os que tem a fortuna de ser teus amigos. — Meus respeitos a tua digna esposa e saudades a teus queridos filhos. Escreva-me e continua a crer no amigo do Coração — Machado de Assis.

25 de julho de 1881.

Meu caro Salvador, — Para o fim de se poder despachar a caixa, convém que mandes a esta Secretaria uma procuração, visto que a caixa vai com o teu nome. O despachante da Secretaria é o capitão Henrique Jeremias Possio; esse pode ser o procurador. — Hontem, ao voltarmos para casa, soubemos da visita que nos fizeste com tua estimável senhora, a quem peço apresentar os meus respeitos. Senti deveras não estar em casa. Minha mulher reconhece-te-se muito a Mrs. Salv. de Mendonça. — Crê-me sempre — am.º v.º — Machado de Assis.

Keene Valley, Adirondacks, New York, 21 de julho de 1885.

Meu caro Machado de Assis, — Há já tempo imemorial que não te escrevo, nem tenho carta tua. Hoje, ao completar meus 54 anos, e estando a escrever aos irmãos e a mandar-lhes meu retrato, vi que me faltava alguém da família — um irmão dos antigos tempos — pois estamos ficando velhos, meu Machadoinho! — e aí tens o motivo desta missiva. — Continue a ler-te sempre, e quando na "Semana" (1) falas de 30 ou 35 anos passados, do bom Saldanha Marinho, do labial laborioso Garnier, e de outros que se vão indo, vejo já bem longe esses nossos tempos de que tenho muita saudade. No meio da gente nova que enche a nossa velha cidade, já em 1891 tive a impressão, não de que era eu estrangeiro, mas de que era essa gente um bando de intrusos. Que direito tem eles de encher-nos as ruas? Que sabem eles do nosso Rio de Janeiro dos bons tempos? Não sabem nem o que foi o Paula

brito, nem a Petalógica, nem o no. Não chegaram a ver o Prô-Bacharel Gonçalves e o Herculanovisor quanto mais a ouvir nele as aves conitoras que de 1856 em diante vinham nas estações próprias, delectar-nos os ouvidos exigentes. O que sabem eles do São Januário e do São Pedro com o grande João Caetano? Do Lírico com a Ristori e com o Rossi, nos tempos em que o Chico Paz (2) (entrega a este outro preguiçoso para cartas o retrato que para ele incluiu) dizia-me, quando tínhamos ambos as mãos quentes das palmas que báteramos: — "Poucos, mas bem montados!" Gente que não foi desses dias não tem para mim o direito de nos atrapalhar o caminho, a nós veteranos dessas campanhas. Afigura-se-me que estão todos eles com a nossa velha cidade por menagem e mais nada. Para pertencer-lhe é preciso tê-la conhecido como a conhecemos. — Mário casou no dia 10 de junho com Miss Charlotte Rogers, e ambos se recomendam a ti e a tua senhora. Comunica-o de minha parte ao Chico Paz e diz-lhe que a vista disto longe vão os tempos do Chiarini, onde ele levava o Mário. — Aceita lembranças de minha senhora e filhos para tua senhora e para ti. Abraço-te. — Teu amigo velho — Salvador de Mendonça.

P. S. — Alem do retrato para o Paz, peço-te o favor de entregar ao terceiro ao Pacheco

(1) Crônica dominical de M. de Assis na "Gazeta de Notícias". — (2) Francisco Ramos Paz.

Rio, 22 de setembro de 1885.

Meu caro Salvador de Mendonça, — Com grande prazer recebi o teu retrato e a carta que o acompanhava, cheia de tantas saudades e recordações. Tens razão; compreendo que, ao ver tanta gente nova, em 1891, toda essa te parece intrusa, por não saber dos nossos bons tempos nem dos lugares e coisas que lá vão. Alguns intrusos vingam-se em tir do que passou, ditando o vândo de si, e crendo que o Rio de Janeiro começou depois da guerra do Paraguai. Os que não riem e respeitam a cidade que não conheciam, não tem a sensação direta e viva; é o mesmo que se lessem um quadro antigo que só intelectualmente nos transporta ao lugar e à idade. Este Rio de Janeiro de hoje é tão outro do que era, que parece antes, salvo o número de pessoas, uma cidade de exposição universal. Cada dia espero que os adventícios saiam; mas eles aumentam, como se quisessem por fora os verdadeiros e antigos habitantes. — Já que me falaste na "Semana", dir-te-ei que ainda ontem tive de fazer referência a uma dessas pessoas do nosso tempo, a Eponina, viúva do Otaviano (1). Morreu quarta-feira, e uma só folha, creio, deu notícia da morte, sem uma só palavra, a não ser o nome do marido. Assim se vão as figuras de outrora! — Venhamos ao teu retrato. Acho-o excelente; não te importes com os 54 anos; eu cá vou com os meus 56 e não digo nada. Vivam os quinquagenários! Entreguei ao Paz e ao Pacheco os exemplares que lhes mandaste. — Fecho-te pelo casamento do Mário, que conheci tão menino. A ele e a sua jovem esposa dirás da parte de minha senhora e da minha iguals felicitações. Agradeçamos as lembranças de tua senhora e de teus filhos, e peço-te que as retribuas da nossa parte. — Adeus, meu querido Salvador. Recebe um apor-

tado abraço do — Teu velho amigo — Machado de Assis.

(1) Francisco Otaviano de Almeida Rosa.

Rio, 9 de fevereiro de 1899. (altas 1897).

Meu caro Salvador, — Aqui

está uma carta que vai duas vezes retardada; mas como acerta de levar uma notícia agradável aos teus amigos, conto que me desculparás a demora das suas outras partes. A notícia é que foste, como de justiça, eleito para a Academia Brasileira de Letras, que aqui fundou o nosso Lucio (1). Poucos creram a princípio que a obra fosse a cabo; mas sabes como o Lucio é tenaz, e a coisa fez-se. A sua amizade cabou em favor da minha presidência. Resta agora que não esmoreçamos, e que o Congresso faça alguma (coisa?) pela instituição. Cá estás entre nós. O Lucio te dirá (alem da comunicação oficial que tens de receber (que cada cadeira, por proposta de Nabuco, tem um patrono, um dos grandes mortos da literatura nacional) (2). — Era pelas festas do Ano Dom que eu queria escrever-te, deixando-te a ti e aos teus um ano de dias felizes. Espero que sim, e também que a nossa amizade (a nossa velha a m i x a d e) fique no que é e foi, apesar da distância que nos separa há muito. Os anos, meu caro Salvador, vão caindo sobre mim, que lhes resisto ainda um pouco, mas o meu organismo terá de vergar totalmente; e as letras, também elas me cansarão um dia, ou se cansarão de mim, e ficarei à margem. — Deixa-me agradecer-te cordialmente o mimo que me fizeste com o livro "A House Boat on the Styx", obra realmente humorística e bem composta. Na dedicatória do exemplar lembras-te dos "Deuses de casada". (3). "De Dieux s'en vont", meu querido. Os tais acabaram trocando a casaca audácia e foram-se com os tempos. Bons tempos que eram! Todos rapazes, todos divinos, molando da gentilha humana; aí tempos! — Adeus, meu Salvador. Quando puderes, escreve-me. Já te agradeço o último retrato, que cá está na minha sala, com a cabeça encostada na mão, eu quisesa mandar-te o meu último, mas não sei onde me puseram os exemplares dele. Se os achar a tempo, meterei um aqui; se não, irá depois. Meus respeitos a Mrs. Mendonça, a quem minha mulher também se recomenda, e lembranças a todos os teus. Adeus, e não te esqueças do — velho amigo — Machado de Assis.

(1) Salvador e mais nove Acadêmicos foram eleitos na sessão de 28 de janeiro de 1897. — (2) Salvador escolheu para patrono o seu conterrâneo Joaquim Manuel de Macedo. — (3) Comédia de Machado de Assis, representada em 1865. Veja-se a carta de Machado a Nabuco, em 14 de janeiro de 1908.

Taboral, 8 de junho. 1900.

Meu presado Machado de Assis, — Há um mês sei tão cheio de esperanças no modo por que fui acolhido pelo dr. Alfredo Maia, quando lhe pedi a remoção de meu sobrinho Paulo de Mendonça, de Praça para Taboral como telegrafista, que julguei desnecessário pedir-te lembrar ao Ministro meu reco-

(Continua na página seguinte)

O esforço diplomata do

UMA NOMEAÇÃO PARA A CARREIRA CONSULAR

Em 1875, a situação de Salvador de Mendonça e das mais tristes. Resultado, talvez, do seu trabalho intensíssimo (vem de uma fase de traduções de romances franceses, em que passou para o nosso idioma quase quarenta volumes); sua saúde está em perigo. E' nesse momento que, como para agravar os seus sofrimentos íntimos, vê morrer a esposa. No lar, agora deserto da companhia querida, estão quatro erlançinhas sem mãe. Além dos quatro filhos, Salvador ainda tem irmãos pequeninos, que precisam de educação. A alma do lidador vacila, e se interroga, ansiosa, sem saber onde irá encontrar solução para tantos problemas que o afligem. E' nesse momento que lhe chega dos Estados Unidos uma carta de José Carlos Rodrigues, portadora de alento e de esperança. O velho amigo mantém em Nova York a publicação de um jornal interessantíssimo — "O Novo Mundo". Ali incluem notícias que interessam à vida e à história do Brasil e da América, tratando de assuntos políticos, sociais, estéticos e literários. Rodrigues lembrou-se de levar Salvador para Nova York, como seu companheiro de trabalho. "Não querera você vir ajudar o redator do "Novo Mundo"? E o conclava a levar os seus filhos, para educá-los "ao sul da liberdade americana". Salvador, que a princípio ficara indeciso, termina resolvido a aceitar o convite. E ao barão de Paranaipacaba, também seu velho amigo, comunicou essa resolução. Dois dias depois, é o próprio Paranaipacaba quem o procura e para oferecer-lhe o cargo de consul do Brasil em Nova York. Ante o espanto de Salvador, o amigo esclarece: ao saber que ele tinha vontade de morar nos Estados Unidos, Paranaipacaba fora ao Visconde do Rio Branco e lhe fizera essa comunicação, mostrando-lhe que seria justo que o governo imperial desse a Salvador de Mendonça uma atividade que, estando de acordo com os seus talentos, lhe permitisse viver, sem dificuldades nem preocupações, na grande República. O Visconde do Rio Branco ficou inteiramente de acordo com a sugestão, e nesse sentido tratou de falar sem demora com o Imperador. Pedro II, que estimava Salvador, declarou, por sua vez, que a possibilidade de uma tal escolha só lhe poderia ser grata; ele punha suas dúvidas em que Salvador de Mendonça aceitasse a nomeação...

Recebendo o convite, que era feito em nome de Rio Branco, Salvador de Mendonça, republicano entusiasta, que nunca fizera mistério de suas convicções, perguntou a Paranaipacaba qual a condição a ele imposta para ser nomeado. Seria a mesma de outrora, a que lhe impusera Pinto de Campos, quando desejara nomeá-lo diretor das Belas Artes — isto é, a condição de uma visita prévia ao Imperador?... Foi-lhe respondido que não, que a sua nomeação não importaria em nenhuma derrogação dos seus compromissos republicanos. Ainda assim, ele deixou sua deliberação pendente de uma consulta aos amigos mais chegados. Sem demora procurou os antigos companheiros do Primeiro Diretório Republicano: Saldanha Maranhão, Quintino Bocaiuva, Lafayette Rodrigues Pereira, Aristides Lobo. Este último não chegou a se pronunciar, porque estava fora do Rio de Janeiro. A opinião dos outros três, porém, foi favorável à aceitação do Consulado. Uniformemente optaram que, no regime que vigiava, os car-

gos não pertenciam ao Imperador, mas ao gabinete responsável. Os republicanos não poderiam ser excluídos deles. E quanto ao cargo de consul, nem sequer era de confiança política. Não haveria, pois, quebra nem derrogação do credo político, por parte de Salvador, em aceitar o lugar...

A nomeação se fez a 23 de junho de 1875, e Salvador foi designado para o Consulado de Baltimore, enquanto aguardava uma vaga no Consulado de Nova York.

A aceitação do cargo foi motivo para gravíssimas acusações a Salvador de Mendonça. E um publicista honesto e escrupuloso, dos mais graves que o Brasil tem possuído, levou a sua severidade até o ponto de dizer, já na República, já quase nas vésperas de Salvador de Mendonça morrer, que ele havia inaugurado no Brasil a prática do adeusismo.

No mesmo ano de 1875, e por morte de Luiz Henrique Ferreira de Aguiar, foi Salvador de Mendonça nomeado, em caráter interino, consul geral em Nova York.

TRABALHOS CONSULARES

Começam, desde logo, seus grandes trabalhos, pois esse homem de letras e de poesia é também um decidido homem de ação.

Americanista convicto, ele vai enviar todos os esforços para que o Brasil mantenha com os Estados Unidos uma política de cooperação eficaz. Está nos Estados Unidos apenas há um mês, e já escreve a Tomaz Coelho, que é ministro da Agricultura, sugerindo a conveniência da emigração dos norte-americanos para o Brasil. Embora não receba resposta às suas sugestões, vai enviando emigrantes.

Em meados de 1876, tendo sido promovido a consul geral efetivo nos Estados Unidos, seu entusiasmo de americanista ainda mais se acentua. Nesse mesmo ano, representa o nosso país na Exposição do Centenário de Filadélfia. Ali se encontram, em visita à exposição, dois brasileiros do maior destaque: D. Pedro II e Saldanha da Gama. Com o velho Imperador, Salvador de Mendonça, pelas próprias condições do seu cargo, estará em contato todos os dias, vendo crescer, nessa amizade que se renova, o afeto e a admiração que há tanto tempo lhe tributa. Saldanha da Gama, que a esse tempo é capitão tenente, é um dos seus grandes amigos, é aquele a quem ele mais confiadamente entregou a sua alma.

AS PRIMEIRAS IMPRESSÕES DA AMÉRICA

São dessas primeiras horas nos Estados Unidos as impressões maravilhosas que Salvador de Mendonça comunica aos amigos. Sua correspondência com Machado de Assis a esse respeito é um documento bem eloquente. Salvador escreve a Joaquim Maria, um mês depois de estar em Nova York. Já se encontra em pleno ídolo com a terra em que está vivendo. Tudo ali é, aos seus olhos, novidade, tudo é motivo de admiração e pavor. Encantam-no as cidades de palácios de tijolo, de pedra e de mármore. Encanta-o aquela gente, de mão grossa e coração fino, que possui a arte de amontoar milhões. Encanta-o, particularmente, aquele fabricante de pianos, que manda construir um palácio de grandiosidade assíria para a sua indústria, a que, entretanto, cada manhã ainda segura a mangueira de sua bomba, para lavar, com a sua mão milionária, a frente de sua casa. Encantam-no, sobretudo, as moças americanas — as mais formosas e anáveis

moças do mundo, excetuadas, está visto, as brasileiras". Nos lábios de tais moças — nos de uma delas, ao menos — "o indolente parece suavíssimo italiano". E o tentador acena com tantos encantos para aquele em cuja alma os venenos do futuro, D. Casimiro já se andavam derramando: — "Vale a pena ver estas milagres, meu Machado de Assis. Faze por vir". D. Casimiro adivinha Capitu e se retrai ainda mais, na sua concha de misantropia... Salvador continua a ouvir a melodia divina daquele inglês que em certos lábios é mais suave que o nítido suave dos Italianos... E eis que, poucos meses depois, D. Casimiro é surpreendido com uma notícia sensacional: o amigo, que daqui saíra vivo, está morto! Sim: mas a notícia é privativa, é unicamente para ele. A dois amigos, além de Machado de Assis, poderia o coração efusivo do velho levar a informação de sua ventura incomparável: eram Quintino Bocaiuva e Bist Gama. A Bist Gama fica Machado de Assis autorizado a contar a história do enternecido ídolo americano: contanto que lhe imponha também a mais absoluta discreção. A Quintino, porém, o melhor é não dizer nada; ele é jornalista, e há perigo de dar com a língua nos prelos... Vem então a longa, a infinita, a maravilhada descrição — a descrição que se estende por quase dez páginas — do momento e do noivado. Salvador está noivo de Mary Redman. E' uma escritora de talento, que já tem publicado dois volumes de poesia e que colabora em excelentes revistas do país. Sua família é de gente há muitos anos lustre nas letras. Sua mãe deu sempre o tom à boa e severa sociedade de Boston. Seu irmão, John Redman, é um dos mais brilhantes jornalistas do Oeste, e no momento em que Salvador se aproxima de sua família, está fazendo uma ardorosa campanha contra a corrupção do governo de S. Luiz. Salvador se derrama, deslumbrado, sobre o ouvido do amigo. Qual a cispiração íntima do sorriso de D. Casimiro, quando ouve aquele trecho da intimidade do amigo: "Mary é realmente um ente excepcional: uma mulher assim como uma Minerva, com capote e lanterna, partidos no nosso reconto de Augusta: deposta a armadura, ficou a sabedoria, e a mulher, bem mulher, bem arjo. — Não me peches pleugas, não o sou. Estou o mesmo homem, entusiasta, apaixonado, mas calmo e prudente".

Machado de Assis recolhe o transbordamento dessa ternura de noivo e escreve a Salvador uma carta de felicitações. "Miss Mary namorou-se de todos olhos de corça. Quando li isto, reconheci que nunca me enganava a respeito de teus olhos, tu mesmo não sabes talvez o que eles valem...". Que pena, não possuímos a carta em que, poucos anos antes, D. Casimiro teria contado a Salvador a história do seu ídolo com Carolina. E como, comparando a carta de Salvador que acaba de citar com a carta de Machado de Assis que acaba de imaginar, poderíamos ter um precioso esclarecimento sobre o procedimento desses dois homens, na ocasião em que se entregavam ao mais perigoso dos exercícios anti-intelectuais — o de fazerem confidências sobre assuntos de amor.

Que pena, não possuímos a carta em que, poucos anos antes, D. Casimiro teria contado a Salvador a história do seu ídolo com Carolina. E como, comparando a carta de Salvador que acaba de citar com a carta de Machado de Assis que acaba de imaginar, poderíamos ter um precioso esclarecimento sobre o procedimento desses dois homens, na ocasião em que se entregavam ao mais perigoso dos exercícios anti-intelectuais — o de fazerem confidências sobre assuntos de amor.

Que pena, não possuímos a carta em que, poucos anos antes, D. Casimiro teria contado a Salvador a história do seu ídolo com Carolina. E como, comparando a carta de Salvador que acaba de citar com a carta de Machado de Assis que acaba de imaginar, poderíamos ter um precioso esclarecimento sobre o procedimento desses dois homens, na ocasião em que se entregavam ao mais perigoso dos exercícios anti-intelectuais — o de fazerem confidências sobre assuntos de amor.

PROSSEGUIMENTO DE TRABALHOS

E prosseguem os fecundos trabalhos do consul geral do Brasil em Nova York. Ele empreende esforços no sentido da criação de uma linha direta de vapores entre o Brasil e os Estados Unidos, e debate, em sua correspondên-

cia com Cotegipe, o relevante assunto. Aceita com entusiasmo a incumbência que lhe dá Cansação de Sinimbu de elaborar um inquérito nos Estados Unidos acerca da emigração chinesa, o que lhe oferece margem a escrever um vasto livro sobre o trabalhador chinês e sobre a história e a vida do velho país asiático. Redige um código de trabalho para os consules e vice-consules do Brasil nos Estados Unidos. Sonha a assinatura de um tratado de comércio do nosso país com a grande República...

Não obstante esses numerosos encargos de sua profissão, Salvador de Mendonça não quer perder o contacto com os leitores brasileiros. E continua a colaborar para jornais. O "Novo Mundo" publica vários artigos seus. O "Cruzeiro, do Rio, publica outra série submetida ao título de "Cartas Americanas". O "Diário da Bahia, outra ainda, submetida ao título de "Cartas dos Estados Unidos".

SENTIMENTO DE HUMANIDADE

Exercia Salvador de Mendonça o seu cargo de nosso consul em Nova York, quando ocorreu aquele episódio tanta vez citado em sua biografia, do mulato brasileiro que andou nos Estados Unidos morrendo com saudades da pátria... Foi o caso que certo dia lhe apareceu no consulado o mestre de uma embarcação americana, levando um brasileiro que apanhara em viagem, perto do Equador. Achara-o, sem forças, sem sentidos, estendido numa jangada, com os lábios secos, a língua entumecida, os dedos roídos, cobertos de cristalizações salinas. Verificando que aquele triste despojo humano tinha vida, recolhera-o a bordo. E quando o homem pôde falar, disse quem era: era um presidiário de Fernando de Noronha...

Salvador tratou de interrogar o pobre diabo. Chamava-se Manuel Gomes da Silva, e nascera no sertão pernambucano. Casara-se, e certo dia, apanhando a mulher em adultério, matara-a, a ela e ao amante. Julgando, fora condenado a gales perpetuas e remetido para a ilha sinistra. No sertão, porém, ficara o único ente querido que lhe restava na vida — a sua mãe. Para vê-la, planejava a fuga de Fernando de Noronha. De lá saíra com um companheiro, que, ao cabo de alguns dias, não resistindo à fome, morrera. Errara no mar, à mercê do destino, sem dar acordo de si, na sua jangada perdida... Nessa situação e que fora encontrado. Agora, se esperava um milagre de Deus, que tornasse possível aos seus olhos verem ainda uma vez a sua mãe, que estava tão distante...

Comoveu-se Salvador diante daquela eloquência simples, clara, tão saída do coração. E procurou ajudar o infeliz. Remeteu-o para o Rio, com passaporte de passageiro, fazendo-o prometer que não saltaria no Recife. E escreveu um ofício para o oficial da polícia na capital brasileira, recomendando que conduzisse o portador, à presença do chefe de Polícia da Corte. Escreveu; também, intercedendo pelo prisioneiro, ao Chefe de Polícia e ao Conselheiro Lafayette, que era ministro da Justiça.

Manuel Gomes da Silva cumpriu a sua palavra. Passou pelo porto do Recife e não tentou saltar. Chegou ao Rio. Tudo fez como Salvador lhe tinha recomendado. Meses depois, recebia ele em Nova York uma carta em que o homem lhe mandava dizer que se encontrava de novo no presídio. Depois de ter conseguido abraçar a velha mãe...

O RECONHECIMENTO DA REPÚBLICA

Em julho de 1889, Salvador de Mendonça deixou a carreira consular e entrou para a carreira diplomática, sendo nomeado Enviado Extraordinário e Ministro Plenipotenciário na Missão Especial nos Estados Unidos e Delegado do Brasil à Primeira Conferência Inter-nacional Americana. A missão tem como chefe Lafayette Rodrigues Pereira. Dele também faz parte Amaral Valente.

Pouco mais de um mês depois que se havia instalado a Conferência, quando foi proclamada a República no Brasil, Quintino Bocaiuva, ministro do Exterior do novo regime, renovou sem demora, os poderes da Missão Especial. Lafayette renunciou terminantemente o seu cargo, Salvador de Mendonça assumiu, nessa conjuntura, as grandes responsabilidades, que pesavam sobre os ombros da representação brasileira em Washington. E pôs-se em caminho em prol da República, em prol do Brasil. Ele próprio depois, contando-nos qual foi a sua atividade nesse momento crítico da vida de sua pátria. No dia 19 de novembro, quinze dias depois da proclamação, Salvador vai à casa do secretário de Estado James G. Blaine, seu amigo. De lá sai com a alma jubilosa, pois sente que toda a simpatia está com o Brasil republicano. Logo telegrafa a Quintino, comunicando-lhe que pode obter sem demora o reconhecimento formal da República. Quintino responde com um telegrama frio, capaz de gelar todos os entusiasmos; escrevendo que esse reconhecimento já tinha sido feito. Salvador nos esclarece acerca desse engano do primeiro ministro das Relações Exteriores da República. E' que o secretário Blaine havia já solicitado ao governo brasileiro, por intermédio do ministro norte-americano no Rio, a renovação dos poderes da Missão Especial. Quintino acreditava que essa demarcação importava num reconhecimento implícito do novo governo de fato. Além disso, Robert Adams, ministro dos Estados Unidos no Rio, declarara formalmente a Quintino que o governo americano reconheceria o governo do Brasil.

Entretanto, em Washington, as coisas se iam apresentando bem mais difíceis do que o princípio pareciam. Blaine declarara a Salvador que o ministro Adams se excedera nas concessões que tinha recebido. Nomeando, o senador John Sherman, um dos líderes do Partido Republicano, tomou a palavra contra a aventura republicana do Brasil. O presidente Harri-son, que guardava saudosas lembranças da visita que D. Pedro II fizera aos Estados Unidos em 1876, não mostrava nenhuma simpatia pelos brasileiros que haviam tirado do trono o velho Imperador...

A situação do nosso representante em Washington se tornava ainda mais delicada, porque ele sabia por informação do barão de Itajubá, que nem o país europeu reconheceria a República Brasileira, enquanto não a reconhecessem os Estados Unidos. Salvador volta então, maior decisão ao campo da luta. Reúne em conversa os seus delegados norte-americanos à Primeira Conferência Inter-nacional Americana — Charles R. Felt, Thomaz Jefferson Coolidge e Andrew Carnegie, e lhes demonstra a conveniência de não o grande país liberal do norte do continente o padrinho do batismo político do Brasil. A 29 de janeiro, Coolidge lhe fez o recado de que o secretário Blaine lhe queria falar sem demora. Salvador procurou-o, e dele ouviu que os Estados

Império e da República - Mucio Leão

Unidos se encontravam dispostos a reconhecer imediatamente o novo regime do Brasil.

Há, sobre esse assunto, no arquivo de Salvador de Mendonça, abundantes documentos, que mostram a situação patriótica do nosso representante em Washington, naquele momento. Em sua *Situação Internacional do Brasil* estão reproduzidos alguns desses documentos. Dando conta de uma carta de Blaine, em que os grandes serviços do nosso representante eram postos em destaque, Coolidge escrevia a Salvador de Mendonça: "Congratulo-me convosco pelo vosso sucesso em obter o reconhecimento da nova República, e em relação a isso incluo uma carta que acabo de receber do secretário Blaine, e como ela registra um importante evento na história da vossa pátria e dos Mendonças, pensei que estariam possivelmente, para arquivá-la com os papéis de família". Em certo trecho dessa preciosa carta dizia Blaine: — "Depois de fazer uma resenha de fatos com o doutor (Salvador) e atendendo aos seus persuasivos argumentos, ofereci-lhe arranjar o seu recebimento na Casa Branca como representante da nova República, tão depressa como os discursos pudessem ser preparados". E depois: "Todo o negócio correu com prontidão, e uma grande parte do mérito pertence ao dr. Mendonça, que deu provas de extraordinária capacidade". Entretanto, não foi Salvador de Mendonça o primeiro ministro brasileiro acreditado pela República junto ao governo de Washington. Esse posto coube a Amador Valente, que era então credenciado para a Missão Ordinária.

A PRIMEIRA CONFERENCIA PAN AMERICANA

Continuam os trabalhos da Primeira Conferência Pan-Americana, e pesam sobre os ombros de Salvador tarefas exaustivas. Foi ele membro de várias comissões e entre estas da executiva. Foi convidado por todas aquelas a que não pertencia a tomar parte nas deliberações. Redigia ou sugeria, diz-nos ele próprio, metade dos pareceres apresentados à Conferência.

A Primeira Conferência Pan-Americana deixou dois frutos de maior importância: o reconhecimento do arbitramento obrigatório e a abolição do direito de conquista.

A tese do arbitramento obrigatório nasceu das duas delegações, a brasileira e a argentina. Para tratar do assunto, Salvador convocou Saens Peña e Manuel Quintana, representantes da Argentina, e Amador Valente, seu companheiro da representação brasileira. A reunião dos quatro ocorreu em casa de Saens Peña. Assentada a doutrina, redigido o projeto, deram os quatro diplomatas conhecimento do assunto às demais delegações. Logo surgiram discordâncias, por parte do México e por parte do Chile. A maior discordância, porém, surgiu da parte dos Estados Unidos, que, contra a tese argentino-brasileira, achavam que a proibição da conquista deveria ficar separada do arbitramento obrigatório. Nessa dificuldade, foi Salvador de Mendonça encarregado pelos seus companheiros de representação latino-americana de ter uma entrevista com o secretário Blaine, a fim de ver se o convencimento a vir para o ponto de vista dos demais países continentais. Isto é, se consentia em que as duas teses fossem apresentadas num só projeto.

Dirigi-se o nosso patriota à casa do secretário, e recebeu por ele, antes o negócio a que

ia, Blaine o ouvia, fria e imperturbavelmente.

Quando Salvador chegou a certo ponto da exposição de suas razões, ao dizer que os Estados Unidos, se não acquiescem com os outros países americanos, iam perder a situação privilegiada que tinham destruído até então, a de serem o porta-estandarte das idéias liberais do continente — Blaine teve um súbito gesto de incunidade cólera. Ergueu-se, e estendendo as mãos para a frente, arremessou ao chão diante do representante do Brasil, calças de papel, tinteiros, pesos, livros, tudo o que havia em cima da mesa. Salvador conservou-se calmo, sentado no lugar em que estava. E parecia-lhe ver no rosto de Blaine um sorriso imperceptível... Veio um criado, apanhou o que estava jogado ao chão... Agora Salvador comenta: "Contou-me mais tarde um membro da delegação norte-americana que, dias antes, sabendo o secretário de Estado que sir Julian Pauncefote, então ministro e depois embaixador da Inglaterra em Washington, lhe ia ler uma nota um tanto ácida de Lord Salisbury, acerca da questão do mar de Beering, tivera o mesmo movimento de irritação, com o subseqüente prazer de ver o ministro inglês, que era alto e corpulento, de gatinhas a apanhar os objetos caídos. Ora, um ministro de quatro pés perde necessariamente toda a dignidade para a leitura de uma nota recriminatoria. Foi o que então sucedeu com sir Julian, que se limitou a deixar com o secretário Blaine cópia da nota que trouxera para ler".

Esse ano de 1890 o vê empenhado nos trabalhos da criação da Câmara Internacional das Repúblicas Americanas, o que chamamos hoje União Pan-Americana. E o vê também empenhado, juntamente com o secretário Blaine, no mais poético dos sonhos dos internacionalistas americanos — a criação de uma Dieta Continental.

A ATUAÇÃO DE SALVADOR DE MENDONÇA EM 1893

Finda a Missão Especial em 1890, é Salvador de Mendonça nomeado ministro plenipotenciário em Washington.

Empenha-se desde logo em áspersos trabalhos — como o da assinatura do Convênio Aduaneiro, o da compra da prata — que lhe trarão tantas amarguras.

Em certo dia de 1892, seu amigo particular, o secretário Blaine, manda chamá-lo à sua casa. Salvador atende ao convite, e Blaine lhe conta alguma coisa grave que deve perturbar todo o seu interesse. E que tem chegado à chancelaria dos Estados Unidos, de duas fontes diversas, notícias de que em cortes europeias está sendo tramada a restauração da Monarquia no Brasil... Uma dessas fontes contava que um dos mais eminentes políticos da Monarquia brasileira fora à Europa e lá se avistara com a condessa d'Eu, propondo-lhe que abdicasse os seus direitos ao trono do Brasil na pessoa do seu filho mais velho, o qual, até chegar à maioridade, ficaria sob a regência de um ou de mais de um brasileiro que merecesse essa honra. A princesa recusou-se a atender a essa proposta, dizendo que não podia separar-se do filho, e acrescentando que a salvação da alma do príncipe valia muito mais aos seus olhos do que a coroa do Brasil...

Salvador acerta com Blaine algumas medidas que em tal momento devem ser tomadas em defesa da preservação da República Brasileira: que em sua mensagem ao Congresso o presidente americano aplauda mais uma vez a manutenção da República em nossa terra...

que o governo dos Estados Unidos faça sentir às cortes europeias o desagrado com que vê qualquer pessoa real empreender viagem para o nosso país... que o governo da grande nação venda uma esquadra ao governo do Brasil...

Nessa ocasião manda ele a Fernando Lobo, ministro das Relações Exteriores, um telegrama expressivo: "Quereis apoio deste governo contra maneios restauradores; quereis nova mensagem governo americano ao nosso; quereis nota monárquica à Europa; quereis esquadra daqui para portos do Brasil; ordenai, posso obter-lhe. O governo brasileiro se acha seguro de si mesmo, e não julga necessário o auxílio que lhe oferece Salvador. O governo muito aprecia o vosso telegrama, mas aguarda oportunidade" — é o que lhe responde Fernando Lobo.

E o ano de 1893 que assiste a um dos seus memoráveis combates em defesa da República brasileira.

Ao lhe chegar em Washington a notícia de que havia rompido um movimento revolucionário na esquadra brasileira, Salvador não vacillou: ficou ao lado das autoridades constituidas, contra a desordem. Em dezembro, porém, seu coração se contrangeu dolorosamente: foi quando ele teve a notícia de que Saldanha da Gama havia se declarado pelos revoltosos. Saldanha da Gama era um dos grandes enleivos do seu coração e do seu espírito. "Jamais dois homens se haviam tão claramente compreendido um ao outro em relação à causa pública, e se ligado pelos laços de longa e sincera amizade, como Saldanha da Gama e eu". Nem a decisão de Saldanha o fez vacilar nas suas convicções floriânistas.

Ante o perigo, Moriano transmite a Salvador de Mendonça ordens importantes: encarrega-o da compra de navios da esquadra norte-americana, que já estejam no porto do Rio de Janeiro ou se dirijam para ele; encarrega-o da aquisição de material de guerra. Salvador agita-se, para cumprir essas relevantes determinações.

E' nessa ocasião que ocorre o incidente Stanton. — Era esse o nome do contra-almirante que, comandando uma esquadra americana, chegou, por ocasião da revolta da Armada, ao Rio. Entrando em nosso porto, os navios americanos saudaram os revoltosos, ao passo que o seu comandante se esqueceu de visitar as autoridades locais. Informado disso, Salvador foi à casa do secretário de Estado, Gresham, e chamou a sua atenção para o fato, que certamente poderia ser considerado como reconhecimento da beligerância dos revoltosos. Sua reclamação foi levada ao presidente Cleveland, que determinou a revocação imediata do contra-almirante Stanton.

Mas Salvador, atento sempre aos perigos que estava correndo o regime, volta os olhos agora para a atitude do ministro Thompson. Estava o ministro dos Estados Unidos residindo em Petrópolis e ali recebia, como era natural, a influência dos seus colegas de carreira, representantes de cortes europeias, interessadas na reimplantação da Monarquia em nosso país. Salvador fez sentir ao secretário Gresham a inconveniência que há em que o ministro Thompson permanecesse fora do Rio de Janeiro. E ele é mandado sem demora para a sede do governo federal.

Tão assinalados serviços foram reconhecidos, mesmo nos Estados Unidos, quando Salvador de Mendonça ainda lá se encontrava. Referindo-se a esse momento delirado da vida diplomática do Brasil, e reca-

pitulando os episódios da revolta da Armada, dizia o "Times" de Nova York: "Nem todos os combates em prol da República se feriram no Brasil, pois em Washington houve uma vitória decisiva, ganha pelo ministro Salvador de Mendonça".

A REMOÇÃO PARA LISBOA

Ao começar o ano de 1898, tem Salvador uma das grandes decepções de sua vida: a de ser removido da legação de Washington para a de Lisboa. Ele amava os Estados Unidos, cujo povo compreendia, cuja civilização lhe parecia ser uma das maiores milagres ainda realizados pelo homem. E ali tinha uma situação privilegiada. Oliveira Lima, que o viu em Washington, que com ele serviu ali, dá-nos o seu depoimento eloquente: "Salvador de Mendonça conhecia admiravelmente os Estados Unidos, porque penetrara no caráter nacional com o instrumento agudo de sua simpatia. Anos de residência em Nova York, quando essa metrópole ainda não dissolvera a sua cultura literária e artística num excessivo cosmopolitismo, que chega para abafar o tradicional predomínio de Tammany Hall com sua corrupção política de tonalidade irlandesa; o casamento com americana; seu natural bondoso, que o despia de preconceitos, eram outras tantas circunstâncias que o levavam a querer sinceramente o país onde viveu um quarto de século e que queria ver associado ao seu, mesmo porque no seu conceito era preciso amarrar o touro pelos laços do afeto e pelas obrigações dos tratados, enquanto ele, entrando algum dia em fúria, não descobrisse a sua força..."

A saída inesperada de Salvador de Mendonça de Washington para Lisboa, motivou um clamor por parte dos seus amigos. Alcindo Guanabara protesta contra a violência nos editoriais da "Tribuna", e pergunta em que motivo se baseia o governo para remover o velho ministro do posto em que ele servia tão bem. Este motivo só poderia ser a enfermidade dos olhos, de que se diz estar sofrendo Salvador de Mendonça — responde à sua pergunta o próprio Alcindo. E logo clama: Não nos respondam com esta baleia! "Quem está doente para servir em Washington, está doente para servir em Lisboa, no Cairo, em Malta, em Naxareth, no Egito..."

Nada valeram esses protestos. Salvador prepara as malas, e despede-se do país em que fica metade de seu coração...

Suas despedidas dos Estados Unidos foram comovidas, e deram lugar a que ele visse quanto era lá estimado. O presidente Mac Kihley disse-lhe adens, num discurso modular, cujas linhas sóbrias põem em relevo os méritos excepcionais do representante do Brasil. Os jornais americanos, quasi sem excepção, tiveram para ele as palavras das mais caltante louvor. Proclamaram-no amigo da América e grande pan-americano. Apresentaram-no como sendo o estrangeiro mais autorizado a dar testemunho sobre os Estados Unidos.

A EXONERACAO

Embora com a alma transbordando de saudades dos Estados Unidos, Salvador de Mendonça levava certa consolação para Lisboa: ia para a terra em que estavam as mais fundas raízes do seu espírito, a terra em que tinham florescido os velhos clássicos que ele tanto amava. Ia, sobretudo, para a terra de Camões. O grande poeta foi um dos cultos permanentes do escritor brasileiro. O discurso de recepção a Oliveira Lima, na Academia, Salvador o começa invocando o nome do

autor dos "Lusiadas". E' um pouco sob o signo desse rei da língua portuguesa que ele coloca o seu espírito de humanista e de homem de letras.

Em Portugal, porém, pouco tempo logou ficar Salvador de Mendonça: o Senado da República, reunido em sessão secreta, desaprovou a sua remoção de Washington para Lisboa. Em consequência disso, viu-se ele exonerado, de um dia para outro, do seu cargo diplomático.

Assim tratava a República Brasileira um dos seus grandes servidores — aquele que nas colunas do "Ipiranga" doutrina os credos novos em 1897: aquele que em 1870 redigia parte do Manifesto em que ficaram corporificadas as novas idéias; aquele que em Washington velara, como um soldado intrépido, pelo bem estar e pela tranquilidade de sua pátria...

A LUTA PELO SEU DIREITO

Alma destemida, que não conhece enfraquecimentos, Salvador de Mendonça vem para o Brasil, a fim de lutar contra a cruel postergação dos seus direitos. Sua primeira esperança é Campos Sales, mas essa em breve se desfaz. Com a vinda de Rodrigues Alves, seu discípulo em 1885, no Colégio Pedro II, vem sua segunda esperança...

E a Rodrigues Alves e Rio Branco estava reservada a tarefa de fazer justiça ao velho lutador. E' de setembro de 1903 o decreto em que ele foi considerado em disponibilidade desde 30 de setembro de 1898, e mandado continuar a fazer parte do quadro diplomático, entre os funcionários de sua categoria.

SALVADOR DE MENDONÇA E SAENS PEÑA

Aqui valeria a pena transcrever dois documentos que me parecem ter a maior importância na reconstituição da vida de diplomata de Salvador de Mendonça. São as duas cartas, trocadas por ele e Saens Peña.

Em 1910, estava Salvador aposentado, morando na sua chácara da Gávea, quando veio ao Brasil o presidente argentino, que tinha sido seu companheiro na representação da Primeira Conferência Pan-Americana. Salvador, que não esteve com Saens Peña no Rio, lhe escreve, logo que ele se ausenta, a seguinte carta:

"Meu illustre e prezado amigo,

Aguardei o termo das longas conferências acerca de negócios de Estado para ir com minha senhora visitar a v. excia. e a s. s. exmas. senhora e filha.

Nos dois últimos dias, porém, de sua estadia nesta cidade, inermados de saúde vedaram-me de sair, e vi com máguia ausentar-se v. excia. sem poder levar-lhe minhas congratulações. A leitura, porém, do seu discurso no Itamarati fez ressurgir em mim a lembrança do amigo de há vinte annos.

Estávamos em Washington, como delegados à Primeira Conferência Internacional Pan-Americana. A República Brasileira não tinha ainda um mês de nascida. As instruções imperiais, que recebera a delegação do Brasil, eram infensas ao arbitramento obrigatório e à criação de tribunais arbitrais permanentes. Perguntai a Quintino Bocaiuva, meu velho companheiro de propaganda política e então ministro do Governo Provisório, se podia dar interpretação republicana às instruções do Imperio. A, tendo sem demora recebido seu pleno assentimento, convidei a vossa excia. e a Manuel Quintana para apresentarmos conjuntamente as delegações argentina e brasileira, o projeto de arbitramento, o mais impor-

(Continua na página seguinte)

O ESFORÇO DO DIPLOMATA DO IMPÉRIO E DA REPÚBLICA

(Continuação da página anterior)

tante de todo o programa da Conferência.

A satisfação com que por v. excia. e Quintana foi recebido o meu convite demonstrou-me, para logo, os vossos sentimentos de amizade para com o Brasil. V. excia. convidou-nos, a mim e a Amaral Valente, meu companheiro de delegação, para nos reunirmos em sua casa no dia seguinte, e aí, Manuel Quintana e eu redigimos, de uma assentada, em espanhol, português e inglês, o projeto de arbitramento obrigatório, que as nossas delegações apresentaram à conferência no dia 14 de dezembro de 1889, e que, depois das vicissitudes que conheci e em que as duas delegações argentina e brasileira procederam sempre com o acordo e mais leal, foi aprovado quase sem modificação pela quase unanimidade de votos das nações presentes, cuja maioria, acompanhando-nos com inteira confiança, conseguiu a adesão dos Estados Unidos, a princípio hesitantes ao artigo que abolia o chamado direito de conquista.

Estávamos meio século adiante do nosso tempo. Desde então tem sido para três todos os passos dados na senda que desbravamos, e as subsequentes Conferências Pan-Americanas parece terem tido medo da obra que iniciamos. O arbitramento obrigatório, entretanto, teve ali a sua consagração internacional e, na primeira Constituição Republicana, que se lhe seguiu, um jovem democrata, Nilo Peçanha, obteve que esse princípio e a abolição da conquista fossem homologados pelo pacto fundamental da República dos Estados Unidos do Brasil.

Com exceção dos dois que já responderam à última chamada, quis o destino comum de nossas duas pátrias e a melhor orientação da nossa política internacional que em terra brasileira se reunissem lá pouco todos os colaboradores dessa página da história — v. excia., presidente eleito da República Argentina — Nilo Peçanha, presidente da República dos Estados Unidos do Brasil — Quintino Bocaiuva, presidente do Senado Brasileiro, e eu, o mais humilde dos admiradores de v. excia.

Se os dois últimos, por motivo de enfermidade, não puderam cerrar a mão a v. excia., sei que guardam a memória de sua leal amizade à nossa pátria. Foi o que me fez lembrar o seu discurso do Itamarati, cuja sinceridade transbordava de um coração amigo na frase espontânea e fluente. Por ele lhe envio daqui o apêndice de mão do companheiro de armas dessa jornada de há vinte anos.

Queira v. excia. aceitar para si e para s. a. exmas. sra. e filha as saudações amistosas de minha família e minhas, com os votos mais fervorosos pela felicidade de sua futura administração e pela sua prosperidade pessoal.

De v. excia. velho amigo e admirador.

Salvador de Mendonça
A essa carta respondeu Saenz Peña:
"Meu distinto e estimado amigo."

Tive o maior prazer em ler a sua amável carta e lastimo as razões que me impediram de receber sua visita no Rio de Janeiro, durante a minha recente estadia, fazendo muito sinceros votos pelo completo restabelecimento de sua saúde.

Não podia v. excia. haver evocado recordação mais grata para mim do que a nossa situação comum na Conferência de Washington, quando, conjuntamente com o meu grande e ilustre amigo, o dr. Manoel Quintana, lutávamos em prol do princípio da arbitragem.

A cooperação das duas delegações, argentina e brasileira,

a qual v. excia. se refere, foi nessa circunstância memorável, como o é hoje e o será sempre, a imposição de destinos comuns, e de um mesmo ideal de paz e de grandeza para os nossos países.

Os anos tem passado para nós outros, nos que iniciamos o amparo a aspirações semelhantes e com a mesma visão do porvir dessa realização humanitária, mas não passaram para a obra empreendida, que requer sempre a dedicação dos dirigentes de ambos os países.

Hoje, como naquela ocasião, sou um convencido de que a amistosa cooperação de argentinos e brasileiros é a maior garantia de paz e prosperidade do nosso continente e de que a isso deve tender o nosso esforço comum.

Availo em todo o seu alcance a adesão de homens como v. excia. a estas aspirações e muito lhe agradeço os termos em que a exprime, assim como os votos que formula por meu país e por minha pessoa.

Minha senhora e minha filha retribuem reconhecidas seus atenciosos cumprimentos e eu lhe rogo apresentar as minhas respeitadas saudações a sua distinta família, aceitando v. excia. as expressões da mais distinta consideração e estima pessoal de seu admo. e amo.

Roque Saenz Peña
COMO O VARÃO DA TERRA DE HUS

Aposentado em sua carreira diplomática, dedicado unicamente aos seus amigos, aos seus parentes, aos seus livros, à sua Academia, às suas rosas, viveu Salvador de Mendonça desde então na sua chácara na Gávea.

Em breve a moléstia dos olhos que vinha gradativamente se acentuando, lhe roubou de todo a luz da vista. O velho Salvador, doce e resignado, não manifestou revolta nem ódio contra o destino, que de maneira tão cruel o castigava.

Como o paciente varão de Hus, ele sabia talvez que o sofrimento nem sempre é um mal, e compreendia que a mão benigna daquele que fez os mundos e fez os homens muitas vezes manifesta a sua predileção ferindo o espírito e a carne dos seus filhos...

A ATUALIDADE DE SALVADOR MENDONÇA

Agora, encerrando esta palestra, creio que poderemos caracterizar a atuação de Salvador de Mendonça, como tendo sido a de um ardente americanista. Foi ele um campeão do Americanismo desde sempre, desde, por exemplo, a Conferência Monetária Internacional, de 1891.

Naquele momento o secretário Bialne mandava que os Estados Unidos apoiassem toda e qualquer proposta apresentada pelo diplomata brasileiro, pois sabia que o governo norte-americano não tinha melhor amigo do que o delegado do Brasil, "único em cujas mãos podia deixar a solução das questões, certo de que a dignidade das duas grandes Repúblicas seria sementeiramente guardada". (Arquivo do Itamarati. Documentos de Salvador de Mendonça).

Esse sentimento de americanismo é, porém, esclarecido e altivo.

Baseia-se num ideal de absoluta igualdade, de total confraternização, entre os vários povos do continente. E só nessa confraternização e nessa igualdade encontra as garantias de uma intangível integridade continental. E' o que o próprio Salvador diz, em palavras que parecem escritas para o momento histórico que estamos vivendo. "Não há uma só das nações sul-americanas que se possa julgar a coberto das ambições e das violências das grandes potências, que cada vez mais se parecem com bandos armados dispostos a calcarem

O folheto "Regeneração." O primeiro dinheiro ganho.

Salvador de Medonça

No auge da efferescência das paixões políticas agitadas nesta cidade pelo lenço branco de Theophilo Ottoni, escrevi um opúsculo com exageros próprios da ocasião e da idade. Fui esperar, à saída da Câmara dos Deputados, Feltz da Cunha, e, em caminho entramos no "patol da potvora" do velho Cesar, no "Correio Mercantil", para aí lermos o escrito. O velho Cesar, está visto, postou-se à porta, ouviu a leitura, e, ao fim dela, fundando seus elogios aos de Feltz da Cunha, disse-me: — "Isso está parecido com o que escrevia o Timandoro antes de virar a cabeça. Você trazia isto aqui para a folha?" Acenei-lhe afirmativamente. — "Pois não joga isto. Mande imprimir em folheto, que eu lhe venderei isto como canela aqui no balcão..." Segui-lhe o conselho. Foi à Tipografia Lisbonense, à rua do Hospício, e encomendei com urgência uma edição de 500 exemplares da "Regeneração", por Demophilo. Quatro dias depois, levei ao velho Cesar 300 exemplares prontos e brochados, que ele anunciou e no dia seguinte tinha todos vendidos. Pediu mais. Fez-me elevar a edição a 2.000. E, no fim do mês, desconfada apenas a despesa com anúncios, entregava-me perto de um conto de réis, primeira paga que recebi por trabalho literário.

Sob as patas da sua cavalaria invasora e a rasgarem a tiros de canhão os artigos mais sagrados do direito das gentes". Assim se pronunciava ele, e dava o seu claro conselho, que será de uma evidência fácil e até vulgar, mas que convem ser sempre repetido: "A comum prudência aconselha que, sem perda de tempo, não dispersemos inutil e isoladamente os nossos esforços, mas tratemos de nos reunir sob o pensamento comum da defesa de nossa integridade".

Ai estão palavras de certo muito oportunas. E palavras que poderiam ser consideradas a síntese dessa política internacional, tão sabiamente seguida pelo Brasil de hoje, a síntese dessa política da mais ampla cooperação do continente. E uma tal orientação, meus senhores, não é mais a simples manifestação da tendência individual de alguns homens de boa vontade, mas um imperativo dos próprios destinos do mundo, na hora que passa.

Salvador de Mendonça, que possuía essa intuição sutil, que parece ter pressentido os anseios máximos do nosso país, no que se referia à sua vida com os outros povos americanos, tem hoje uma extrema atualidade.

Nesta casa, onde pairam ainda as grandes sombras de um Rio Branco e de um Joaquim Nabuco, onde se guardam as recordações vivas de tantos nudes tutelares da pátria; nesta casa, em que o pulso poderoso de um homem de Estado dos mais capazes que o nosso país tem tido, como é o sr. ministro Osvaldo Aranha, vai conduzindo o Brasil nos rumos seguros; nesta casa, digo-vos agora, foi para mim um grande prazer recordar convosco a figura de Salvador de Mendonça.

Sentimos que devemos a esse velho diplomata brasileiro alguma coisa mais do que essas frias e sumaríssimas notas biográficas, que ele tem merecido, aqui e ali, em um ou outro dicionário mais benévolo. Devemos-lhe, sim, um testemunho de gratidão e de carinho, pela sua obra de compreensão do Brasil, de patriotismo sincero, nunca adormecido.

E' essa justiça que começa agora a ser-lhe feita. Eu tive grande satisfação em ser um dos pregoeiros dessa justiça, que tardava tanto.

Salvador de Mendonça nas palavras de Bernardino de Campos

Nós vivemos em um país onde a facilidade da memória está há muito tempo abolida.

E essa lamentável obliteração não motiva apenas espantosas contradições dos homens em evidência — arremessa, tomba, ao desprezo cruel e ao ostracismo injusto vultos laureados por incalculáveis serviços à causa pública.

A notoriedade e as aclamações só atingem, agora, excepcional e transitoriamente, os espetaculosos e os nulos que lançam pelo escândalo o senso embotado das turbas.

Os outros, os de real merecimento, os que se sacrificam por um ideal, os que consumiram o melhor das suas energias na apostolado e no triunfo dos grandes princípios e das grandes instituições liberais, os que se fizeram inválidos no labor da República — esses definham por aí, escarnecidos e indigentes, privados do conceito e das honrarias que, por justiça, só a eles deveriam caber ao termo de uma existência gloriosa consagrada de virtudes cívicas, de rasgos de abnegação e de atos meritorios de patriotismo.

Salvador de Mendonça foi uma das nobres vítimas dessa dolorosa ingratidão contemporânea.

Pioneiro das idéias democráticas no Brasil, ele firmou o individual evangelho de 1870, que congregou em torno do fúlar republicano o primeiro número de iluminados, dispostos a enfrentar, pela palavra, pela pena e pelo voto, a velha fortaleza do trono bragançino.

Estabelecido o regime, em cuja fundação cooperou com a tenacidade do seu doutrinamento, baseado em sedutora, cristã e erudita forma literária, a sua combatividade prosseguiu indefesa e varonil sobrepondo ao esforço de muitos que surgiram após, com o rótulo de benemérito e de cabaz em posição para colher os frutos da situação que o seu privilegiado engenho ajudara a consolidar.

No derradeiro livro que atiram à publicidade, cego e em vésperas da morte, o velho e arguto diplomata não pôde coir o seu rudo e valente sarcasmo a esses contra-sensos e aborrecidos da nossa maçonaria política, invadida pelas mediocridades e governada pelos traficantes de todos os naipes.

Durante a revolta de 6 de setembro, Salvador foi um agente providencial na defesa da legalidade e momento houve em que a sua ação nos Estados Unidos interferiu vitoriosamente em prol da Constituição e do governo de Floriano Peixoto, que simbolizava então a resistência energica da República contra as veleidades da restauração imperialista propagnada por Saldanha da Gama.

Isso deve ser dito na hora em que ele tomba, já de idade avançada mas com o coração ainda cheio da pureza das convicções e do amor ao regime que o acompanharam desde a mocidade.

Cultuar-lhe a memória é um modo de formularmos o nosso protesto contra o anáclima injusto lançado aos maiores servidores da República.

Uma preciosidade do arquivo de Salvador de Mendonça

Um officio do governo da Venezuela

Em data de 3 de Maio de 1890, o ministro venezuelano em Washington, sr. Bolet Peraza, enviou a Salvador o seguinte officio:

"Senhor,

O presidente da Venezuela, desejando dar um testemunho do muito que aprecia os nobres trabalhos que realizou a Conferência Internacional Americana em benefício da paz, da fraternidade e da prosperidade das repúblicas do Novo Mundo, resolveu, com a aprovação do Conselho Federal, conceder-vos com o diploma da ordem do Busto do Libertador.

Não tem a Venezuela mais precioso galardão do que esse, que representa a sua glória mais refulgente, e poucas ocasiões se lhe oferecerão tão propícias para concedê-lo dignamente como na atual circunstância, em que com ele premia serviços que beneficiam a todo um Continente, sendo a toda a Humanidade.

Se emocionado já me sentia pela honra que meu governo houvera por bem fazer-me ao me escolher para representá-lo na memorável Conferência, duplamente o estou, agora, quando me distingue com o encargo de formular a um companheiro daqueles nobilíssimos trabalhos a gratidão da minha pátria.

Ao por em vossas mãos o Diploma da Ordem do Busto do Libertador não vacilo em assegurar-vos que Venezuela não esquecerá jamais que o Brasil, tão dignamente representado por vós na Conferência, concorreu com o seu voto de sim-

patia para o apelo, que, aos sentimentos de americanismo e aos princípios de justiça, fez aos seus irmãos das três Américas durante o mais grave conflito em que já se empenhou sua soberania".

CORRESPONDÊNCIA DE ESCRITORES

Carta de Silvio Romero a Salvador de Mendonça

"Venho pedir-lhe licença para ter paciência comigo e consintir que lhe faça um pedido, ó ilustre poeta e romancista. Espero que me perdoará a inconveniência que porventura cometa. Mas recebi de pessoa amiga a missão de lhe falar, muito à puridade, para que o meu bom amigo não faça guerra declarada e positiva à pretensão do Lauro Muller à Academia de Letras. Se o meu nobre chefe pudesse votar, melhor seria; mas, ao menos, não o combata. Espero de sua nunca desmentida gentileza que me fará a vontade, obrigando carta vez mais este seu muito antigo admirador e amigo — Silvio Romero.

A CORRESPONDÊNCIA DE SALVADOR DE MENDONÇA COM MACHADO DE ASSIS

mendado. Recebeu-me o dr. Alfredo Maia com tamanha benevolência que, conhecendo, como julgo conhecer, a sinceridade de um canal, seria ingratitude de minha parte supor que esquecera meu pedido. Mas o que realmente receio é que, depois de haver o Ministro mandado fazer a remoção, o sr. Vilhena, quer pela natural demora em formar a contradição, de maneira que o Paulo fizesse "balance" de frente de Itaboraí, quer por motivos não menos naturais, quais as diferenças de climas e consequentemente de pessoas do Maranhão e do Rio de Janeiro, o sr. Vilhena, digo esteja mampearando e mampearando sem ciência do Ministro, que naturalmente também não sabe se a remoção, acho que não tem sequer de assinar, foi ou não feita. — Teu engenho, e principalmente tua amizade, não de descobrir o meio de acertar a contradição telegráfica e as temperaturas e temperamentos do Norte e do Sul. — Aqui estou com a senhora e as meninas a passar o inverno, ostensivamente preparando terras para o cultivo de baunilha e amarelas brancas, mas na verdade nua e crua para fugir da peste bubônica, não por medo, mas por prudência, coisas que não devemos confundir. — Como estou na terra de um patrono acadêmico, (1) que é também a minha, pois nascemos ambos nesta mesma cidade e rua, estou recolhendo quanto a tradição guardou aqui do autor da "Moreninha" e da "Nebulosa", para desempenhar-me em nossa academia, dando-lhe sinão boa crítica literária, pelo menos a pluma fiel de um caráter são e sério (2). — Recomendando a tua Exma. Senhora e acreditando-me sempre — Teu velho e afetuoso — Salvador de Mendonça.

(1) Joaquim Manuel de Macedo. — (2) Salvador não chegou a fazer o elogio do seu patrono na Academia.

Itaboraí, 27 de junho, 1900.

Meu querido Machado de Assis. — Agradeço tua carta de ante-ontem e os passos que deste para a realização do desejo que nutria de ver removido para aqui como telegrafista meu sobrinho Paulo Mendonça. — Esta, porém, é escrita, não só para agradecer o interesse que tomou o Ministro, e que tomaste, no meu pedido, como também para dizer-te que desisto do pedido que fiz e comunicar esta minha desistência ao dr. Alfredo Maia e ao sr. Vilhena. — A razão deste meu proceder, deixa-me dizer-te com a velha franqueza que entre nós cultivamos, é evitar que nas minhas costas se cometam clamorosa injustiça, clamorosa injustiça. — A pena, transformando-se em pantofra, até escreveu ligeira dobrado. — O modo igualmente satisfatório, por que o sr. Vilhena quer efetuar a remoção do Paulo para Itaboraí não me satisfaz a mim, antes virá amargar-me, pois me fará instrumento involuntário da desgraça de numerosa família. Hoje fui informado aqui que a telegrafista de 3ª classe, d. Maria Bezerra Antunes, mulher do telegrafista de 2ª classe Alonzo Antunes, e ambos com exercício igual, havia sido posta em disponibilidade. Este é evidentemente o primeiro passo para a demissão do mar. do ou sua remoção para alguma estação em que se não possa manter. E' preciso evitar isto, pois o casal Antunes tem muitos filhos, e se o marido é doente, a mu-

lher supre tão bem suas faltas que nenhuma queixa justa pode ter chegado ao sr. Diretor dos Telegrafos. — Quando pedi a remoção do Paulo, pedi também a de Antunes para Rio Bonito. Se o Diretor não quer fazer esta, o pedido para a primeira fica prejudicado. Alguem tinha de sair, é verdade, mas no caso do meu pedido seria o empregado de Rio Bonito, que o próprio Diretor disse uma vez a meu irmão João que era desonesto e estava subadido pelos jogadores de bicho daquela localidade. E nem pensas que tenho andado pedindo que melhores a sorte do sobrinho, só porque é o sr. Paulo Mendonça tem sido empregado exemplar sem nota que o desabone; pelo contrário deu-lhe o Marechal Floriano a patente de tenente honorário do Exército por serviços da telegrafia, prestados na estação do Castelo durante a revolta. O Costal-at sabe disto. — Sempre teu de coração — Salvador de Mendonça, (1).

(1) Veja-se adiante a carta de Machado a Salvador, em 6 de Março de 1904.

Rio, 11 de agosto de 1900.

Meu querido Salvador. — Val só uma palavra, por falta de tempo e necessidade de não adiar para amanhã. O Vilhena esteve comigo, e disse-me que o negócio da transferência de teu sobrinho está concluído; creio que é só esperar alguns dias. Estimo que vás passando bem; eu não vou mal, e enquanto puder dar conta do trabalho, tudo irá bem. Domingo almocei com o Lucio e outros amigos; foi uma festa alegre. Até a primeira, e não te esqueças de mim para o que for do teu serviço e amizade. Lembanças aos teus e um abraço do — Velho am. — Machado de Assis.

Petrópolis, janeiro 9, 1901.

Meu querido Machado de Assis. — Minha família e eu retribuímos e retribuimos cordalmente os cumprimentos de Ano Bom que tua Exma. Senhora e tu nos mandastes, desejando a ambos saúde e felicidade no século novo. — Esta entrada de século tem para mim significação peculiar, pois me veio mostrar coisa rara — uma criatura humana que há seis dias está vendo o 3º século. Digo-te o caso: minha velha ama Maria, que quando me amamentava já tinha 41 anos de idade, nasceu a 3 de janeiro de 1800; assim viu o último ano do século 18º, atravessou o 19º e está agora vendo o início do 20º de que pretende tirar ainda sua naça, como diz, lembrando-se de dois bisavós meus, que moravam em casa dos filhos, e conservam o mais novo 96 e o mais idoso 113, amigos desde a infância. Pois minha ama Maria, além de sua boa intenção, está já gozando do raríssimo privilégio de ver três séculos. E está risadinha, anda com agilidade tem bom estômago, bom dormir, e o que mais me alegra — gosta de suas faculdades mentais. Viu D. João VI. para quem fizeram o maior sobrado que ainda hoje está de pé em Itaboraí, não viu Pedro I, que prometeu lá ir e não foi, viu D. Pedro II e Dona Isabel. Ainda pretendo que veja o Quintino, o nosso Quintino, que agora aqui está (1) sr. presidente, e faço votos para que algum dia venha a ser sr. Presidente. Naturalmente tens lido os ver-

soz — "O par de bustos". — O Lucio é bem capaz de dizer que são meus. — Abraça-te — teu de coração — Salvador.

(1) Quintino Bocaiuva, presidente do Estado do Rio de Janeiro, cuja capital era, então, Petrópolis.

Rio, 14 de março de 1901.

Meu querido Salvador de Mendonça. — Esta carta já devia ter saído a Petrópolis; ainda assim não vai tarde de mais. Trata-se de pouco, e ao que me parece, negócio sabido. O nosso coíga da Academia, Oliveira Lima, antes de ir para o Japão tomar conta do lugar, tencionava aqui tomar conta da cadeira, cujo patrono é o Varnhagen. Segundo me escreveu de Londres, ele quisera que Você lhe respondesse, e para nós todos a festa seria maior. Podemos temer certos distos? A designação oficial pode ser feita e publicada oportunamente? Eis a resposta que Você me mandará, logo que entender, afim de que tudo se prepare para a recepção. — A saúde como vai? Eu, na semana passada, tive dois dias de molho, mas aqui me acho outra vez no gabinete. Não vejo há muito o Lucio; mandei-lhe ontem um cartão de cumprimentos ao Procurador Geral da República (1), com direção a Teresópolis, onde penso que continua. Minha mulher e eu recomendamos a tua Exma. Consorte, e eu mando aqui dentro um abraço particular do — Velho amigo — Machado de Assis.

(1) Cargo para o qual acabava de ser nomeado Lucio de Mendonça.

Petrópolis, 15 de março de 1901.

Meu querido Machado de Assis. — Chegou-me esta manhã tua carta com as duas perguntas, a que respondo, e com notícias, que agradeço. Escreveu-me o Oliveira Lima, de Londres, no mesmo sentido em que o fazes, e já lhe respondi a 9 deste mês que com prazer aceitava a incumbência, caso ele viesse e tivesse de ser recebido formalmente. Vês, pois, que respondo agora afirmativamente às duas perguntas: responderei ao discurso do Lima e oportunamente poder publicar como trechos na festa (1). — Disse-me alguém não me lembra quem, que os 40 instituidores, não só os presentes à primeira reunião (2), como os eleitos nela, entravam — sem formalidade, tanto assim que eu assim entrei na sessão em que foi recebido o João Ribeiro (3). Vejo, porém, que o mesmo João Ribeiro e depois o Domitilo da Gama (4) constituem precedentes em sentido contrário. — Aconselhei o Lima, a quem muito quero, a ir primeiro tomar conta do posto, pois não estou muito certo de que tenhamos diante de nós tempos tranquilos, próprios aos trabalhos acadêmicos. Sei que ele pediu uma licença, pretende sair de Londres no fim deste mês e demorar-se em Paris, para assistir ao reconhecimento da sua história do reconhecimento do Império, agora nos prelos da Casa Garnier; passar em Madrid alguns dias com a irmã, senhora do ministro Beltrão; demorar-se algumas semanas em Lisboa junto da boa velhinha sua mãe, e embarcar para aqui lá para 20 de maio. — Recomendei-lhe que se interessasse cuidadosamente da saúde d'El-Rey Café, que já tendo matado

no Brasil a monarquia, quando lhe tiraram os escravos, ficando-lhe os cafezais, as terras e os bons preços, é muito capaz de matar a república, quando os cafezais e as terras forem sepultados nas carteiras apodrecidas dos bancos, e o melhor dos preços ficar nas carteiras recheadas dos compradores americanos e europeus. Disse-lhe que se subasse que o café chegava a \$8000, tomasse o rumo do Oriente, e deixasse, não em paz, mas entregue a seus destinos, o Poente. E em verdade te digo, e falo como vítima de muitas cartas do interior, eu não me arreio da hidra das praias (já sabemos que não passa do vulgar jacaré dos brejos de Macaé ou Iguaçu, laçando no Arsenal de Marinha), o que temo, e muito seriamente, é que, como no vaticínio de Macbeth, as árvores se ponham a caminho. Como trabalhos na Agricultura deveis saber disto melhor do que eu. Para mim temo que uma redução de 10 milhões esterilize no valor total de nossa exportação da futura colheita de café, com a consequente redução da renda das alfândegas, e, no meio da quebra da geral, a diminuição dos próprios impostos de consumo, fazendo-nos voltar ao regime do pé no chão e à mandioca, ao milho, à galinha e aos porquinhos do sítio, trarão a queda de quanto está de pé, embora depois se tenha de por de pé coisa muito pior. — Estimei saber que já estavas bom do jacómdo que te reveste em casa dois dias. Outro tanto não te posso dizer. Por dormir umas noites em casa do Lucio, tive umas seções, que apesar de combatidas, deliraram-me como se fosse eu o vencido: debilitado e com fígado de ganso cevado. — Minha mulher e filhos comigo se recomendam muito a tua Exma. Senhora e a ti. — Abraça-te u — Amigo velho, afetuoso e admirador — Salvador de Mendonça.

P. S. — Lucio está ainda em Teresópolis, onde permanecerá até o fim da 1ª semana de abril.

(1) Oliveira Lima, eleito para a Academia na mesma sessão em que o foi Salvador, tomou posse de sua cadeira em sessão de 17 de junho de 1903, sendo, de fato, recebido por Salvador. — (2) A primeira sessão da Academia foi a 15 de dezembro de 1895 e os estatutos foram assinados em sessão de 23 de janeiro de 1897; nesta sessão é que foram eleitos os dez acadêmicos que faltavam para completar os 40. — (3) João Ribeiro não foi sócio fundador, mas eleito na vaga de Luiz Guimarães Junior, sessão de 8 de agosto de 1898. Foi recebido por José Veríssimo em sessão de 30 de novembro desse ano. — (4) Domitilo foi um dos eleitos em 28 de janeiro de 1898; foi recebido em sessão de 1 de junho de 1900, por Lucio de Mendonça.

Petrópolis, Hotel Alexandra, julho 23, 1903.

Meu querido Machado de Assis. — Agradeço cordalmente teu telegrama: estive realmente em espírito comigo no dia de meus anos (1), pois a atmosfera de suave e terna amizade que me cercava, revelava-me tua presença. Agora meus irmãos, é hoje o amigo que há mais anos tenho, sempre o mesmo, bom e sincero. — Minha mulher e filhos comigo enviam à tua Exma. Senhora e a ti lembranças afetuosas. — Abraça-te estreitamente — Teu de coração — Salvador.

(1) Salvador nasceu a 21 de julho de 1841.

Rio, 6 de março de 1904.

Meu querido Salvador. — Estive ontem com o Campos (1). Ouvi-lhe que não podia responder logo, mas que em dois dias me mandaria recado à Secretaria. Não havendo objeção fará a transferência do Paulo. Até depois de amanhã. Nossos respeitos e muitas lembranças do — Machado de Assis.

(1) Cesar Campos, funcionário do Ministério da Viação. Veja-se a carta seguinte.

Rio, 9 de março de 1900. (Alas, 1904).

Meu querido Salvador de Mendonça. — Estive com o Cesar de Campos, que me mostrou a nota recolhida acerca das duas agências. Disse-me que já houvera pedido de transferência, e alegou que o serventário de Rio Bonito já ali está há muitos anos. Propôs-me vir o Paulo para a Estação Central; disse-me que esperava a resposta. Não adiantei nada acerca da aposentação do outro, nem respondi afirmativamente acerca da vinda para cá. Fiquei de lhe dar resposta. — A meu ver, é melhor que Você escreva ao Lucio, como me disse. Irá assim mais direta e prontamente. Mande-me o que lhe parecer. — Adeus: desculpe a pressa com que esta carta é escrita, para subir hoje, sábado. Meus respeitos à Exma. Senhora, e mais um abraço do velho — Machado de Assis.

Cosme Velho, 21 de julho de 1904.

Meu querido Salvador. — Não quero que passe o dia de hoje sem cumprimentar-te, ainda que por letra, não podendo fazê-lo em pessoa. Tenho há muito minha mulher doente. Não quero, porém, que este dia de teus anos acabe sem mandar aqui um abraço de felicitações e saudade. — Outra felicitação e outra saudade vão aqui pelo teu discurso sobre João Caetano (1). Cá o li e reli e guardei; fizeste-me reviver dias passados compunste a figura do nosso grande trágico, ele e o tempo, e que tempo! A gente nova de hoje achou fino gosto naquilo que pessoalmente lhe não recordou nada; viu a vida, a pessoa, o quadro, os sucessos, adivinhou a arte e o gênio que possuíamos. Quando falaste do Paraná (2) e da amizade que o ligava a João Caetano, fizeste-me lembrar que o estadista morreu nos braços do ator, e que um poeta da Baía, ora esquecido (Manuel Pessoa da Silva), em poema que escreveu sobre o marquez, terminou a composição com estes dois versos:

E o gênio da política fenece
Nos braços do imortal gênio da
lênica.

Vi também através do discurso o perfil do nosso querido Muzio (3). Também me lembrou, ao narrar a noite do ensaio da "Joana de Flandres", a festa da primeira representação desta ópera, quando tu, eu e tantos outros, cercado o Carlos Gomes, descemos em aclamações à pela rua dos Cisalnos (4) abaixo. Restamos alguns e as lembranças que não acabam; dado que esmorecem, aí está uma voz para as alyvar com a velha alma sempre nova. — Adeus, meu querido Salvador; recomende-me aos teus, e não esqueças o — Velho amigo — Machado de Assis.

(1) Discurso de Salvador, (Continua na página seguinte)

A correspondência de Salvador de Mendonça com Machado de Assis

(Continuação da página anterior)

pronunciado na inauguração do Teatro João Caetano, em Niterói, aos 14 de julho de 1904, publicado no "Jornal do Comércio" de 17 desse mês. — (2) Honório Hermeto Carneiro Leão, marquês de Paraná. — (3) Henrique Cesar Muzzio, jornalista, companheiro de Machado e Salvador na redação do "Globo". — (4) Atual rua da Constituição.

63, rua Itapagipe, 29 de julho, 1904.

Meu querido Machado de Assis. — Bem avallia quanto me comoveu tua boa e terna carta de felicitações e de recordações. Só com um abraço muito apertado poderei retribuir-te toda a expressão de velha e sincera amizade que puseste naquelas linhas douradas pelo sol poente de tuas e minhas saudades. É bem certo que nem tu nem eu o trocaríamos pela mais esplêndida alvorada. Esse é o tesouro dos velhos, que só de corpo o são e tem o privilégio de conservar a alma dos vinte anos. — Dá recomendações de minha mulher e minhas a tua Senhora e aceita-as para ti, com um abraço do — Teu velho e sincero — Salvador.

Prezoso um dia destes avivar contigo memórias da Ópera Nacional, para o artigo "Carlos Gomes íntimo" que me pediu o "Jornal do Comércio". E não esquecerás então de uns versos meus.

Rio, 28 de out. 1904.

Meu querido Salvador de Mendonça. — Já ontem recebi na igreja os teus pesames (1) e por teu intermédio os da tua boa esposa. Agradeço-os a ambos. O pouco trato que entre elas houve foi bastante para avaliar o coração uma da outra. Eu, meu querido, estou ainda atordoado, pela imensidade do golpe, como pela injustiça que a feriu. Após trinta e cinco anos de casados é um preparo para a morte. — Teu velho am.º do coração — Machado de Assis.

(1) Pela morte da esposa, Dona Carolina, falecida aos 20 de outubro de 1904.

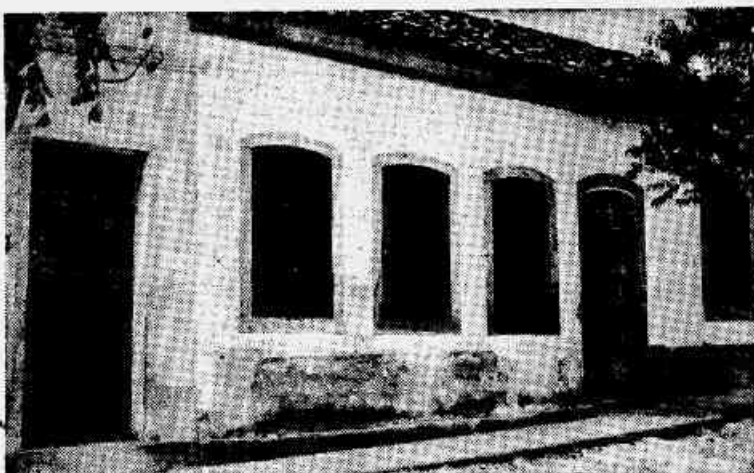
23 de julho de 1907.

Meu querido Salvador. — A data vai errada, mas tu desculpa a falta de ontem; ainda é tempo de mandar um abraço pelo teu aniversário. Somos dois velhos companheiros, a quem o tempo poderá ter levado muita coisa, mas deixou sempre a afeição moça. Cumprimenta por mim tua Exma. Senhora e aos teus filhos, e continua a crer no — Teu do coração — Machado de Assis.

Hotel Balseiro, Ipanema, julho 25, 1907.

Meu querido Machado de Assis. — Recebi ontem tua carta e teu abraço. A data é 21, mas para ti meus braços estão sempre abertos, como para um irmão. — Foi em 1857, do irmão não me lembro, não houve talvez mês, pois eu passava quasi

Em Itaboraí, a cidade de Salvador de Mendonça



A casa em que nasceu Salvador de Mendonça, em Itaboraí



Matriz de Salvador de Mendonça, naquela cidade fluminense



A matriz de Itaboraí, onde existem as duas telas do Dominiquino, doadas por Salvador de Mendonça

A paisagem de Itaboraí - SALVADOR DE MENDONÇA

A leste do grande anfiteatro que circunda a baía do Rio de Janeiro, sobre o extremo de um contraforte da serra do mar, ergue-se a colina pitoresca em que hoje repousa a meio adaradada Itaboraí, que, a semelhança dos antigos reis da Espanha — que quanto mais domínios perdiam, mais títulos acrescentavam a seus nomes — foi mais rica e florescente nos séculos XVIII e XIX, quando simples freguesia de Santo Antônio de Sá e depois vila e cabeça de município, até ver-se transformada pela República em cidade.

Do alto dessa colina assistem-se como muralha externa desse anfiteatro a serra dos Orgãos, a serra da Tijuca, o Corcovado, a linha de granito apolada no Pão de Açúcar, a Itacatiara, a serra do Lagarto e a do Sambê.

Em um semicírculo menor, correm-lhe em frente os montes que lhe separam o vale do de Niterói, do morro da Armazão ao morro da Atalaia, os quais lhe ocultam as águas da baía.

Pelo lado do sul o vale corre aberto até ao oceano na direção do pequeno promontório de Itaipu. Por aí entram as brisas do mar que refrescam as calmas do estio, e nos dias de tormenta, quando sobre ela pairam as aves marítimas, o vento salino vem tocar-lhe de branco os velhos telhados.

No inverno, de manhã, a vista é surpreendente: a névoa, estendida sobre todo o vale, afigura-se um mar de gelo no meio do qual repontam os montes fronteiros, e aqui e ali uma copa de árvore secular ou um grupo de palmeiras mais altas, até que os primeiros raios do sol deem um tom róseo aos pináculos da serra e, debruçando-se sobre a planície, dissipe o nevoeiro.

A tarde, à hora do poente, espalha-se no ambiente uma poeira dourada, que dá à paisagem um aspecto oriental, e quando o sol, em sua refração abate o horizonte, sobre as cabeças dos montes de vermelho — ao que a gente da roça chama "sol das almas" — há nesse espetáculo fantástico alguma coisa de sobrenatural.

Quando, depois de um dia de verão, ao subirem os vapores do espaço anfiteatro até o alto da serra do mar, aí se condensam, e está iminente uma trovada do oeste, as primeiras luzadas do vento da terra, os nuvens rolam e se esbalem sobre a face da cordilheira como um Niagara colossal. Desencadeia-se a tempestade, a água despega-se das alturas e o trovão ribomba repetido pelos ecos temerários como uma orquestra infernal. Entre a cordilheira e o mar passam fitas de fogo que formam uma abóbada candeante. Mas como é para a atmosfera, lavado o céu e verde a mata ao romper do dia seguinte!

Salvador de Mendonça e a Política

De uma carta endereçada a Campos Sales:

"Se eu fosse homem dirigente, camagava lenta e tenazmente os sebastianistas, não lhes dando tréguas, nem quartel. Sei que os há convictos e os há por especulação ou mera ambição de poder. Pois bem, como o governo não pode entrar nessa discriminação, tem de exterminá-los a todos, indiscriminadamente, se não quiser morrer-lhes nas mãos, mais cedo ou mais tarde, pois no dia em que os monarquistas vençassem, considerá-los na mesma posição em que estariam no dia 16 de novembro de

1889 se em vez da revolução fora o sr. Ouro Preto o vencedor.

"Moderação é coisa excelente em qualquer governo, mas em termos e bem entendida.

"Não deverá nunca provar fraqueza.

"A massa flutuante do povo, que ainda não ama a República, embora nunca tivesse amado a Monarquia, está à espera de ver se terá de temer e respeitar a República ou cobri-la de vaías e motejos.

"Desde que não está em nossas mãos fazer que desde já a amem, é indispensável que a temam.

"Note você que não estou se-

gerindo tiranias: é simples regime dietético de momento, pois a rebelião restauradora, embora enolada momentaneamente do Brasil, ainda se arregimenta na casa dos vizinhos, que não são nossos amigos.

"Anistiar esses rebeldes, netê-los em nosso seio, suponho que os conciliaremos com a nossa brandura, será apenas favorecer a continuação da conspiração mais ou menos ativa que estiveram desde a queda da monarquia.

"Melhor é ter alguns centos de inimigos declarados do que um só amigo hipócrita, que, no momento preciso, apunhalará pelas costas a República..."

BIBLIOGRAFIA DE SALVADOR DE MENDONÇA

(organizada de acordo com as notas de Carlos Sussekind de Mendonça, por M. L.)

A bibliografia de Salvador de Mendonça é a seguinte:

- 1 — *O Bobo* — Drama em 4 atos e 8 quadros. Adaptação do romance de Alexandre Herculano. Rio. Nunca foi publicado nem representado. O manuscrito constava de 152 páginas. Apresentado ao Conservatório Dramático Brasileiro em 5 de novembro de 1858, teve parecer favorável do censor J. J. do Rosário, referendado por J. do Nascimento Silva.
- 2 — *Singairá ou Cingairá* — Lenda das margens do Pirai. 1567. Publicada primeiramente na *Revista Mensal do Ensaio Filosófico Paulistano*, de 30 de julho de 1859. Edição de Melo Matos, dedicada a A. J. de Mamede Soares, de S. Paulo, 1859.
- O romance de um moço rico — Comédia-drama em 5 atos e 7 quadros. Imitado de A. d'Ennery, por Luiz de Bivar, Salvador de Mendonça e Bertotti Duarte. 266 págs. ms. Rio, 1859. Foi publicado no *Kaleidoscópio* em 1860, acompanhado de uma carta de Tomaz José Pinto de Serqueira.
- 4 — *Dois palavras sobre um grande livro* — A proposta das Flores Silvestres, de Bittencourt Sampaio. Publicada na *Revista Popular*, ano II, tomo VI, Garnier, Rio, 1860.
- 5 — Colaboração na *Legenda*, com Tráfico Ottoni Filho. São Paulo, 1860.
- 6 — Colaboração no *Kaleidoscópio*, publicação semanal do Instituto Acadêmico Paulistano. S. Paulo, 1860.
- 7 — *A Herança* — Comédia-drama. Rio, 1861. Nunca foi representada em português. Representada em língua inglesa, em Nova York, com o título de *Money*, em 1888. Parecem perdidos os originais de uma língua e de outra.
- 8 — Colaboração no *Diário do Rio de Janeiro*, 1861.
- 9 — Crítica musical no *Jornal do Comércio*, 1861-1863.
- 10 — *No album de A. C. G.* — Poema publicado em uma coletânea intitulada *Lírica Nacional*, de B. L. Garnier. Prefácio de Quintino Bocaiuva. Rio, 1862-1872.
- 11 — *Calabar* — Juízo crítico. A proposta do trabalho de José da Silva Mendes Leal Junior. Rio, 1863.
- 12 — *Semana Lítica*, no *Correio Mercantil*, 1863.
- 13 — Colaboração na *Atunidade*, onde Salvador de Mendonça é redator. Folhetins, com o título *Dilettantismo*, onde são traçados vários retratos biográficos. Rio, 1864.
- 14 — *Dilettantismo* — Isabel Aliba, 24 ps. com retrato de I. A. — Tip. Particular. Rio, 1864.
- 15 — *Dilettantismo* — *Maria-ninha Padilha* — 23 ps. Com retrato de M. P. — Tip. Particular. Rio, 1864.
- 16 — *O Direito de Falar* — Panfleto de Eugène Pelletan. Tradução publicada na *Atualidade*, Rio, 1864.
- 17 — *Joana de Flandres*, ou *A volta do Cruzado*. Trágédia lírica em 4 atos, 54 ps. Com uma carta-prefácio a Carlos Gomes. Música de Carlos Gomes. Tip. da *Atualidade*, Rio, 1865. Também foi publicada no *Arquivo Federal*.
- 18 — *Silens Dea* — Crítica. 1865.
- 19 — Colaboração na *Revista Popular*, 1866.
- 20 — Artigo sobre o Ato, drama de Furtado Coelho. In: *Diário do Rio de Janeiro*, 18-11-1866.
- 21 — *Apontamentos biográficos para a história da campanha do Uruguai e Paraguai, desde 1864*, em colaboração com o padre Antônio Alvarez Guedes Vaz e Vitor Dias. Rio, 1866. Agosto. — O primeiro volume foi concluído. O segundo foi apenas começado.
- 22 — *Regeneração*, de Demófilo. Tip. Lisboense, 32 ps. Rio, 1866.
- 23 — *Calécismo Constitucional*, de Demófilo. Garnier, Rio, 1866.
- 24 — Colaboração no *Arquivo Literário*, publicação mensal. Tip. d'O Ipiranga, São Paulo, 1867.
- 25 — Colaboração em *O Ipiranga*, jornal de que, juntamente com Ferreira de Menezes, é diretor. 1867-1869.
- 26 — *Musa Latina* — Epístola ao dr. Antônio de Castro Lopes. In: *O Ipiranga*, 7-6-1868.
- 27 — *Rocambo* — Crítica de teatro em folhetim de *O Ipiranga*, 23-3-1868.
- 28 — *A Cossaca* — Romance de Paul Féval. Traduzido em folhetins de *O Ipiranga*, 1868.
- 29 — *O Conde de Camors* — Romance de Octave Feuillet. Tradução em folhetins de *O Ipiranga*, 1868.
- 30 — *História da Regência. Ensaio do regime democrático no Brasil*. Nunca foi publicado. 1868.
- 31 — *Manifesto de 70*, redigido com Quintino Bocaiuva. Todo o capítulo sobre *A Verdade Democrática* é da autoria de Salvador de Mendonça. 1870.
- 32 — Atuação de redator e colaborador na *República*, jornal que fundou com Luiz Barbosa da Silva e Quintino Bocaiuva. 1870-1872.
- 33 — *Pro Rege Nostro, Anais do Império*, 1 v., 4 partes — 1º, *O Rei velho*, 1808-1821; 2º, *Ficar e não ficar*, 1821-1831; 3º, *Mal com ele, melhor sem ele*, 1831-1841; 4º, *Das fúrias à baizua*, 1841-1870. — Nunca foi publicado, e parecem perdidos os originais.
- 34 — *Carta a José de Alencar*. Prefácio aos *Cantos de Selma*, de F. Otaciano. Edição de 7 exemplares, 1872. Republicado na *Revista da Academia*, n. de 1910.
- 35 — *Páginas Literárias. Ensaio de análise crítica*. Um grosso v. in-8º, dividido em 2 tomos. — Nunca foi publicado, tendo sido anunciada a sua publicação em 1872.
- 36 — *Epístola a Furtado Coelho sobre o Barbeiro de Sevilha*. 1872.
- 37 — *Memórias de uma Mulher*. Tradução do romance de O. Feuillet, para a casa Garnier. 1872.
- 38 — *Julia de Tresecoeur*. Tradução do romance de O. Feuillet, para a casa Garnier. 1872. Reeditado em 1874.
- 39 — Prefácio aos *Quadros*, de Joaquim Serra. 26-12-1872.
- 40 — *Joda de Thommeray*. Tradução do livro de Jules Sandeau para a casa Garnier. 1873.
- 41 — *A Vinhedosa Alice*. Tradução do livro de Albert Second para a casa Garnier. 1873.
- 42 — *Mademoiselle Mariani*. Tradução do livro de Arsène Houssaye para a casa Garnier. 1873.
- 43 — *Mademoiselle Cleopatra*. Tradução do livro de Arsène Houssaye. 272 ps. 1873.
- 44 — *Novelas* de T. Gautier encerrando *O Rei Candaule* e *Fortunio*. Tradução para a casa Garnier. 268 ps. 1873.
- 45 — *Novelas*, de A. de Musset, abrangendo *As duas amantes*, *Emmeline*, *O Filho do Ticiano*, *Frederico* e *Bernardina*, *Croiselles*, *Margárida*. 393 ps. Tradução para a casa Garnier. 1873.
- 46 — *Novelas* de T. Gautier, abrangendo *O Velocino*, *Onífolia*, *O cósioho da Marquesa*, *O Ninho de Rouxinóis*, *A Amante de Alem Tímulo*, *A Cadeia de Ouro*, *Uma noite de Cleopatra*. Tradução para a casa Garnier. 261 ps. 1873.
- 47 — *Mademoiselle de Mau-*
- pin, de T. Gautier. Tradução para a casa Garnier. 434 ps. 1873.
- 48 — *O Sobrevivente*, de P. Féval. Tradução para a casa Garnier. 1873.
- 49 — *Avatar*, de T. Gautier. Tradução para a casa Garnier. 1873.
- 50 — *Da Terra à Lua. Trajetória direta em 91 horas*. Tradução do livro de Julio Verne para a Livraria Garnier. 237 ps. 1874.
- 51 — *A Retirada da Laguna*. Tradução do livro do Visconde de Taunay feita para o Ministério da Guerra. 226 ps., seguidas de um documento comprobatório. Tip. Americana. Rio, 1874.
- 52 — *A tua roseira*. História melancólica em folhetins no *Globo*, 1874.
- 53 — *O Mateiro ou o Bandeirante*, de Gabriel Ferry Louis de Bellemare. Tradução para a casa Garnier. Três vs. 1º v. 310 ps.; 2º v. 327 ps.; 3º v. 327 ps.
- 54 — *O Dia de São Nunca*, de Albert Second. Tradução para a casa Garnier. 1874.
- 55 — *Noventa e Três*, de V. Hugo. Tradução para a casa Garnier. 432 ps. 1874.
- 56 — *Um drama nos ares*, de Julio Verne. Tradução para a casa Garnier. 1874.
- 57 — *Uma fantasia do Dr. Oz*, de Julio Verne. Tradução para a casa Garnier. 1874.
- 58 — *Mestre Zacarias*, de Julio Verne. Tradução para a casa Garnier. 1874.
- 59 — *Uma invernoada nos gelos*, de Julio Verne. Tradução para a casa Garnier. 1874.
- (Estes últimos trabalhos estão encerrados em *O Dr. Oz*, Garnier, 1874).
- 60 — *Lucia*, de Arsène Houssaye. Tradução para a casa Garnier. 1874.
- 61 — *Marabá*. Romance brasileiro. Prefácio de José de Alencar, 200 ps. Editores Gomes de Oliveira e Cia. Tip. do Globo, Rua dos Ourives, 51. Rio, 1875.
- 62 — *Descobrimento prodigioso e suas inculcáveis consequências para o futuro da humanidade*, 189 ps. Seguido da 4ª *Ascensão Francesa no Monte Branco*, 52 ps. Tradução de trabalhos de Julio Verne para a casa Garnier. 1875.
- 63 — *Contos*, de A. de Musset. Abrangendo *A Pinta*, *História de um Melro branco*, *Pedro e Camilla*, *Mimi Pinson*, *O segredo de Javotte*. Tradução para a casa Garnier. 1875.
- 64 — *O Segredo de Javotte*, de A. de Musset. Tradução para a casa Garnier. 142 ps. 1875.
- 65 — Segundo prefácio à tradução do *Jocelyn*, de A. de La Martine, por João C. de Menezes. 1875.
- 66 — Colaboração para o *Novo Mundo*, de J. Carlos Rodrigues, jornal editado nos Estados Unidos. 1876-1877.
- 67 — Colaboração em *O Cruzeiro*, onde publica as *Cartas Americanas*. 1878-1883.
- 68 — *Trabalhadores asiáticos*. Livro mandado publicar por Cansação de Simbó, 276 ps. Tip. do *Novo Mundo*, Nova York. 1878.
- 69 — Colaboração no *Diário da Baía*, onde publica as *Cartas dos Estados Unidos*. 1880-1881.
- 70 — *Instructions to vice-Consuls and Commercial Agents of the District of the Consulate General of Brazil in U. S.* 27 ps. Nova York. 1880.
- 71 — *Imigração chinesa nos Estados Unidos*. Conferência no Ministério da Agricultura, em 20-7-1881.
- 72 — *Imigração chinesa*. Coletânea dos artigos escritos sob esse título para *O Cruzeiro*, em referência ao *Rio News*. 64 ps. Tip. *O Cruzeiro*, Rio, 1881.
- 73 — *Transformação do Trabalho no Brasil*. *O Rio News* e os imigrantes chineses. Tip. *O Cruzeiro*, 1881.
- 74 — *Substituição do trabalho no Brasil*. Reunião dos artigos de Salvador de Mendonça e de um ensaio sobre o mesmo assunto de Pedro Dias Gordilho Pais Leme. Introdução por Joaquim da Silva Melo Guimarães. 1881.
- 75 — *Arqueologia Americana* — Nunca foi publicada. Escrita em 1882.
- 76 — *A primeira doutora brasileira* (Dra. Maria Augusta Genesio Estrela) ms. 1882.
- 76 — *Discurso na Alfandega de Nova York*, em nome dos Delegados Sulamericanos à Exposição Internacional de Nova Orleans. 1884.
- 77 — *The Empire of Brazil at the World's and Industrial and Cotton Centennial Exposition of New Orleans*. N. Y. 1885.
- 78 — *De Domingo a Domingo*. Artigo publicado em *O Paiz* sobre a morte de Joaquim Serra. 30-10-1885.
- 79 — *Os Mapas*. Continuação dos estudos de *Arqueologia Americana*. Artigos publicados em seis números seguidos do *Freze de Maio*, revista literária, científica e artística. Rio, 1888-1889.
- 80 — *Surge et ambula! Prefácio para os Esboços e Qerfis*, de Lucio de Mendonça. 21 ps. Rio, 1889.
- 81 — *América all Republican*. Discurso na Spanish American Commercial Union Banknet, 20-12-1889.
- 82 — *O Arbitramento*. Nunca foi publicado. Escrito em 1890.
- 83 — *A Justiça da História*. Artigo escrito por ocasião da morte de Pedro II. 1891.
- 84 — *A Revolta da Armada*. 1893.
- 85 — *William Cullen Bryant (Fragmento de memórias)*. — 1894.
- 86 — *Política Internacional*. Ensaio que nunca foi publicado.
- 87 — *Força produtiva das Nações*. Ensaio que nunca foi publicado.
- 88 — *Republicanism in Brazil*. (A idéia republicana no Brasil). 8 ps. *The North-American Review*, Janeiro, 1894. N. Y.
- 89 — *Latest Aspects of the Brazilian Rebellion*. *The North-American Review*, Fevereiro, 1894. N. Y.
- 90 — *Discurso na inauguração dos Museus Comerciais de Filadélfia*. Pronunciado em nome dos membros do corpo diplomático da América latina em um banquete. Junho, 1897.
- 91 — *Thanatopsis*. Versos de William Cullen Bryant. Tradução. Nunca foi publicado. 1897.
- 92 — *Conferencias sobre arte*. 1ª — *General Outline or Spectacle of the History of Art*; 2ª — *Harmony in the Art of Painting*. Ambas pronunciadas no Washington Clube de Senhoras. 1897.
- A Harmonia na Pintura* foi publicada em inglês no *New York Herald*, em 10-1-1897, e em português na *Revista Brasileira*, em 15-1-1898.
- 93 — *Discurso de cinco minutos*, sobre diplomacia moderna. No banquete anual da *Order of the Legal Legion* (Washington). 12-2-1898.
- 94 — *Direito do Brasil a todo o vale do Amazonas*. Artigo no *Jornal do Comércio*, de 11-5-1903 e 22-5-1902.
- 95 — *Sinco Semanas em Baido*, Julio Verne. Tradução para a casa Garnier.
- 96 — Versos satíricos alusivos a questões pessoais. Nunca foram publicados.
- 97 — *A questão da Bandeira*. Ao redator do *Petrópolis*. 18-1-1903.
- 98 — *Nomes tutelares*. Versos ao Barão do Rio Branco. 1903.
- 99 — *Discurso na Academia Brasileira de Letras*, recebendo Oliveira Lima, m. 17-7-1903. Top. do *Jornal do Comércio*. Rio, 1903.
- 100 — *Discurso na inauguração do Teatro João Caetano*, em Niterói, 1904.
- 101 — *Apoteose*, versos. *Jornal do Comércio*, 17-7-1904.
- 102 — *Ajuste de Contas*. Artigos publicados no *Jornal do Comércio*, 1899-1904.
- 103 — *Ajuste de Contas*. Coletânea dos artigos do mesmo título publicados no *Jornal do Comércio*. 268 ps. Tip. do *Jornal do Comércio*, Rio, 1904.
- 104 — *Carlos Gomes intimo*. *Jornal do Comércio*. 2-7-1905.
- 105 — *A véspera do Capitão*. Versos de Machado de Assis. 1905.
- 106 — *Orfeu triunfante*. Versos recitados na inauguração da estátua a Carlos Gomes, em Campinas. 1-7-1905. Publicado no *Jornal do Comércio* de 3-7-1905.
- 107 — Colaboração no *Brasil*. Outubro e novembro de 1907.
- 108 — *Lendas de Serra e da Baía*. Versos. *Jornal do Comércio*. 22-7-1907.
- 109 — *Limites entre os Estados do Paraná e Santa Catarina*. Artigo no *Jornal do Comércio*. 18-11-1908.
- 110 — *O Fumo*, de J. B. Kilbrey e Herbert Myrick. Biblioteca da Agricultura. Rio, 1909.
- 111 — *A Cana de Açúcar*, de Juan Bautista Jimenez e Francisco Zayas e Jimenez. Biblioteca da Agricultura. Rio, 1909.
- 112 — *Onde nasceu John Draper*. Carta a José Carlos Rodrigues, *Jornal do Comércio*, 1910.
- 113 — *O Trigo*, de Peter Tracy Doud'nger. Biblioteca da Agricultura. Rio, 1910.
- 114 — *Compêndio de Educação Rural*, do professor Booper T. Washington. Biblioteca da Agricultura. Rio, 1910.
- 115 — *O Algodão*, de Charles William Burbett e Clarence Hamilton Poe. Biblioteca da Agricultura. 1910.
- 116 — *Jodo Caboclo*. Versos. Revista da Academia Brasileira de Letras. Janeiro, 1910.
- 117 — *Para ler e reter*, de Maria Johnston. Tradução para a casa Garnier. Dois vs. 1º, 276 ps.; 2º, 281 ps. Rio, 1911. Foi publicado primeiramente em folhetins do *Jornal do Comércio*.
- 118 — *As Freiras do Couto*. Versos. Revista da Academia Brasileira de Letras. Julho, 1911.
- 119 — *O Engenho do Tinhoso*. Versos. Revista Americana. Rio, 1911.
- 120 — *O último porto*. Sonetos. 1911. Publicados na Revista da Academia, Janeiro, 1912.
- 121 — *Discurso na Academia Brasileira sobre a eleição de Lauro Muller*. 23-8-1912.
- 122 — *Versos a Lucia*. Na inauguração do seu busto na Academia Brasileira. 14-6-1912. Publicados no *Jornal do Comércio* de 15-6-1912.
- 123 — *Manual da criação de porcos na América*, de F. D. Coburn. Biblioteca da Agricultura. 1913. 2ª edição oficial; 3ª edição da Livraria Magalhães, S. Paulo, 449 ps.
- 124 — *Jantes Meredith*. Tradução do romance norte-americano da Guerra da Independência, da autoria de Paulo Leicester Ford. Dois vs. 1º vol. 470 ps.; 2º vol. 396 ps. Foi primeiramente publicado em folhetins no *Jornal do Comércio*. Primeira edição, 1911; 2ª, 1913.
- 125 — Colaboração no *Sênio*, de Brício Filho. 1912-1913.
- 126 — Colaboração no *Imperial*. *Coisas do meu tempo*. 1913.
- 127 — *A Situação Internacional do Brasil*. Coletânea dos artigos anteriormente publicados no *Sênio*. 296 ps. Casa Garnier. Rio, 1913.
- 128 — *Parecer da Comissão de Romance da Academia Brasileira de Letras*, indicando ao prêmio *A Vida de Tomaz Leões*. 1913.

SALVADOR DE MENDONÇA NA ACADEMIA SEU COMBATE À CANDIDATURA DE LAURO MULLER

Em 1912, por morte de Rio Branco, Lauro Muller, que era ministro das Relações Exteriores, se apresentou candidato à Academia Brasileira. Salvador de Mendonça — embora sendo desistente de Hamiz Galvão, candidato que estava com Lauro Muller, entrou, decidido, num violento combate à candidatura do ministro.

Dessa memorável atuação "sua a coupole" aqui transcrevemos o discurso que se segue e que é, por todos os motivos, interessantíssimo.

Este o discurso de Salvador de Mendonça:

Sr. presidente — Congratuemo-nos com a Academia Brasileira por vos ver restituído a essa cadeira, depois da grave enfermidade que, pondo em perigo a vossa vida, pôs em socorralmo esta casa e todo o Brasil.

Felizmente estais de novo à frente dos nossos trabalhos, e vindes em momento oportuno, quando o que agora periga é a dignidade desta instituição. Ou a Academia Brasileira tem hoje as suas termopilas, ou abre-se a porta à invasão da Héliada.

Ilustres confrades. — Antes de entrar na análise dos méritos dos candidatos à cadeira que aqui deixou vago Rio Branco, consenti que ponha bem clara a minha posição individual relativamente aos dois contendores. De um deles, o ministro candidato, só tenho recebido atenções, a que aliás me davam direito minha idade e meus serviços a esta terra, durante mais de meio século, quer na imprensa liberal e republicana, quer nos postos consular e diplomático. As nossas relações tem sido até agora de mútua estima e respeito. Do outro candidato não posso dizer o mesmo. Depois de relações amáveis, que parecia deverem perdurar, surgiu de improviso uma disputa de imprensa entre ele e Lúcio de Mendonça, e o assunto foi a minha pessoa. Em mais de uma folha pública era eu então atacado violentamente; devia estar fazendo alguma coisa útil ao Brasil.

Como o coreel de Job, ouvi de longe os ecos do fragor do combate. Chegaram-me depois notícias; trocavam-se baldões e vituperios. Afinal, terminado o encontro, recebi um envelope lacrado e selado, com todas as peças da discussão. Confiel no valor do meu advogado espontâneo, notável polemista nuncá venci. O envelope que recebi permanece ainda hoje lacrado e selado como me foi ter às mãos, e como há de ser legado com outros documentos ao arquivo desta casa, e a curiosidade, maior que a minha, de algum futuro biógrafo dos académicos que primeiro constituiram esta companhia. Deram-me assim os Destinos a equanimidade que me permite fazer justiça aos próprios desafetos e

por isso entro hoje nesta discussão "sine ira ac studio".

Quando na primeira sessão do mês de julho o nosso secretário geral, remetendo a carta de 4 desse mês, em qual o sr. ministro das Relações Exteriores apresentava sua candidatura, escreveu ao nosso primeiro secretário que não vinha presidir a sessão desse dia para não declarar "in limine" inelegível esse candidato por lhe falcarem os requisitos exigidos pelos artigos 1º e 2º dos nossos estatutos, não lhe achel razão e di-lo-ei porque. Enquanto estes dois artigos não forem interpretados no sentido mais restrito ou mais amplo, isto é, permitindo que só venham bater a estas portas os literatos propriamente ditos, os beletistas, ou ampliando essa permissão a todos os libe-ratos, artistas e cientistas, cujas obras intelectuais tiverem por instrumento a palavra escrita ou falada, entendo que só a Academia, em número legal para deliberar e votar, cabe decidir se é ou não elegível qualquer candidato, e não à mesa, embora investida da nossa confiança.

Ao ler-se a carta do sr. ministro das Relações Exteriores, observei como desprazer que ele se dizia animado por alguns académicos a apresentar a sua candidatura; digo como desprazer, primeiro porque esses srs. académicos conforme a praxe actual, não deviam ir ter com o sr. ministro para esse fim, e segundo porque o sr. ministro parecia haver-se decidido em vista dessa solicitação. A verdade é que s. excia., apenas observou em parte as praxes adotadas até agora: mandou a carta de apresentação ao presidente da Academia, mas não solicitou por visita pessoal ou por carta o voto de cada um dos académicos.

Eu creio que também neste ponto as nossas praxes devem ser alteradas. A Academia é que deve escolher dentre todos os literatos brasileiros os nomes que tenham de preencher as vagas que forem ocorrendo. Assim as propostas deveriam ser assinadas pelo menos por cinco académicos, podendo ser os candidatos tantos quantos fossem os apresentados por diferentes grupos de académicos. Em sessão preliminar e secreta, discutir-se-lam os méritos dos candidatos propostos e assen-tar-se-lia em um ou mais nomes para receberem votação, responsabilizando-se os propo-nentes pela aceitação dos seus candidatos. Este sistema traria a vantagem de evitar que qual-quer mediocridade pretenciosa pudesse, como até hoje, apre-sentar a sua candidatura e ar-reddar mesmo outro candidato, se fosse bastante poderoso para o fazer.

Será preciso comparar os méritos literários dos dois candidatos que hoje vão receber nossos votos? O sr. Ramiz Galvão, notavel desde os bancos académicos pela eloquência, que para logo o sagrou orador, tem em sua bagagem obras de subido mérito. Além de várias monografias sobre assuntos médicos, tem entre outras obras as seguintes: "Apontamentos Histó-ricos sobre a Ordem Beneditina", "O Púlpito no Brasil", "Biografia de Frei Camillo de Monserrate e Vocabulário Etimológico, Ortoográfico e Prosódico das Palavras Portuguezas Derivadas da Língua Grega", que por si só lhe abririam as portas de qualquer Academia do mundo. Como orador, como professor, como historiador, como filósofo, e principalmente como filólogo, o sr. Ramiz Galvão tem pleno direito a uma cadeira nesta casa. Na primeira lista de membros da Academia que o seu organizador formulou achava-se o nome do notável escritor, e se desde o começo desta instituição não teve

assento entre nós foi por haver recusado a distinção que lhe fora oferecida, em razão da incompatibilidade que supunha existir entre a sua pessoa e a do fundador da Academia Brasileira.

Quais são pela outra parte as obras do sr. Lauro Muller? Creio que se não pode mencionar o que não existe, ou que, pelo menos, não posso mencionar o que não conheço. E' certo que mais de um mês depois da apresentação de sua candidatura, chegou-nos da Europa um opúsculo em tipo e papel gordos, que o nosso confrade relator do parecer acerca de "Sua Excelência", chamaria espiritualmente "literatura de encher". Se o discurso das Insignias não pede meças ao Discurso da Coroa de Demóstenes, não carecia de ser engordado para ter peso e valor. Vale ao menos como uma promessa, e se s. excia., não fosse agora ministro, bem o poderíamos receber a crédito, como a crédito já aqui foram outros recebidos e se vão desempenhando da divida de modo muito satisfatório para as esperanças neles depositadas. Um dos turiferários dos "Ideais Republicanos", diz que s. excia. em sua juventude escreveu poesias. Em que pese ao que dedenham dos poetas, e principalmente dos poetas que cantam a mulher — como se desde Homero até nossos dias não fosse a mulher a melhor fonte de inspiração poética — vá s. excia. acateando essas suas produções e lembre-se de que Maciel Monteiro, orador parlamentar e diplomata, só obteve a chave do trípode da Torre Eúrbura quando lhe conheceram o soneto

Formosa, qual pintor em tela
[fina...]

Em linguagem portuguesa só o génio de Garrett conseguiu escrever a tragedia em verso "Catão", sem um só personagem do sexo feminino, e quase sem mencioná-lo, pois só uma vez, creio se declina o nome de Porcia.

Se não for agora eleito, quando mais tarde deixar de ser ministro, e ainda não for presidente da República, mande-nos cá alguns de seus versos, ainda que seja um só soneto à guisa de Maciel Monteiro e conte então com votos bastantes para ser eleito alosamente.

Não é, porem, como literato que o sr. ministro das Relações Exteriores vai hoje receber um número consideravel de votos Académicos. De accordo com um recente artigo, devido à pena de um nosso confrade, s. excia. deve para aqui entrar por ser politico poderoso e futuro amparo desta Academia, que ainda está no período da amamentação.

Logo depois da morte de Washington appareceram nos Estados Unidos nada menos de vinte e seis mulheres, que diziam ter sido amas de leite do fundador da República, nada menos que o duplo do número dos Estados que originariamente constituiram a União. Admittendo-se o absurdo do caso e que cada ama tivesse aleitado o herói ao menos durante um mês, ter-se-lia que George Washington ficaria na história como o herói que mais houvesse mamado, isto é, dois anos e dois meses. Pois com a nossa Academia ainda se quer deitar a barra adiante e estender-lhe o período de amamentação para a em dezessete anos de idade. Ao ver o interesse carinhoso com que está cuidando da alimentação futura da Academia Brasileira, sinto o desejo de propor que criemos aqui académicos extranumerários, destinados apenas a prover a subsistência e bem estar da Academia, com a denominação de amas de leite.

Esta triste Academia Brasileira, conforme o artigo citado, andou por aí de deus em deus, sem casa e sem mobília. E' pena que Machado de Assis, seu primeiro presidente, como bom Ateniense que era, se não houvesse lembrado de nos reunir ao sr. livre, no terraço do Passelo Público por exemplo, ao cair da tarde, sob as galas e louçanias do nosso pôr do sol, ou ao misterioso sair da lua por trás do Morro da Viração, desenhando nas águas da baía a sua columna movevida de serpentes de luz, ou ainda sob o céu constelado em que domina o Cruzeiro do Sul. Enquanto nos não davam casa, essas sessões ao sr. livre lembrariam o primeiro ensaio desse género nos anos de '57 e '58. E' uma tradição literária de nossa terra e aqui a menciono para que se não perca, pois de todos quantos nela tomaram parte sou o único sobrevivente. No largo do Rocio, em frente à casa Paula Brito, do outro lado da rua, havia dois bancos em que nas tardes de sábado costumavam reunir-se com muita regularidade para palestras acerca de letras os seguintes individuos: Machado de Assis, calixeiro então da loja de livros e tipografia Paula Brito; Manoel Antonio de Almeida, colaborador do "Correio Mercantil" e autor das "Memórias de um Sargento de Milícias"; Henrique Cesar Muzio, médico sem clinica e critico teatral muito estimado; Casimiro de Abreu, poeta e calixeiro em uma casa de comércio; José Antonio, empregado do Tesouro e autor das chistosas "Lembranças", e afinal quem vos fala, estudante então de preparatórios. Muitas vezes se atravessava da casa Paula Brito para a sua, do outro lado do largo, Joaquim Manoel de Macedo, o criador do romance nacional, vinha sentar-se entre nós, lhaño e sincero, e por mais de uma vez acompanharam-nos Gonçalves Dias com o seu cor-n fanadinho, aspecto melancólico e olhar gentil, e Araújo Porto Alegre com seu fisico de urso e a perene jovialidade da saude da alma e do corpo. Com excepção de Henrique Cesar Muzio e do José Antonio das "Lembranças", todos os outros estão ligados à nossa Academia, dois como académicos, os outros como patronos de cadeiras.

Vêde que às vezes não é preciso nem casa nem mobília para se ir abrindo caminho na carreira das letras.

Tenho que a idéa de apresentar-se candidato não surgiu espontaneamente no animo sensato e pratico do sr. ministro das Relações Exteriores. Alguem lha devia ter insinuado. Quem seria o amigo urso que em vez de matá-la, foi por-lhe no chapéu a abelha zumbidora da ambição Académica? Quem teria ido arrancá-la às locubrações internacionais, a que estava entregue no acertado empenho de corrigir os graves erros diplomáticos do sr. Rio Branco no Rio da Prata? E não me tomem por nenhum iconoclasta, pois em tempo e lugar próprio há-de ficar bem claro que o sr. Rio Branco, depois de nos levar à véspera de um ultimatum, do qual só podia sair uma guerra desastrosa, legou-nos a paz armada, prenhe de calamidades futuras para esta terra. Compreende-se, pois, que distral o successor do sr. Rio Branco da sua meritória tarefa chega quase às raízes de um crime contra o Brasil.

Sim, a candidatura de s. excia. não é ato seu espontâneo; é obra de um como sindicato, organizado dentro e fora do Itamarati, para exploração das boas graças do ministro.

Surgiu nesse ponto a cooperação da imprensa; começaram os artigos laudatórios. Devo dizer que certos artigos laudatórios não deviam correr livre-

mente; deviam ser recolhidos ao depósito dos artigos infamáveis, fora dos centros populares. Um escritor descobria traços de génio no Ministro e outro disse dele que era um dos mais bellos espiritos da América. — Por que não das cinco partes do mundo? — Perturbou-se a natural modestia do elogiado; mas gostou e começou a prestar atenção ao que se dizia.

Pouco a pouco se foi lembrando de que tudo isso bem podia ser sincero e verdadeiro. Esses eló-gios acariciavam-lhe o amor próprio. Seria possível que houvesse subido a tamanha altura sem os predicaos que agora lhe descobrimos? Turvaram-se-lhe a visão e o critério. Apareceram-lhe as primeiras borbo-lhas e depois as empoalas da vaidade, e o caso do enfermo tornou-se caso grave, e depois, na linguagem médica, caso perdido. Já não havia cura para a febre da immortalidade.

Alguem expedia do Itamarati um telegrama circular, assinado por académicos, aos académicos residente fora do Brasil. Quando aqui se mencionou e estranhou, o mês passado este fato, um confrade increpou-nos de não haver censurado proceder igual por parte do sr. Rio Branco, que mandara expedir à custa do Estado, telegramas semelhantes, pedindo votos para candidatos à Academia. Declarei logo e repito que, se não censurarei tais atos, foi por não ter deles conhecimento e não por ignorar que o sr. Rio Branco fosse o introdutor desse e de outros métodos de corrupção no Itamarati. Vem aqui a ponto de recordar que quando soube que a nossa Academia pagara uns tantos contos de réis por um banquete dado a Ferrero, eu interpelara a mesa e ao dizere-m-me que o banquete fora pago pelo sr. Rio Branco, sugeri a idéa de se cotizarem os Académicos para saldarem essa divida. Com esse meu protesto pararam as coisas nesse caminho, que certamente teria levado a Academia Brasileira às messas do Rio Minho em mangas de camisa. Quão melhor e mais condigno não foi o festim intelectual dado nesta sala pelo nosso presidente, ao receber Anatole France — contato de duas estrelas de primeira grandeza que nos foi dado observar destas cadeiras e registrar com letras de ouro em nossos annals! Essas sim, é que são as festas do enfiño, na mesa eucarística do génio Latino.

"Mais revenons à nos mol-lions". Seria uma necessidade de minha parte desconhecer o direito que tem todos e cada um dos membros desta casa de dar seu voto a quem bem lha aprouver. Este direito, porem, é limitado pelos principios da moral, e assim os académicos que pertencem ao Corpo Diplomático — e que por um eufemismo delicioso já ouvi que num caso como o presente podiam dar seu voto como "mera cortezia profissional" — os académicos comissionados pelo Ministério das Relações Exteriores e os que tem parentes ou afins dependentes desse Ministério, dever-se-lam considerar incompatibilizados com esta eleição para que se não pudessem dizer que tem estas cadeiras para negócio. Se para negócio as tivéssemos melhor seria que nos chamássemos a Nova Academia dos Linces, mas no sentido pejorativo, como se dissessemos a Companhia do Otth Vivo. Mais merecedor, porem, de censura que estes académicos, é o ministro que pratica ou permite que pratiquem esta coação. E depois dela, caso o ministro seja hoje eleito, com que ufania poderá contar os votos que o elegeram, se a maior parte deles for os votos de seus subordinados e dependentes? E se um ou mais desses subordinados ou depen-

(Continua na página 347)



Salvador de Mendonça, quando ministro plenipotenciário do Brasil em Washington

A PROJETADA HISTÓRIA DA REGÊNCIA — Salvador de Mendonça

No primeiro ano de publicação da "A Reforma", tive a satisfação de ler o meu respeito as palavras mais benévolas com que em toda a minha vida tenho visto cotadas os meus esforços no ingratu caminho das letras.

Concedeu-me com elas Francisco Otaviano, sempre bom e indulgente para com os que se estreavam na imprensa, escrevendo da minha "História da Regência", obra cuja publicação ele anunciava para breve, mas que até hoje não veio à luz e naturalmente não virá nunca.

Por que?

Porque saiu-me, graças às condições do tempo, uma como obra eterna, isto é, sem principio, nem fim.

Depois do texto propriamente do livro, escreve-me um prólogo, no qual se fazia grande cubedal das vantagens da pura democracia sobre o regime misto que nos felicitava.

As objeções desse prólogo referiu-se Gaspar Martins nos excelentes artigos em que dizia ser-lhe indiferente a forma de governo contanto que garantisse ao cidadão a liberdade.

Achei tão sensata esta observação, que antepunha a existência da coisa a palavras às vezes sem significação real, que, enquanto refletia no caso, correu o tempo e ajustei com Saldanha Marinho, no Rio, e Quintino Bocaiuva, no Rio da Prata, fundarmos um órgão republicano na capital do Império.

Desde que ficou isso resolvido, ficou também em parte prejudicado o meu prólogo.

Pensei, então, em escrever um epílogo para a obra, que a falta de tempo adiou de ano para ano até vir a República, depois da qual seria inútil estar a escrever obras de ensaios de democracia no Brasil, uma a coroa já estava entre nós substituída pelo barrilete frágil.

E aí está porque o livro dorme ainda o sono do esquecimento, já sem prólogo e ainda sem epílogo, obra de um período de transição, satisfeito com o seu recato e perfeita inutilidade.

Quanto provelho não advir a certos autores, se não tivessem tido pressa na publicação de escritos, que teriam gonho com a colaboração do tempo, para parecerem mais ponderados ou desaparecerem de todo?



Salvador de Mendonça, em seu gabinete de trabalho

MANES TUTELARES

(AO BARÃO DO RIO BRANCO)

III

V

A GUARDA DO CONTINENTE

VOZES DO ATLANTICO

O DEFENSOR PERPÉTUO

— "Minha águia imperial, meu dragão de Bragança,
Despertai, acorrei, que nos vamos agora
Destas trevas da morte, antes que surja a aurora,
Feio ultraje vingar, se a deusa é vingança!"

E, deixando após si São Vicente de Fora,
Foi direito à Batalha e sobroçando a lança
Que em mãos do Venturoso até a Índia alcança
Tornou para o Ocidente, onde o Brasil demora.

Chegou na antemãhã às plantas do gigante,
Envolto de neblina em manto roçagante
Depois de atrevessar numa noite três zonas,

Com o conto da lança erguida como celso
Acendeu e bradou, espectro a outro espectro
— "Sus! ao Fosso da Pátria! Osório, ao Amazonas!"
2-12-1902.

II

O DEFENSOR DA REPÚBLICA

O solo estremeceu e os tímulos se abriram
Ao clamar dos clarins. Ele, a águia e o dragão
Precediam na marcha a esquadra e a legião
Que nos bronzes da História os nomes insculpiram.

Os lanceiros e Osório, após a divisão
Do Redivo, e após todos quantos feriram
As batalhas maiores que estes céus já viram
Sob o Duque do Porto e o velho pavilhão.

Mas quando a esquadra invicta ao mando de Sal-
[danha]
Da Amazonas a proa no Amazonas banha
Dos Andes a Belem, de Fernando ao Desterro.

Já rebou o canhão e a signia do Cruzeiro
Apelida ao combate o povo brasileiro
Ao mando de outro morto — o Marechal de Ferro.
4-12-1902

De Oodhill a Hollywood Blaine a Menroe desperta
Quanto os ventos do sul, peçados de fragor,
Os robles sacudindo, arranca-os ao torpor:
— "Ouve! a Santa Aliança outra vez se concerta.

— "E' tarde! Dentro em breve hão de águia e o
[condor]
Aos rapazes falcões correr em liça aberta.
Do Amazonas a traça há de ser descoberta
E jamais cobrirá nosso emblema o invasor!

"Sejam Teuto e Bretão — ó Canning venerando! —
Os que nossa doutrina estão desacatando
Da América o destino é, mais do que eles, forte.

"Vai! Acende os vulcões dos Andes às Rochosas,
Faz das vinte nações vinte irmãs gloriosas
Do Cruzeiro do Sul, té a Estrela do Norte!"

10-12-1902.

IV

O FUNDADOR

Em Mount-Vernon ergueu-se o excelso Americano
— "Quando vim repousar, lutavam à porfia
O direito divino e a sã Democracia,
De uma parte o canhão, doutro o direito humano.

"Franklin, Fullon e Morse e Field, sem magia,
Suprimiram o tempo, o espaço, o oceano,
Enquanto que da terra o povo soberano
Ferro, cartão e lã e trigo recolhia.

"Edison guarda o som e o leva ao infinito
Ericsson prende o sol e o faz motor bendito
Dumont conquista o ar. A Europa submissa

"A inventário o que dá! Conquistas de soldadost
Somos lires aqui. Vós aos tronos atados
Da Galina aos Urais só tendes a Suíça!"

15-12-1902.

Diz do Golfo a corrente — "As águas do Amazonas
Com as do Mississippi arrasto no oceano:
Se eu um dia parar, Europa, um ser humano
Não verás em teu seio, e tu ainda blazonas!"

De Guiné a corrente: — "Em meu ventre, qual Jonas
Trago as dores do negro e o ódio mussulmano".
As searas do Sul e Norte Americano
— "De fome morrerás! Somos do pão as donas!"

Diz a águia ao condor: — "Tuas garras afia!"
A águia o condor diz — "De tua penedia
Fulmina os reis que a Corso indo à Europa deixam".

O Humani ao Pete — "Acumula estas lavas
Com que vamos queimar as esquadras escravas!"
Rock Island e Fernando — "Alerta!" — Alerta
[estou".

20-12-1902.

VI

O NAZARENO

Clara e serena voz saída do Oriente.
Dos mares acalmando os terros ventulais
E bálsamo vertendo em úlceras mortais
Falou então assim à conturbada gente:

— "Homens! Lançai de vós as armas que tomastes
A lei minha sagrei todo este continente
Na cruz eu redimi, do martírio ciente,
Os ódios e o rancor que aqui ressuscitastes!

"Dos Césares co'a espada abride vossas leiras;
Joe e nelas plantai o trigo e as oliveiras
Com que de povo a povo a comunhão se faz.

"Em verdade vos digo — eu sou o fim da guerra;
A justiça e o amor governarão a Terra!"
E o verbo fez-se luz. E a aurora foi de paz.

24-12-1902.

SALVADOR DE MENDONÇA

Correspondência de escritores

CARTA DE SALVADOR DE MENDONÇA A FELICIANO PENA

"Rio, 31 de agosto de 1906.

Meu caro Feliciano,

Desejo pedir-lhe um favor e, talvez prestathe um serviço.

Dois amigos — os senadores Pinheiro Machado e Ramiro Barcellos — interessam-se para que o próximo governo me mande para Haia como ministro e membro do Tribunal; desejo muito esse posto, a que tenho direito por serviços anteriores e no qual conto ainda ser útil à nossa terra, não só no serviço publico, como na impressão de alguns livros, em andamento, tais como páginas de literatura, memórias de homens e coisas que tenho conhecido nos últimos cinquenta anos uma história da República e uma obra sobre Arbitramento.

O favor que lhe peço é que você se interesse também junto ao Afonso para que eu possa ir assim fechar minha carreira. Quanto ao serviço, que talvez lhe possa prestar, a você, ao Afonso, ou melhor, aos pais, cfrase-se no avião que se contém no que lhe vou dizer, e que você comunicará, ou não, ao Afonso, conforme julgar mais acertado.

Depois que o Rio Branco mandou o Nabuco descobrir a América, o Nabuco voltou de Washington realmente cômico de tê-la descoberto, tendo andado muito apressado.

A criação da embaixada, a reunião da Conferência Panamericana, no Rio, a vinda do Root, as suas habilitações patéticas — criaram nos círculos oficiais tão exagerada corrente de sentimentalismo que começou a temer que através dela já se não possa enxergar o real interesse do Brasil.

Diz-lhe isto, com toda a sinceridade, o homem que viveu nos Estados Unidos vinte e quatro anos — quatorze e tanto como Consul Geral e nove como Ministro — que foi chefe da Delegação do Brasil à 1.ª Conferência Internacional Americana — que esteve dentro dos bastidores da política internacional da grande República e durante anos privou com estadistas da estatura de Blaine.

Desculpa-me que assim lhe fale; preciso dar-lhe o fundo mesmo da minha opinião.

Estamos todos hoje diante de uma miragem, sugestão da astúcia do Brasil, posta por obra pelo visionário Nabuco.

Isto não visa ter uma intriga, mas dizer as coisas claramente e sem reflexões de falsas conveniências.

O nosso Rio Branco, a quem o Brasil deve os dois grandes e inestimáveis serviços das Missões do Amapá, mas, também, o erro do Acre, que ainda não produziu todos os seus maus frutos, nunca foi estadista, nem é sequer um conhecedor da política internacional. Foi sempre um homem vivo e em matéria de certo não sabe senão aproveitar as consultas que pede. Conhece a História e a Geografia do Brasil, especialmente a colonial, e não deveria nunca ter saído do que tão bem conhece para o que tanto honra.

O Nabuco, muito mais inteligente, brilhantemente inteligente, e senhor de variados conhecimentos, principalmente históricos e literários, enxerga tudo por uns vidros de aumento, como dize um amigo íntimo e tem das coisas uma visão falsa, por falecer-lhe o critério, esse critério do bom senso que assinala o centro de gravidade das coisas reais e da gente equilibrada.

E estes são os retradores da situação internacional, sempre

perigosa quando não se apresenta como realmente e é realmente deve ser encarada.

Ora, tudo o que ora vemos, tirando-se-lhe a atual e vistosa encenação, é repetição de peça conhecida.

A embaixada foi-me oferecida em 1897, quando o México criou a sua em Washington.

Em relação à doutrina de Monroe já estive em melhor posição, quando, em 1896, a propaganda de imperialismo e protetorado tácito fez-me dizer na imprensa (no "Sun", de Nova York) que saberíamos defender a nossa independência e a nossa soberania como os Estados Unidos tinham sabido ganhar e defender as suas, quando mal possuíam de 3 a 5 milhões de habitantes. Essa publicação, que muito agradou ao presidente Cleveland, fez com que o secretário de Estado Olney me pedisse para conferenciar com o sr. John Sherman, relator da Comissão de Diplomacia do Senado, com o fim de entrar a marcha do projeto do senador Cushman Davis, precursor da doutrina Roosevelt. Agora, o Rio Branco diz que temos de aguentá-la, quer queiramos, quer não, porque os Estados Unidos não nos pediram permissão para sustentá-la e o Nabuco entende que Washington é mesmo o centro de gravitação da sociedade moderna e de sua dominação também.

Nas bases de aliança íntima, só de boca, ajustadas por mim, e por ordem do Quilino, em 1899, já tínhamos chegado à ideia da Dieta Continental com a representação "per capita", o que então punha em pé de igualdade a representação latina e a anglo-saxônica.

Em assunto de Arbitramento tinham as delegações brasileira e argentina à 1.ª Conferência (eu, Valente, Manoel Quintana e Sáenz Peña) redigido o projeto do arbitramento obrigatório e abolição da conquista, que passou integralmente, foi reduzido à letra do tratado de 28 de abril de 1899 e homologado pela nossa Constituição.

Assim como se recusara a enviar representante a Haia, porque já tínhamos o arbitramento obrigatório na Constituição, o sr. Campos Sales, que Deus haja, nas instruções dadas ao delegado brasileiro à 2.ª Conferência, no México, já tirara a primazia ao sr. Rio Branco, castrando inconstitucionalmente o Arbitramento e tornando-o o que ora é — mera droga de medicina espectral — enquanto as nações fortes ajuntam a saliva com que devem engulir as fracas.

Nos Estados Unidos, esta comédia de confraternização que o sr. Roosevelt incumbiu o Brasil de representar na América do Sul, depois de lhe ordenar em Washington o programa, só tem o aplauso dos republicanos; quando voltarem ao poder os democratas tudo isto será varrido como cisco e entulho da administração decada.

Em tal situação, vejamos bem o que nos reserva o sr. Rio Branco ou o sr. Nabuco.

A aparente preferência dada agora ao Brasil pelos Estados Unidos já levantou os clamores da Argentina "et reliqua". O papel de lugar-tenente do sr. Roosevelt na América do Sul só nos pode trazer, com a odiosidade da Europa, o completo afastamento dos nossos vizinhos.

Eu estou vendo claro o jogo do sr. Rio Branco e sua gente. Contam com o prestígio de Washington para descalçar a

bota do Acre. O sr. Rio Branco, se o Afonso não consentir que ele compre pela segunda vez ao Perú o que já comprou à Bolívia, e lance mais 2 ou 3 milhões esterlinos a débito da borraça, ficará num beco sem saída, a não ser a guerra.

Arbitramento, ele não quer, porque se o ganharmos lançá-lo em rosto o não ter seguido pela mesma forma a questão com a Bolívia, fundada na carta régia de 1891, de Pedro II, de Portugal ao dividir o território de ambas as margens do Amazonas pelas ordens religiosas. Se perdermos, perdemos também grande parte do que comprou à Bolívia, e ficará patente que comprou mal.

Temo, pois, que ele prefira a guerra, como a há de preferir o Perú, contando com o apoio efetivo da Argentina, que já com as intrigas sobre o destino das nações fracas e mal governadas está aliciando contra nós o Uruguai e o Paraguai.

E conta ainda com os Estados Unidos para nos ajudarem? Se italianos, por motivo de proteção aos seus, viessem bloquear Santos, ou os alemães fizessem um desembarque em Santa Catarina, podemos estar certos de que a esquadra norte-americana aqui chegaria antes de a esperarmos. Monroe atronaria as pacíficas praias do Glicério e do Lauro Muller. "Res yankee agitur". Mas guerra anti-americana, guerra de família, nisso não se meteriam os Estados Unidos, que aproveitariam apenas a oportunidade para verificar qual das duas nações devia ficar com o bastão rooseveltiano — o Brasil ou a Argentina.

Ora, em tal emergência, não há um só homem sensato no Brasil, conhecedor das cousas internas e externas, que não esteja convencido de que sairíamos perdendo. Não temos nem dinheiro, nem exército, nem esquadra... nem diplomacia!

Fechadas as portas da 3.ª Conferência, onde nem sequer a inteligência do Nabuco lhe sugeriu a necessidade de obter o consenso das nações americanas para se propor em Haia a revisão da doutrina da "ocupação efetiva", inventada pelas grandes potências da Europa, afim de partilharem a África, mas que nas mãos do próprio Nabuco já trouxe a perda do território na Guiana Inglesa, apesar dos grandes e belos esforços do advogado do Brasil — fechadas as portas da Conferência, conselho de prudência seria o recolhimento nos interesses em toda essa espectral e vã exibição de força que não temos e de sonhada aliança, que nos fustiga de sob os pés no momento do perigo, para o qual vamos correndo como cegos.

A organização econômica do país, a criação de recursos para nos termos armando paulatinamente, a solução da questão com o Perú por via de arbitramento — são assuntos que mais do que os atuais fogos de artifício internacional não de prender a atenção do Afonso, a cuja prudência devem todos os filhos desta terra dirigir sincero apelo.

Depois de ler tudo isto, se você julgar que vale a pena dar do todo conhecimento ao Afonso, faça-o, dando-lhe esta a ler.

Se não, limite-se a fazer-me o favor que na primeira página lhe peço e que encerra todas as minhas ambições de futuro e de futuro de quem já conta 65 anos.

Abrança-o o am.º velho e ateuoso — Salvador de Mendonça.

O ADEUS DA ACADEMIA PALAVRAS DE OLIVEIRA LIMA NO TUMULO DE SALVADOR DE MENDONÇA

A Academia Brasileira delegando-me a honrosa incumbência de dizer o seu, o nosso último adeus a Salvador de Mendonça, teve apenas em vista a estreita amizade que nos unia desde que seu secretário em Washington.

Ali aprendi a conhecer toda a formosura dessa inteligência privilegiada que os seus patricios, tinham esquecido um pouco desde que ele deixara a imprensa e a política pela representação exterior e também me foi dado medir toda a bondade desse coração peregrino, no qual a paixão das coisas belas — a natureza e a arte, as letras e a pátria — coexistia com a ternura pela família e pelos amigos.

Espírito de uma sensibilidade requintada e de uma nobre elevação, voltara ultimamente ao seu papel luminoso de guia de opinião, que na mocidade exercera com tamanho brilho e que na velhice tornou a exercer com a mesma sedução de forma e com a autoridade ganha pela experiência da vida, a longa residência nos Estados Unidos, o trato com tantos homens eminentes, o cultivo incessante da inteligência, servida por uma curiosidade que a tudo se estendia e de tudo se inteirava.

O jornalista compagara-o outra vez, para bem da nossa intelectualidade, e data de três semanas o seu último vibrante artigo. Ao mesmo tempo, a Academia merecia-lhe a mais regular, a mais exemplar frequência. Senão, entalando, trazia-nos o concurso da sua palestra sempre enaltecida, da sua opinião sempre esclarecida, da sua orientação sempre lúcida. Não contávamos sócio mais prestante, mais devotado, mais orgulhoso dos triunfos da casa a que pertencia.

Não é, portanto, só com estima de profissionais pelo seu grande talento de escritor, manifestado num estilo simples e agudo que era sempre um primor — não é só com a admiração de brasileiros pela sua obra vivaz de diplomata, com relação à qual se deveria ainda fazer ampla justiça, pois que a cordialidade entre o Brasil e os Estados Unidos não teve agente mais seguro, nem mais petiz, nem mais dextro — é com gratidão que os homens da Academia tributam à sua memória esta primeira homenagem, sincera, afetuosa, saudosa, que lhe seria tão cara se a pudessem ouvir.

E, que muito o conheci, muito o admirei e muito o prezei, possa bem dizer que o último voto de sua alma gentil teria sido que os seus desfolhossem sobre o seu caixão algumas notas, da sua vida e que se graçassem em redor do seu túmulo o nome de alguns dos seus bons companheiros dos salões da Academia.

Saldanha Marinho - Salvador de Mendonça

Costumava Saldanha sair do seu escritório, à rua do Riário e, tomando a rua dos Ourives, subir pela do Quilino até o largo de São Francisco de Paula, onde, às 4 horas da tarde, esperava-o sempre um libré, que levava à estação da estrada de ferro no campo da Aclamação.

Da parte do escritório ao fim da rua do Ouvidor, por onde ele descejava, evitar palestras, eram tantos os conhecidos e amigos do velho patriota que não vencia esse curto espaço de caminho em menos de uma hora.

Ao chegar ao largo de São Francisco, não raro o aguardava um grupo de mais de uma dúzia de pessoas, ali retidas pela presença do libré, só com o fim de o cumprimentarem ou lhe dirigirem uma frase amistosa.

Entre os seus admiradores havia gente de toda classe, principalmente crecido número de estudantes de todas as escolas.

Com o crepúsculo envolto em um "cacha-nez" de cur, sempre corado e de olhar risonho, sempre afável, sempre bondoso, não havia certamente nesta capital, por esse tempo, homem que melhor pudesse justificar uma popularidade que, aliás, não correspondia. E que toda a população dir-se-ia esperar dele alguma coisa nova em benefício da nação, conheciam todos a sua amabilidade, o seu desinteresse, o seu patriotismo. Se dele não viesse alguma melhora para a coisa pública de quem poderia vir?

Correspondência de escritores

DUAS CARTAS DE RUI BARBOSA A SALVADOR DE MENDONÇA

1.ª carta:

"Meu caro amigo,

Rei com prazer, depois de as ter lido com avidez, no "O Século", todas essas páginas cheias das lições políticas e morais mais preciosas para os brasileiros que ainda amamos esta nossa terra e escritas com a elegância, a clareza e o aticismo dessa língua em que, há quarenta e quatro anos nos meus dias académicos, o brilhante redator d'"O Ipiranga" me ensinava como se deve escrever. Deus lhe dê muitos anos e alento para continuar a ser, com os seus escritos, o belo modelo, que é, dessas qualidades, nas quais, assim como no vigor de seu espírito, tanto o admira o seu velho colega — Rui Barbosa".

2.ª carta — que foi a última carta recebida por Salvador de Mendonça, trazendo a data de 5 de novembro de 1913:

As suas rasas têm a fragorância da mais doadora, que a cultura, a beleza do espírito se jardineiro que as respiram ao nascerem, e nos fazem pensar no fortalecimento da alma que se consola em as ver pelas suas olhos, nessa fortaleza exterior e que tanto necessitamos hoje e que vivemos de outra época, e nos sentimos quase solidários na deserta moral da atualidade.

Também fui rosicista, e tenho saudades hoje de ter deixado essa vocação, em que me refugio a bom gosto do temperamento de artista pouco satisfeito da seu tempo.

Obrigado, muito obrigado, meu velho amigo, por esta expressão comvente de sua alicação, a que ligo inestimável apreço".

VERSOS A LUCIO — Salvador de Mendonça

I.

"Há no espaço infinito do Universo,
Além do via Láteo, uns pequeninos
Vestígios de matéria e notas de hinos
Com que da Criação se plasma o verso.

Forjam-se, ali, dos seres os destinos,
E o Supremo Fator em luz imerso
Marco e derrota aos astros e o diverso
Curso a tantos milhões de peregrinos.

Passam as sós e levam no seu bônito
Novos corpos no vácuo flutuando,
Vergéis de Paraíso, ontras de Inferno.

Soltam da forja as chispas coruscantes
Homens-estrelas, monstros ululantes,
No infinito desdobrar do plano eterno.

II

Forjaram-te ao clarão da luz intento
Que se chama a Verdade, De armadura
Revestiram-te o corpo. E a dextra pure
Ergueu bem alto o lábara da crença.

Tu passaste entre nós, qual a figura
De algum novo Jesus. Tua alma imensa

Foi a própria justiça. E uma sentença
Era o verbo da Lei feito Escritura.

Tinha na voz a cólera sagrada
Para a opressão e para o vil manado
Que se rojava aos pés dos opressores.

Tinha no coração a caridade,
O amor de bem de toda a Humanidade,
Dos traços, das crianças e das flores.

III

Quando surgiste acima da montanha
De algum mundo de luz e liberdade,
Tinha no triste olhar fúndia saudade,
Mensageiro do céu em terra estranha.

Quando espalhaste a viva claridade
De todo esse teu ser, fulgiu tamanha
A branca luz que sempre te acompanhava,
Que te ocultar não pôde a Imensidade.

Hoje, por sobre as rosas do Oriente,
Por sobre a curva argentea da crescente,
Tu do Pátria entrevés a vulto escuro.

Estrela d'alva, protetora estrela,
Rasga o véu que procura inda escondê-la,
Torna e guê-la, estrela do futuro!"

SALVADOR DE MENDONÇA APRECIADO POR CARLOS DE LAET

"É uma nome e simpática
figura, aquele Salvador de
Mendonça que todos os sábados
venha na Academia Bras-
ileira de Letras, sempre corre-
to, sempre afável, ergo, mas,
como do Montalvane, disse o
Porto Alegre, vindo com os
olhos de Homero.

Dele é um livro que nos sur-
ge com a elegante aparência das
edições da casa Garnier, e que
tem por título "A Situação In-
ternacional do Brasil".

Acabo de o ler — e re-
ler" digo, porque já o tinha li-
do em artigos do "O Século".

Os jornalistas, frequen-
temente acusados de pouquidão li-
terária, tem esta vez um livro
sobre os demais homens de letras
— para fazerem um livro bas-
tante agradável as folhas dispen-
sadas da sua produção neces-
sária. A diferença está em que o
autor de livros de matéria me-
dida, quando aos ventos da pu-
blicidade solta o que pensou e
rebusca, é apenas um aspirante
ao efeito de suas ideias sobre a
alma popular; e o jornalista,
não, portanto o que ele con-
densa em volume já tem, por
exam. dizer, o contr-selo da
epitáfio. Tais artigos, quando
são bons, como sempre sucede
aos de Salvador de Mendonça,
não são timidas aves a tomarem
o primeiro vôo, incertas do des-
tino que as aguarda. São has-
tes que retornam do combate,
e que frementes ainda com a
febre da pugna, vitoriosas de-
mundam os quartéis da histó-
ria.

Salvador encara no seu livro
as incertezas do futuro do nos-
so país. Homem que veio dos
tempos da propaganda republi-
cana, e cujo mérito sobre o Im-
pério ataral, capangando-o,
sem lhe pedir apostasias, no
acesso da pátria, impugna a sua
própria para sentenciar sobre
as coisas da República, que ele
entrevia nos seus devaneios de
moço e que jamais desamou,
nem esqueceu.

Não quer isto dizer que em
tudo se apegou as opiniões do
sr. Salvador de Mendonça.
Nêle, por sob o escritor discre-
to e calmo, não desconheço as
mulheras do antigo jornalista e

algumas injustiças ferinas, co-
mo as que todos perpetrarmos
em combate e nem sempre con-
certamos depois das pazes. Não
importa. Um livro como este
não é um acordam em última
instância — é um depõem-
to de testemunha honesta e sin-
cera.

Olho, porém, para as tiras do
estilo e noto que nem melode
escrevi do que mentalmente
havia anotado. Tanto melhor.
Leram o livro. É pequeno. É
limpo. É nitidamente pensado
e escrito.

Em entendo que todos quantos
tomaram parte em sucessos po-
líticos ou sociais de alguma va-
lência faziam bem publicando o que
viram, o que fizeram, e, claro
está, arrazoados e discutindo os
sucessos.

Nem todos, sem dúvida, o
poderiam realizar, dando uma
obra de arte. Para isto, seria

Salvador de Mendonça na Academia

Seu combate á candidatura Lauro Muller

(Continuação da página 394)

dentes se absterem ou vota-
ram em seu contendor, que
irá fazer? puni-lo pelo seu ato
de ombridade? declarar esta
virtude incompatível com a car-
reira diplomática? com que au-
toridade?

E colhi-se por acaso o argu-
mento infeliz de que a Aca-
demia precisa de amparo dos po-
líticos poderosos? Se isto fosse
verdade, a conclusão a tirar se-
ria agenas que a Academia veiu
cedo de mais, como cedo de mais
veiu a República, no seio de
uma nação de analfabetos.

Se a Academia não pode vi-
ver com dignidade, constituída
de membros que tenham os
requisitos exigidos pelos seus es-
tatutos, melhor será que des-
pareça, para ressurgir quando o
Brasil souber ler e honrar a ele-
vada instituição, crenteira de seu
adiantamento intelectual. Dire-
-á que os instituidores desta
casa, declarando o artigo 8º de
seus Estatutos que na Academia
poderá aceitar auxílios oficiais
e particulares, não desdenha-
ram de tais auxílios e que en-
tão sendo mais monarquista que
o rei. A resposta é que tais au-
xílios não devem ser o resulta-
do de transações menos airozas,

mas o auxílio público, votado
pelos poderes competentes, á
face de toda a Nação, para de-
sempenho dos "encargos que vi-
zem o progresso das letras e da
cultura nacional", como lá bom
diz o final desse mesmo artigo
dos Estatutos. Não podemos fi-
gurar como simples gaudérios
do orçamento. Se o Poder Legis-
lativo, por influência indebita
de algum poderoso do dia, ne-
gar-nos qualquer subsídio por
havermos mantido a dignidade
desta instituição, tanto pior pa-
ra ele, porque isto virá apenas
provar que a representação, na-
cional não está na altura do
seu dever, nem do próprio de-
coro.

A votação de hoje vai decidir
da sorte desta companhia ou
ela sairá dignificada deste plei-
to, ou iniciará o período de sua
obediência aos poderosos da
terra, alitando-se na fila dos
bujaladores comuns de todos os
governos, para que não lhe cor-
tem o subsídio. Neste último
caso teremos de ver coisas
curiosas. Aparecerá o antigo
saltalanas do escritório de ad-
vogacia e redação do nosso pre-
sidente, seu comensal da
ponta da mesa, familiar das
crianças da casa para agrado

dos pais, o qual afinal com a
esperança dos roedores foi su-
bindo até o elevado posto de
advogado administrativo, "maí-
tre-chanteur" de companhias
estrangeiras de refinação de
petróleo e outras, simultanea-
mente inimigo dos monopólios
e defensor da luz dos pobres, até
chegar o dia em que, procla-
mando-se independente do pa-
trono, que virá afastado do po-
der, foi político por conta pró-
pria com o supremo sucesso de
chegar a receber patente de grã-
ta admirável e procer do Par-
tido Republicano. Que gênero
de gênio? alegre? divertido?
Que gênero de procer? procer
do Partido cujo primeiro chefe
fora Saldanha Marinho! E'
evidente que esta nossa demo-
cracia se está afirmando pelo
predomínio das nulidades. Fiado
no que está presenciando, este
tipo já propala que ainda não
está na Academia por que não
o tem querido.

Um dia, em nosso parlame-
nto, um ministro do tempo do
Império declarou, bisonando
da vitória final, que o poder era
o poder. Pois hoje digo que o
poder é a Justiça e a moral é
que se lhes sobremos prestar a
homemagem que lhes devemos,

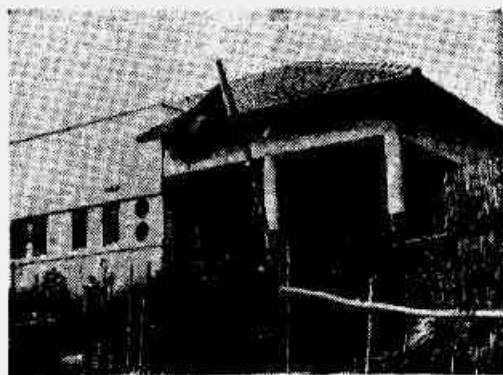
o poder seremos nós e nossa se-
rá a vitória.

Ilustres confrades — Como o
Mestre Afonso Domingues, o
arquiteto do mosteiro da Bata-
lha, que Herculanô cinzelou
sentado debaixo do fecho da
abóbada, confiante na solidez
de sua obra, enquanto tiravam
os simples, os prumos e trave-
zes, vejo a meu lado o vulto de
Lucio de Mendonça, o fundador
desta casa, calmo e sereno, cer-
to de que não ruidá sobre a sua
cabeça a estrutura que arqui-
teou. Fio que ele construiu
ainda mais solidamente do que
imaginava, e que no meio do
descalabro geral e do abastar-
damento do caráter entre nós,
esta instituição, comiga sobre-
nadar na onda corruptora para
servir de exemplo e lição nos
tristes tempos que correm. Fio
que esta continuará a ser a casa
do culto intelectual, triunfo do
esplendor da verdade e asilo
modesto mas honesto da inte-
gridade moral.

Se fio em vão, se falo de co-
isas anacrônicas a algumas con-
ciências demasiado modernas,
fique no menos aqui este pro-
testo, é meu e do fundador mor-
to, e celebre o ministro candi-
dato a sua vitória de P...



A mãe de Salvador de Mendonça, d. Anula de Mendonça Drumond



Escola rural Salvador de Mendonça, em Ilhabela



a mais suave

Henriqueta Lisboa

Por milagre, a flor mais suave,
não a colheram os ventos.
Ficou na haste toda a noite,
trêmula e alta sob a chuva.
Por milagre, a flor mais suave.

Quando foi de madrugada,
o jardineiro passou:
suas corolas faziam
sobre a terra umidecida;
uma, entretanto, a mais suave,
sustinha-se contra a aragem.

As outras flores por terra,
dálíis, papoulas, crisântemos,
— ruínas calças — plasmavam
seus espasmos derradeiros;
mártires decapitados,
magalhães em desespero.

Nas lúrias espirituais
ou nas ardências do sangue,
dir-se-ia que estavam vivas
Enquanto que a flor mais suave,
como que ausente do mundo
na sua pureza lívida,
era um pequeno cadáver
que todo o jardim chorava.



VELHOS JARDINS MINEIROS — Afonso Arinos de Melo Franco

Os artigos recentes que Gilberto Freyre publicou neste jornal a propósito dos jardins antigos de Olinda fizeram-me lembrar, e com muita saudade, os lentos passeios que juntos fizemos, a pé, através da nobre cidade pernambucana, cheia de conventos, igrejas, coqueiros, ladeiras e vistas subitamente rasgadas por cima do mar. Faz agora três anos que cumprimos estas necessárias peregrinações olindenses, e recordo ainda os jardins tão brasileiros, de plantas misturadas e siamedas estreitas, encolhidos ao sol por detrás dos muros altos. O excelente cônego Xavier Pedrosa, que foi reitor do Seminário, recebeu-nos na sua casinha cercada por um típico jardim de padre brasileiro, onde mangueiras, rosas e madresilvas se trocavam democraticamente saudades e perfumes, nesta graça simples de viver e de se deixar viver, tão distante das tediosas disciplinas, hierarquias e organizações mais ou menos arbitrárias. Em artigo então escrito para os "Diários Associados" lembrei como os jardins de padres com o seu minucioso desleixo, a sua arrumação meio desajeitada, meio hirta, são parecidos em todo o Brasil. Parecidos como as casas de solteiros. Agora os artigos de Gilberto me lembraram a oportu-

nidade de aproveitar umas notas sobre velhos jardins mineiros, riscos de lápis vermelho marcando, sem rumo certo, leituras de esquecidos e caros narradores da minha terra.

O individualismo da vida provinciana exige que cada casa, por mais modesta que seja, tenha o seu cantinho particular, onde passavam os velhos matinais e tussidores, catando folhas mortas, tentando enxertos raros e, no fundo, tomando esta lição de vida que consiste em aproximar o corpo gasto do prodigioso espetáculo de juventude que é o desportar de cada manhã.

A grande urbanização conduz, pela valorização dos terrenos, à socialização dos jardins. Desaparecem os jardins particulares e se multiplicam os "play-grounds" e os parques públicos. O Rio já está francamente nesta fase. Em Minas, contudo, sobretudo nas cidades menores, estamos muito longe dela, e se existe um aspecto da vida social em que ainda se mantêm os traços imperiais e até coloniais, este aspecto é o arranjo dos jardins de província, onde a burguezia individualista e conservadora entrega-se a devaneios líricos e guarda as linhas sólidas da tradição.

Desde o século dezoito foi

marcada a afeição dos mineiros pelos seus jardins. O jovem Governador d. Rodrigo José de Menezes, muito benquisto pelos poetas de Vila Rica, casado com uma graciosa senhora em cujas veias corria o sangue dos Bourbons, emagrou-se em tornar formoso o jardim do palácio de repouso da Cachoeira do Campo, abrindo tanques, erguendo muralhas e fazendo outras obras cujos restos são ainda agora visíveis. Do palácio praticamente nada resta, abandonado que foi em virtude de ordem expressa da coroa, que preferia ver o seu delegado residindo na sede do governo. Mas a fama dos jardins de d. Rodrigo chegou até nós; e pelos restos podemos imaginar-lhe a extinta grandesa.

Outro jardineiro apaixonado foi, no século dezoito, o contratador de diamantes, João Fernandes de Oliveira. A mais estranha e dispendiosa flor que cultivava era mesmo a mu'ata Chicla da Silva, e por ela o milionário contratador cometeu todas as extravagâncias. Uma delas foi o suntuoso parque com que cercou a sua chácara, perto do Tijoco. Joaquim Felício dos Santos nas suas nunca assas lidas nem louvadas "Memórias do Distrito Diamantino", apolado em testemunhas sobreviventes da época do grande fausto, nos dá idéias daquelas "delicio-

sos jardins de exóticas e curiosas plantas, cascatas artificiais, fontes amenas cujas águas corriam por entre conchas e cristais, sombreados por arvoredos esquisitos, transplantados da Europa". Foi nestes jardins que o contratador, para atender a um capricho da mu'ata de luxo, mandou abrir um lago e nele construiu uma perfeita miniatura de nau, com velas, canoas e tudo, capaz de navegar, levando dez passageiros a bordo...

A decadência da mineração não fez desaparecer o gosto dos mineiros pelos jardins. Prazer barato, desde que praticado com moderação, se não aparecia mais sob as formas suntuárias cujos exemplos citamos na Cachoeira do Campo ou no Tijoco, surgia, porém, em exemplares mais modestos, nos fundos de quintais particulares, enchendo o tempo largo e consolando a vida estreita do mineiro empobrecido.

O primeiro escritor estrangeiro que trata de Minas, o inglês Mawe, extasiar-se diante dos jardins de Vila Rica em 1809, quando a orgulhosa capital do ouro, já era chamada sarcástico-mente a Vila-Pobre. São estas palavras do escrupuloso comerciante: "Como é difícil encontrar-se sobre todo o flanco da montanha um espaço de 30

pés quadrados perfeitamente unidos, remediou-se esta dificuldade abrindo-se locais uns acima dos outros, em distâncias iguais, sustentados por muros pouco elevados. Estes terraços me pareceram o verdadeiro império de Flora, pois nunca eu tinha visto antes uma tão grande quantidade de belas flores". Além das flores Mawe anota também a profusão de legumes como alcachofras, aspargos, espinafres, couves, feijões e batatas. Quanto a árvores frutíferas, escreve que os pessegueiros eram tão surpreendentes que os galhos, pesados de flores, precisavam ser apoiados para não partirem.

Saint-Hilaire, que procura retificar Mawe sempre que pode, nos dá também, na sua primeira narrativa, 1816, desses terraços meio italianos de Vila Rica. Procura mostrar-se menos entusiasmado que o inglês, mas a descrição que nos lega prova que não foi insensível aos seus encantos. Nos jardins meio abandonados as velhas muralhas dos terraços cobriam-se de fetos, que, na sua quantidade, escondiam por completo as pedras. Esses fetos nativos misturavam seu verde claro ao verde mais escuro da vegetação cultivada, formando um conjunto que o severo botânico,

(Continua na página 600)

A VIDA É DE CABEÇA

BAIXA - ALVARO MOREYRA

A PALIDA COMPANHEIRA

Justamente eu tinha passado a manhã com o velho amigo Shakespeare, que me contou outra vez aquele "Sonho de uma noite de verão". Depois, Puck, bufão dos espíritos, correu atrás de mim, subiu comigo no ônibus e no ônibus disse de novo:

— Posso dar uma volta por toda a terra em quarenta minutos. Agradeço!

— Eu sei, Puck. Mas não o acompanho. Acho de mais quarenta minutos. Prefiro continuar assim. De que serve toda a terra neste momento? Não se publicou que o mundo está louco? Não, Puck, não vou. Nada de geografias. Obrigado, meu irmão, muito obrigado.

Sem pagar a passagem, Puck saltou. Uma esguinha adiante, no lugar vazio, veio se sentar a me-lancolia, a "palida companheira"...

VIDA ANDANDO...

Andando, é um feto de dizer. Correndo, Disparando. Tudo com máquinas. Já o telefone tinha acabado com as cartas, os pequenos bilhetes que, mais do que os presentes, entretinham a amizade. Hoje, não se escreve: discuta-se. O telefone substitui o papel, a pena, a tinta, o resto. O resto, Madame de Sévigné! O resto, Soror Mariana! O avião, com as taxas enormes, não permite mais aquelas "doulas correspondências à maneira dos grandes humanistas da Renascença e do Século 18.º".

Agora é o "estrito necessário" em papel quase metafísico. Também que há de bom para escrever? O melhor, mesmo, é falar. Para que ninguém se entenda. As palavras fazem o amor e fazem a guerra. São as palavras que conservam o mundo. Porque atrapalham tudo. A atrapalhão é o elixir da longa vida. O ponto-continua... Quem tinha razão era uma atriz que eu conheci em Montmartre, há vinte e oito anos, e que dizia:

— Falando, a gente não muda a opinião dos outros, mas às vezes muda a sua.

A PERFEIÇÃO

Dona Luzia Acambuja foi professora de português e francês lá da casa, durante a vida toda. Era feia como um homem. Usava os maiores pelos que, com certeza, houve no mundo, e um placô-cô de prata, imortal, que eu nunca pude quebrar. (Até hoje considero isso um dos meus grandes insucessos como realizador.) Dona Luzia tinha duas irmãs. Uma, também professora, — de azevém, Chamava-se Maria da Glória. Inutilmente. Só a chamavam de "seu Bimbo". Da outra, não guardei o nome. Ensinava neoclássica, acônito, dinamizações em geral, na farmácia do pai: "Farmácia Homeopática, de Luis Acambuja" — rua do Bragança, entre a rua Nova e a rua da Ponte.

Quando o pai morreu, elas ficaram contentíssimas:

— Não! Não! Não! mas todas as noites converso conosco.

Noites e noites, receberam notícias frescas do espaço. Até que

veio. Dona Luzia contou à minha mãe:

— Não, dona Rita, agora para! não se comunicará mais com a terra. Despediu-se de nós, ontem. Atingiu a perfeição. Foi para Júpiter.

Minha mãe, que não se espantava, que achava tudo natural, apenas murmurou:

— Veja jo...

Porem eu, quando a noite caiu, fui lhe pedir que me mostrasse, no céu, onde estava Júpiter. Felizmente ela não sabia.

AS MENINAS DO RIO GRANDE

Eram três irmãs que tinham vindo do Rio Grande para Porto Alegre, com doze, quinze e dezesseis anos. Adelina, Carlota, Perpetua. Creio que Miranda. Quando as conheci, já andavam no caminho dos sessenta. E ainda eram "as meninas do Rio Grande". Perpetua, como sempre acontece, foi a primeira que morreu.

INCURAVEL

Há pessoas que insistem em me tornar azedo. É difícil. Eu sou de diabetes na alma...

ACHO BOM CORRIGIR

Recordar não é viver. Recordar é morrer.

O SEGREDO

Quando se ama uma mulher é o amor escondido nela que se ama... Uma coisa incerta... A pergunta com outra resposta...

NA SOLIDÃO

Casa velha, com a simplicidade de quem viveu muito e sabe que o tempo do amor já se acabou. Mas, às vezes, de noite, descubro nela um desejo de se fluidir ainda. Para os olhos abertos das janelas nas flores, dançando lá fora, e certamente o luar lhe faz convites escandalosos. Então, mostra um ar inquieto, indolente, de espanto e encanto. Será ela? Ou são os fantasmas de todos os miradores que teve, presentes e invisíveis, agitados pela sensibilidade que a ausência não leva e a morte não acaba?

ANTONIO NOBRE

Esta rosa, neste vaso, nesta mesa, nesta sala, neste silêncio...

FUTIL

Num homem fumando, o que me interessa é a fumaça...

HA MUITAS COISAS TRISTES...

Mas a coisa mais triste é um leilão de livros. Lá se dispersam eles, que foram acumulados, anos e anos, com o prazer mais puro, lá se dispersam uns instantes, com o indiferente, pregão do vendedor e aquela pergunta: "Quanto dão?" e aquelas quantias que se arrastam: "Dota mil réis... três... e quinhentos... quatro... cinco... seis... sete e quinhentos... sete... oito... nove... nove!..."

Depois, "ninguém dá mais", os livros vão partindo, vão desaparecendo, vão começar outra vida... Pobres livros! Que fim de

(Continua na página seguinte)

SOBRE BAUDELAIRE - D. Milano

Aldous Huxley, em seu estudo sobre Baudelaire (Stories, Essays & Poems. Everyman's Lib.) desviando-se do perigoso caminho da crítica artística e desaproveitando a lição da experiência cheia de desilusões da vida do grande poeta, procura fixar-lhe o "tipo" carregando por demais os traços fisiológicos, apontando os defeitos de sua formação moral, intelectual e espiritual, numa representação quase corpórea, como se criasse uma antipática e complexa personagem para uma de suas novelas, apurando-lhe demoradamente todas as taras, manias e doenças, inclusive o seu satanismo, que considera inteiramente inocuo e "um tanto ridículo". Esse "um tanto" não atenua em nada a afirmação inapelável do crítico, quando diz: "Mesmo o mais sublime dos satanistas é sempre um pouco ridículo. Porque todos eles são uns loucos e os loucos, por mais trágicos e apavorantes, são sempre ridículos. Ridículos porque inhumanos".

Depois de uma pequena digressão, a que é levado por semelhanças satanistas, até o âmbito dos dostoiévskianos e em que termina por qualificar os "Possessos" e outras novelas do grande romancista russo de "tragédias desnecessárias de absurdos loucos voluntários" alem de "idiotas e grotescas", volta o crítico a Baudelaire apontando-nos os traços com que Théophile Gautier esboçou a figura do poeta no célebre prefácio às "Flores do Mal": "Contrariamente aos hábitos um tanto relaxados dos artistas, Baudelaire timbrava em guardar as mais estritas conveniências e sua polidez excessiva chegava a ser amaneirada. Media as palavras, só empregava termos escolhidos. Seus gestos eram lentos, raros e sóbrios, aproximados do corpo, porque tinha horror à gesticulação meridional. Detestava a volubilidade das frases e considerava de bom-tom a frialdade britânica. Pode-se dizer dele que era um dandi perdido na boemia, mas resguardando sua casta, suas maneiras e esse culto do eu que caracteriza o indivíduo imbuído dos princípios de Brummel".

E Huxley acrescenta: "Que laboriosas precauções contra o possível risco da humanidade! Satã é um gentleman e só sob a condição de permanecer gentleman pode ser Satã. No momento em que perder sua brumescosa dignidade e se tornar em Capeta, ficará sendo um pobre diabo, nada mais. Se por algumas vezes Baudelaire tivesse renunciado a seu correto dandismo e permitisse a si mesmo chamar-se de Carlinhos, teria sido por certo um homem mais completo, mais feliz, e talvez, por mais compreensivo, um melhor poeta".

Procurando afetar ainda mais o retrato, o crítico cita algumas frases do próprio Baudelaire: "A voluptuária única e suprema do amor está na certeza de fazer o mal. E o homem e a mulher sabem desde que nascem que é no mal que se encontram toda a voluptuária". Outra: "Quando consigo em dizer que sou um republicano, faço o mal conscientemente. Digo: Viva a Revolução! como diria: Viva a Destruição, viva a Morte! Nos todos temos o espírito republicano nas veias como a sífilis nos ossos. Estamos todos democratizados e afilizados. E ainda: "Que o diabo leve o gênero humano. Faltam ainda uma retocagem final ao retrato do "monstro": "Baudelaire era acima de tudo um satanista no amor. Mas não à maneira do feríssimo marquês ou de D. João. Ele não vituperava os seus parceiros; vituperava a si próprio". Tratando da célebre mulata que foi amante do poeta, diz: "A despeito ou talvez mesmo pelo fato de que ela representava o sexo em sua mais baixa forma,

ele a amava." E terminando a dissertação: "Baudelaire, desde moço, não gozou nunca de boa saúde. Tinha a sífilis no sangue; bebia demasiadamente; sorvia grandes quantidades de ópio; fez experiências com o haxixe; vivia numa exaustão crônica devido a uma vida de debêche que não lhe proporcionou nenhuma alegria e por fim nem mesmo nenhum prazer. Sua bolsa era tão fraca quanto seu corpo. Andava sempre envidado e incessantemente perseguido pelos credores; vivia num perpétuo estado de angústia".

Por fim confessa o crítico: "Isso não passa, reconheço-o, de sumárias e superficiais generalizações, pois o que acima de tudo interessa aqui não é Baudelaire como um homem mas como uma força persistente. Porque ele é uma força. "O que buscamos na poesia é a perfeita expressão dos nossos sentimentos. Nas "Flores do Mal" os modernos encontram todos os seus sofrimentos descritos e com que incomparável energia, em que formas inolvidavelmente belas". E cita Valéry: "Com Baudelaire a poesia sai enfim das fronteiras nacionais. E' lida em todo o mundo e se impõe como a própria poesia da modernidade; engendra a imitação, fecunda numerosos espíritos..."

E assim com a glorificação do poeta termina o enforcamento do homem. Como se fosse possível essa total divisão de uma personalidade. Por mais que eu leia afirmações dessa espécie, providas de testemunhos e observações de caráter pessoal, que traem sempre um ponto de vista especial e estreito, como seja o dos críticos em geral, que impressionam o criticado dentro da órbita das suas suposições e exigências; por mais que se esforce em me provar que Baudelaire era um "anormal", o que eu vejo e percebo através de sua obra é justamente o contrário: uma justiça de pensamento e de forma insuperável; uma unidade espiritual, uma severidade autocrítica, um gosto e segurança em sua opinião de crítico de arte, uma linha de conduta poética impecável. Tão perfeito estilo de pensar e de escrever não pod'á ser o de um anormal; e é unânime a afirmação de que "o estilo é o homem". Nunca vi tão nua sinceridade e tal desprezo pelos facéis efeitos para o público. Nada da falsidade de atitudes que lhe querem atribuir. Ele poderá parecer anormal aqueles que se comprazem e se sujeitam a uma falsa "normalidade" da vida, nos que a aceitam sem restrições, na maior parte das vezes por serem dos bem aquinhoados e fazerem parte daquela "raça de Abel" que o poeta anatematiza com a violência de um profeta bíblico, impávido ante o cinismo do mundo:

"Race d'Abel, dors, bois et l'orange; Dieu te sourit complaisamment. Race de Cain, dans la fange Rampe et meurs misérables!"

A raça de Abel, a raça dos normais, hipocritamente, sem remorso, fingindo incompreensão, atribuída ao poeta que escreveu essas palavras de fogo na frente da vida prostituída uma atitude satânica. No entanto nada vejo no satanismo deste poeta que não seja a atitude quase demente de uma revolta justa contra um mundo que ele considerava injustificável. D'ão os críticos higienistas que "tudo revoltado é demente".

Nesse mesmo "ensaio" que tratamos, declara Huxley que em nossa época uma "tragédia" como a de Baudelaire não passaria de um caso clínico, esque-

cendo que há pelo mundo milhares de tragédias similares que não encontram a sua expressão poética e que nenhum médico poderá curar.

Contrariando a concepção baudelaireana de que a carne é diabólica e o espírito é divino, explica o crítico que "a filosofia e a ética modernas são diferentes. Nem o espírito, nem a carne, nem mesmo outra coisa qualquer, são divinos. A única coisa que importa é que o homem seja socialmente eficiente. A paixão é inimiga da eficiência. Não nos devemos deixar desviar por nossos instintos; por outro lado, não devemos reprimi-los demasiadamente. Uma repressão interfere com eficiência". Há aqui uma linguagem policial que é inequivocamente um formidável sarcasmo do crítico, dirigido contra a concepção atual da vida. Parece que o mundo moderno deseja a morte da poesia, por um ideal mais higiénico, mais científico e mais esportivo.

Acho que devíamos julgar os homens pelas suas obras, já que é impossível julgá-los acertadamente pelas aparências. As vezes o simples contorno de uma frase espirituosa arrasta um escritor a uma mentira de intermináveis consequências, principalmente quando se trata de uma pecha infamante que deve ser eternamente explorada para regalo do público a quem agrada o espetáculo do circo. De que não seria capaz Gautier para enfeitar a sua prosa? Ao fazer, porém, a caricatura de Baudelaire, parece que o que saiu foi o seu auto-retrato. Principalmente ao referir-se ao uso de palavras raras e escolhidas, o que lembra, não a obra de Baudelaire, mas a do próprio Gautier. E ainda que verdadeiras, em certos pontos, as suas afirmações, feitas no entanto, em tom depreciativo, quem nega que de fato a gesticulação dos meridionais é vulgar e chocarreira e Baudelaire faria bem em evitá-la? Que cuidar do puro das roupas não é dandismo mas prova de asseio e bom gosto? Que o desprezo pela volubilidade das palavras revela um depuramento espiritual e é ao mesmo tempo, um escudo contra as conversas canhas e os ditos vulgares? Essas qualidades, que um pequeno mas grave desvio de interpretação transformaram em defeitos e ojerizas devidos a taras e anormalidades, essas qualidades poderiam ter servido ao mesmo crítico para — desviando a interpretação para um lado simpático, caso se tratasse de um outro poeta mais a seu gosto, Banville por exemplo — louvar por meio delas o seu mérito pessoal, e atribuí-las à nobreza de seus ancestrais, a uma perfeita educação humanística, etc.

Esses depoimentos humanos nunca merecem fé integralmente. Deus nos livre de sérmos como os outros nos julgam.

A vida íntima de um poeta é sempre pasto à imaginação do público, dos biógrafos, dos romancistas e dos próprios críticos, na sua ânsia de "interpretar".

Quando alguém nos admira é que vemos como somos deturpados. Calcule-se o contrário, a cegueira da antipatia e da má fé ou então, a ingenua pretensão de fazer crítica "imparcial", como se não houvesse já a maior das parcialidades na estreiteza do gosto pessoal, que se arvora em julgador.

Na verdade só o próprio indivíduo pode, no fundo e nos motivos, julgar a si mesmo, quanto ao seu comportamento social, e às vezes mesmo artístico. Só ele conhece as próprias ações. Todos somos seres ocultos. Mas sempre nos julgamos pelas aparências. Verdades que nunca é demais repetir.

encasurado geralmente no aspecto científico das plantas, não pôde deixar de considerar belo e pitoresco.

O barão de Eschwege, em 1811, dá-nos o seu depoimento sobre um jardim, hoje, desaparecido, que existia por detrás do Santuário de Congonhas do Campo. Era, diz, um gracioso jardim provido de estatuas, resplendos e plantado de esbeltas euforbiáceas.

Em Sabará um jardim bonito era o da Intendência do Ouro, edifício felizmente e primorosamente restaurado pelo Serviço de Patrimônio Histórico, que nele está instalando o Museu do Ouro. O jardim devia ficar nos fundos, e era, como disse, bem, bonito, segundo o viu Saint-Hilaire em 1818 (2.ª viagem), com a sua alameda de laranjeiras. Seria conveniente que o Serviço empreendesse também a restauração deste jardim, nos seus antigos moldes brasileiros.

Barbacena sempre vivera da sua posição de entroncamento do caminho de oeste, vindo de São Paulo, por São João d'El-Rei, com a estrada de penetração, que subia do Rio para Villa Rica, prosseguindo depois para o norte, até à Baía Barbacena, na qual fora, assim, zona de mineração e vivia na sua modestia sem altos e baixos, como uma montanha desataviada, mas linda. O clima de altura lhe enchia de flores os jardins, como até hoje, e o nosso Saint-Hilaire anotou no seu caderno as belas perspectivas floridas que ofereciam os quintais barbacenenses, descendo pelas encostas. Havia latadas, carregadas de sumarentos cachos de uvas; e, ao lado, delas brotavam as mais delicadas flores, entre as quais o botânico destaca com especialidade os cravos e as chamadas saudades. Os cravos de Barbacena enchiam ainda as vitrinas dos floristas do Rio, mas as velhas saudades, flores tão profundamente nossas, tão ligadas quanto os bogaris às tranças das virgens imperiais, estas desapareceram quase por completo. Propunha a urgente reabilitação da saudade, do bogari, da palpitante de coração, do rubor incoerente, das sortes de São João e dos romances de Joaquim Manoel de Macedo, ingênuas malícias que tão lindas faziam as nossas avós. As nossas avós que, embora lessem "A Moreninha" e "O Mago Louro", mal sabiam escrever, mas que conheciam toda a complicada linguagem da correspondência por meio de flores.

Uma certa flor enfiada nos cabelos, contida na moedinha breve, metida dentro de uma carta, valia como uma sentença inapelável de rigor ou como um ralo de esperança. Absinto, aúscula; acácia, amor platônico; anemona, abandono; balsamina; impacência; bela-do-dia, vaidade; bel-da-noite, timidez; botão de rosa, virgindade; camélia, agradecimento; cravo rosa, amor sincero; cravo amarelo, exigência; dália, austeridade; eglantina, poesia; espíndero, esperança; flor de laranja, castidade; gerânio, preferência; jacinto, acolhimento; jasmim de Espanha, sensualidade; junquillo, desejo; loureiro rosa, desconfiança; lília branco, juventude; lília comum, primeiro amor; margarida, d'vida; narciso, engano; rosa, beleza; rosa amarela, infidelidade; rosa rubra, volúpia; sensitiva, candura; tulipa, declaração de amor; verbena, encantamento; vinha, embriaguez; violeta, modestia... Eis para que serviam os jardins das nossas avós.

Saint-Hilaire nos fala ainda de outros jardins bem tratados, como o da fazenda de Paulo Barbosa da Silva, o futuro e poderoso Mordomo da Casa Imperial, perto de Sabará. Seu pomar plantado de jaboticabeiras, (as famosas jaboticabeiras "sabará") e laranjeiras, era cortado de pequenos regos cristalinos. São clássicos, aliás, em Minas, esses pomares de fazendas velhas, cortados de pequenos cursos atravessados por pontes de tábuas. O da fazenda "Pampu-

lha", do velho Bernardo Monteiro, fazia as minhas delícias infantis. Em 1819 o sábio francês esteve em certo jardim de São João d'El-Rei, que provocou o seu maior entusiasmo. Havia um desperdício de grumichamas, canánciras, jaboticabeiras e mangueiras tropicais. E, junto a estas árvores de zonas temperadas, como pereiras, macieiras, romaneiras, ameixeiras, castanheiros e pessegueiros. O escritor diz ter comido uma manga e uma romã, que achou excelentes, e provavelmente se admirou de as ver crescendo lado a lado.

Em 1818 outro sábio, o dr. Pohl, dedica algumas linhas aos jardins da longínqua Paracatu. Quase todas as casas da vila sertaneja se cercavam desses espaços, onde as flores eram plantadas junto com frutas, nativas ou trazidas pelos portugueses: bananas, laranjas, limões, jaboticabas, genípos, jacás.

Logo depois da Independência, em 1825, inaugurou-se, em Ouro Preto, o Jardim Botânico da província, onde se cultivavam principalmente o chá (o famoso chá de Ouro Preto), e as amoreiras. Este jardim foi planejado pelo botânico mineiro, padre Joaquim Veloso de Miranda, muito confundido, por causa da semelhança de nome e de trabalhos, com o seu illustre conterrâneo, frei Veloso (padre José Maria da Conceição Veloso), o consagrado autor da "Flora Fluminense" e grande amigo de Bocage. A existência contemporânea dos dois Velosos mostra, aliás, o favor em que eram tidos na Minas colonial, os assuntos de ciência botânica.

Outro sábio famoso, que nos deixa viva descrição de um jardim mineiro, é Agassiz. Em 1865 o illustre naturalista é hóspede de Mariano Procópio, na sua fazenda acastelada de Juiz de Fora, hoje transformada no magnífico museu Mariano Procópio. Em torno à casa havia um verdadeiro parque, ainda existente, e Agassiz se demora em descrevê-lo com sincero encantamento. Ali se achavam recondidos árvores e arbustos raros, bem como numerosas qualidades de flores e parasitas. As alamedas eram bordadas de se-

bes rústicas, e, no meio de uma delas, se achava a chamada grota dos Príncipes. Esta grota era um retiro de sombra e frescura, muito querido pelas filhas do Imperador, onde uma fonte clara saltava da rocha vi-

va, toda engulfiada de orquídeas e parasitas. Velhos jardins mineiros, em cujas aleias silenciosas cremos pressentir ainda os passos leves de tantas sombras amáveis e desaparecidas...

FUGA



MEU CAVALO VOADOR
MAIS ALTO MAIS ALTO AINDA
MINHA MADRINHA ME DEU
UM POZINHO ENCANTADO
QUE FAZ RIOS LARGOS, PROFUNDOS
JOGO NO AR O MEU DOM
ENTRE O MEU E OS OUTROS CÉUS
NÃO FICOU NENHUMA PONTE

SARA SOUSA

A vida é de cabeça baixa

(Continuação da página anterior)

história levam? Uns, a miséria. Uns, a morte. E como ficaram saínhos?

VICENTE LICINIO CARDOSO

Uma grande fé. Um esforço maior. O que fazia, vinha sempre com o gosto da felicidade. Minucioso. Exato. Punha a afirmação do espírito acima das idéias práticas e por isso mesmo as suas idéias, desconhecidas, ficaram longe da confusão cotidiana. Pelo entendimento geral, pela certeza com que via e descobria, aquele rapaz de passos vagarosos levava a pressa de um Brasil diferente. Passos perdidos. Pressa em vão. De súbito, sentiu que estava fatigado, exausto de tanto trabalho inútil. Apavorou-se: ia ficar imbecil! Não quis dar o espetáculo da triste decadência aos que o amavam e admiravam. Matou-se. Se fosse ambicioso, se desejasse aplausos e proveitos, a convicção do cretinismo próximo não seria um motivo de morrer. — seria a própria razão de viver...

NÃO OBSTANTE...

André Gide, na sua viagem pelo Congo, escreveu: "Espero voltar do Congo, para saber o que vim fazer aqui". Os vivos podem compor as memórias da vida. As razões da vida, as razões da vida, só os mortos conseguirão dizer...

PASSATEMPO

Deve-se dizer tudo o que se sente. Para, mais tarde, pensar que se sentiu errado. É uma distração...

SEM REMÉDIO

Faustino Espozel, professor da Faculdade de Medicina, deu duas aulas em 1929 sobre o caso do "projeta da Gávea". Espôs observações, fez paralelos, citou opiniões de grandes mestres nacionais e estrangeiros, concluiu:

— Pelas suas tendências para a bondade e o amor da humanidade, esse homem é um demente incurável.

Li ontem que o reverendo J. P. Bacon Philipps, do Brighton, na vizinhança dos oitenta anos, tinha escrito quasi com mil cartas nos jornais, desde 1897, sugerindo medidas, planos, idéias capazes de melhorar as condições morais e económicas do mundo. De tantas cartas, apenas umas seis mil foram publicadas. E ele pretendia escrever mais.

O reverendo J. P. Bacon Philipps, se ainda não morreu, deve ser também um demente incurável.

COBAIA

Nessa forma é um resumo. Porque, no mundo, tudo é cobaia. Tudo serve para experimentar descobertas, tudo, — principalmente os animais chamados racionais. Assim chamados pela prática de falar. Os outros, que esqueceram as palavras e que, com pequenas exceções, se entendem muito melhor, — são chamados: brutos. E aí está a prova mais dolorosa de que os animais chamados racionais não tem razão...

Na forma é um resumo. Porque, no mundo, tudo é cobaia. Tudo serve para experimentar descobertas, tudo, — principalmente os animais chamados racionais. Assim chamados pela prática de falar. Os outros, que esqueceram as palavras e que, com pequenas exceções, se entendem muito melhor, — são chamados: brutos. E aí está a prova mais dolorosa de que os animais chamados racionais não tem razão...

Na forma é um resumo. Porque, no mundo, tudo é cobaia. Tudo serve para experimentar descobertas, tudo, — principalmente os animais chamados racionais. Assim chamados pela prática de falar. Os outros, que esqueceram as palavras e que, com pequenas exceções, se entendem muito melhor, — são chamados: brutos. E aí está a prova mais dolorosa de que os animais chamados racionais não tem razão...

monarquista

TRECHO DE UMA CARTA A SALVADOR DE MENDONÇA

"... Não me demove a consideração de se ter sua folha consagrada a opinião adversa.

Embora esteja bem convencido de que há de ser o fato muito tolerado pela intriga que de antemão já me assinala como um republicano disfarçado, não o sou, meu caro, pois, que tanto se incomodam com os monarquistas de idéias e por isso se empenham em tratar-nos de hereses.

Pese-lhes embora: sou monarquista sincero e convicto.

Mas, como nunca profetizei o "felicismo", do realismo, espero a futuro para minhas idéias da civilização do povo, nunca da sua ignorância.

Quero que meu país seja monarquista, não pela rotina, mas por verdadeira fé nessa instituição.

E, para isso, é necessário que se estude as doutrinas opostas e se esclareça com a livre discussão.

Se o encanto da República, a magia que exerce nos espíritos entusiasmados, está — permitam-me a franqueza — no "fruto proibido", o carisma dos monarquistas, o que lhes não é cerne, é a "presunção" infalibilidade.

Convencidos, nós, os monarquistas, de que é possível atacar a coroa dela invencível, correremos a defender a brecha, por onde, no momento do perigo, há de fugir espantados, os gansos do Capitólio...

EFEMÉRIDES DA ACADEMIA

13 DE DEZEMBRO

1839 — Nascimento de Pedro Luiz, patrono da cadeira n. 21, criada por Luiz Guimarães, que teve como substituto João Ribeiro. O autor de "Floresta de Exemplos" foi substituído por Paulo Setúbal e este pelo sr. Cassiano Ricardo.

15 DE DEZEMBRO

1896 — Primeira reunião da Academia, na sala da redação da "Revista Brasileira", a fazenda do Ovidio, 31. Foi eleito presidente Machado de Assis.

16 DE DEZEMBRO

1865 — Nascimento de Olavo Bilac, criador da cadeira n. 15, que tem como patrono Gregório de Matos. O poeta de "Odeador de Esmeraldas" foi substituído por Amadeu Amaral e este pelo sr. Guilherme de Almeida.

1865 — Nascimento de Souza Bandeira, substituído de Martins Junior, e que foi substituído pelo sr. Heitor Lobo, na cadeira n. 13.

18 DE DEZEMBRO

1906 — Fosse solene de Euclides da Cunha, eleito para substituir Valentim Magalhães na cadeira n. 7, que tem como patrono Castro Alves.

19 DE DEZEMBRO

1936 — Falecimento de J. M. Goulart de Andrade, eleito para a cadeira n. 6, em substituição a Jacuqui. Por sua morte foi eleito o sr. Barbosa Lima Sobrinho.

Xavier Marques, na intimidade

No ensaio "Xavier Marques na intimidade", da autoria de Asterio de Campos, divulgado no último suplemento, onde se lê: "no mundo intelectual em rola" — deve ler-se: "no mundo intelectual e moral, procurando dar à sua vida a integridade de sua obra". "Junto ao grande romancista, tão comunicativo e simplíssimo é ele" — "Junto ao grande romancista, sinto-me aureolado de sua imortalidade, tão comunicativo e simplíssimo é ele" — "uma cena de Bretanha" — "uma cena da Bretanha" — "O sol, numa rajada de luz" — "O sol, numa rajada de luz" — "redução moral e intelectual" — "redução moral e intelectual"; "por espiar da porta envidraçada" — "por um esvazio da porta envidraçada".